

Concepções sobre a
organização ofensiva no jogo de
FUTEBOL



Paulo Henrique Borges
Anderson Santiago Teixeira
Juliano Fernandes da Silva
Michél Angillo Saad

Organizadores

Concepções sobre a organização ofensiva no jogo de futebol

**Paulo Henrique Borges
Anderson Santiago Teixeira
Juliano Fernandes da Silva
Michél Angillo Saad**

Organizadores

Fundação Universidade de Caxias do Sul

Presidente:
José Quadros dos Santos

Universidade de Caxias do Sul

Reitor:
Gelson Leonardo Rech

Vice-Reitor:
Asdrubal Falavigna

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:
Everaldo Cescon

Pró-Reitora de Graduação:
Flávia Fernanda Costa

Chefe de Gabinete:
Marcelo Faoro de Abreu

Coordenadora da EDUCS:
Simone Côrte Real Barbieri

Conselho Editorial da EDUCS

André Felipe Streck
Alessandra Paula Rech
Alexandre Cortez Fernandes
Cleide Calgaro – Presidente do Conselho
Everaldo Cescon
Francisco Catelli
Guilherme Brambatti Guzzo
Matheus de Mesquita Silveira
Sandro de Castro Pitano
Simone Côrte Real Barbieri
Suzana Maria de Conto
Terciane Ângela Luchese
Thiago de Oliveira Gamba

Comitê Editorial

Alberto Barausse
Universit  degli Studi del Molise/Itália

Alejandro González-Varas Ib n ez
Universidad de Zaragoza/Espanha

Alexandra Arag o
Universidade de Coimbra/Portugal

Joaquim Pintassilgo
Universidade de Lisboa/Portugal

Jorge Isaac Torres Manrique
Escuela Interdisciplinar de Derechos Fundamentales
Praeeminentia Iustitia/Peru

Juan Emmerich
Universidad Nacional de La Plata/Argentina

Ludmilson Abritta Mendes
Universidade Federal de Sergipe/Brasil

Margarita Sgr o
Universidad Nacional del Centro/Argentina

Nathália Cristine Vieceli
Chalmers University of Technology/Suécia

Tristan McCowan
University of London/Inglaterra



Revisão Izabete Polidoro Lima
Edição: Kuze Diagramação
Capa: Claudia Velho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Universidade de Caxias do Sul

C744 Concepções sobre a organização ofensiva no jogo de
futebol / organizado por Paulo Henrique Borges ... [et al.]. – Caxias do Sul,
RS : Educs, 2022.
188 p. : il ; 14x21 cm.

ISBN 978-65-5807-203-4
Modo de acesso: World Wide Web.
Vários autores.

1. Futebol - Treinamento técnico. 2. Jogos de bola. 3. Esportes. I. Borges,
Paulo Henrique.

CDU 2. ed.: 796.332

UCS - BICE - Processamento Técnico

Índice para o catálogo sistemático:

- | | |
|----------------------------------|---------|
| 1. Futebol - Treinamento técnico | 796.332 |
| 2. Jogos de bola | 796.3 |
| 3. Esportes | 796 |

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária

Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460



Direitos reservados a: EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS –
Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197
Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br

Concepções sobre a organização ofensiva no jogo de futebol



Fonte: Elaborado por Maria Luísa Böing Tonello (4º A do Colégio de Aplicação da UFSC).

Paulo Henrique Borges
Anderson Santiago Teixeira
Juliano Fernandes da Silva
Michél Angillo Saad

Organizadores



Fonte: Elaborado por Maria Luísa Böing Tonello (4º A do Colégio de Aplicação da UFSC).

Sumário

Prefácio / 9

Parte 1 / 15

Elementos introdutórios sobre a organização ofensiva de equipes de futebol / 17

Pressupostos conceituais sobre a tomada de decisão durante a organização ofensiva / 45

Parte 2 / 80

Aplicando a pedagogia do jogo: reflexões sobre a intervenção do(a) treinador(a) / 81

A implementação de uma cultura de ataque nas categorias de base: os desafios da coordenação técnica / 101

Parte 3 / 129

Conceitos e princípios táticos da fase ofensiva do futebol / 131

Construção da organização ofensiva de equipes de futebol: minhas ideias de jogo / 149

Apoios para a realização desta obra / 177

Sobre os autores / 179

“Estou convicto de que o conteúdo desta literatura irá transcender as barreiras de campo, trazendo ferramentas valiosas que serão soluções técnicas e práticas, que vão impactar diretamente o desenvolvimento do clube de forma transdisciplinar”
(Agnello Gonçalves – dirigente).

“A evolução do futebol no século XXI tem se apoiado em uma consistente produção de conhecimento ao redor do mundo, que, de maneira cada vez mais aplicada, tem se tornado suporte fundamental para o trabalho de treinadores esportivos e de suas comissões técnicas. Equalizada a esse propósito, esta obra traz uma série de capítulos que se tornarão indispensáveis nas temáticas de formação esportiva, dimensões técnico-táticas e metodológicas voltadas à organização ofensiva no futebol”
(Michel Milistetd – pesquisador).

“Os estudos multidisciplinares e os meios tecnológicos têm contribuído para a evolução do futebol. Essa obra com certeza irá embasar muitos profissionais, para que mantenham o DNA ofensivo do nosso futebol de forma organizada. Deste modo, poderemos potencializar muito mais o talento do jogador brasileiro através da tática individual e coletiva”
(Nívia de Lima – treinadora).

“O futebol mudou muito desde 2004, quando passei a trabalhar diretamente com ele. É preciso estar atento às mudanças e buscar conhecimento sempre. Uma obra como esta enriquece ainda mais o debate e as profissões, seja de analista de futebol ou daquele que está na outra ponta, fazendo o futebol acontecer”
(Rodrigo Faraco – jornalista).

Prefácio

Minha caminhada no esporte já me habilita a dizer que estamos passando por várias transformações, emergindo nas rodas de discussões o futuro do futebol e, conseqüentemente, a formação de atletas. Tais discussões transcendem, muitas vezes, as barreiras culturais e as mudanças nos ambientes de prática. Neste contexto, por se afastar muitas vezes da ciência e de estudos aprofundados, os debates se limitam, dentre outros motivos, por estarem rodeados de suposições, e é, a partir desta perspectiva, que justifico a necessidade de entender melhor todas as partes deste fantástico jogo.

Para além disso, o futebol conquistou lugar de destaque entre os esportes mais praticados em nível mundial, sendo jogado por milhões de pessoas em todos os continentes, tanto como forma de lazer quanto na forma de esporte competitivo e profissional.

Ao ter contato com esta obra, sem dúvida alguma fui submetido ao exercício de parar e refletir sobre a minha formação, de como tudo aconteceu: das horas de prática livre até o somatório de experiências em espaços orientados por um professor. Refleti também sobre o atual momento e cheguei a me questionar sobre o que será feito para compensar a ausência destas horas importantes praticadas na minha infância/juventude.

Tenho o privilégio de poder prefaciar a obra *Concepções sobre a organização ofensiva no jogo de futebol*, que, através de um amplo estudo aborda um tema tão sensível dentro

da nossa cultura esportiva. Este livro impacta pela proposta de provocar as análises, a organização, os princípios, os momentos e os métodos do jogo. Esta simbiose é capaz de fornecer bons elementos para o debate.

Destaca-se que o conteúdo traz à tona a tomada de decisão como pano de fundo para a organização ofensiva, aborda ainda uma série de elementos do jogo coletivo, e nos brinda com importantes observações para o desenvolvimento destas dinâmicas. Costumo dizer que este componente de decidir “bem” merece sempre atenção especial por parte dos professores/treinadores, pois existem particularidades importantes no trabalho coletivo no futebol, tais como: a paciência, as repetições, o envolvimento e muito conhecimento por parte de quem administra as sessões e promove o exercício, para provocar os atletas a tomarem boas decisões.

Os autores nos trouxeram uma abordagem suave e didática sobre todos estes elementos, buscando, através da sustentação teórica, nos conduzir para um imaginário de possibilidades, adotando uma estratégia de como utilizar vários autores, que são referência nos temas.

Ao longo da obra, encontraremos ainda a contemporaneidade acerca da intervenção do(a) treinador(a), versando sobre a importância da tríade treinador(a) – jogador(a) – ambiente. Sem dúvida, o tema contribui com importantes observações, que permitem um olhar ampliado sobre a utilização de regras excessivas e limitadoras para o desenvolvimento dos atletas.

A leitura da presente obra obriga-nos a ir além dos nossos limites e destaca sua importância no meio acadêmico e

campo prático; fecha algumas lacunas, cria outras e amplia nossa visão sobre as diversas possibilidades, na construção de nossas práticas.

Agradeço a oportunidade e destaco o privilégio de contribuir com os autores, indicando a obrigatoriedade da leitura por profissionais do esporte e, em especial, pelos(as) treinadores(as) de futebol. Parabéns, por se desafiar e contribuírem para o conhecimento dos temas e pela maneira como os temas foram dispostos e organizados. Este é mais um importante legado deixado ao futebol brasileiro.



Prof. Me. Marquinhos Xavier

Técnico da Seleção Brasileira de Futsal – CBF

Apresentação das imagens

A prática do futebol, no Brasil, está arraigada em nossa cultura popular. A modalidade se manifesta em ambientes formais, informais e não formais, permitindo a apreensão de procedimentos, atitudes e conceitos que elevam os conhecimentos e promovem a educação de quem o pratica.

Acreditamos que a educação do(a) futebolista passa diferentes locais e instituições nos quais ele(a) se inserem. No mundo pós-revolução industrial, estes variados ambientes costumam (não raras vezes) priorizar o adestramento de ideias, as memorizações e o desenvolvimento de comportamentos, em detrimento da adoção da criatividade e da inteligência, frutos da nossa originalidade e da nossa impressão digital.

Mas, para organizar ofensivamente as equipes de futebol, necessitamos precisamente do contrário, pois a criatividade e a inteligência são virtudes fundamentais para desestabilizar os sistemas defensivos adversários. Talvez os(as) futebolistas brasileiros(as) encontrem neste esporte um local que (ainda) permita a expressão e a valorização de suas idiossincrasias, o que vem sendo reconhecidamente a marca do nosso futebol e que nos trouxe cinco Copas do Mundo Fifa.

Cientes deste contexto, durante a produção deste livro, buscamos inverter essa lógica e promover a criatividade de nossas crianças e adolescentes. Juntamente com as Profas. Dra. Sheila Maddalozzo e Dra. Priscila Cristina dos Santos, aquela coordenadora do Espaço Estético CA/UFSC e Pro-

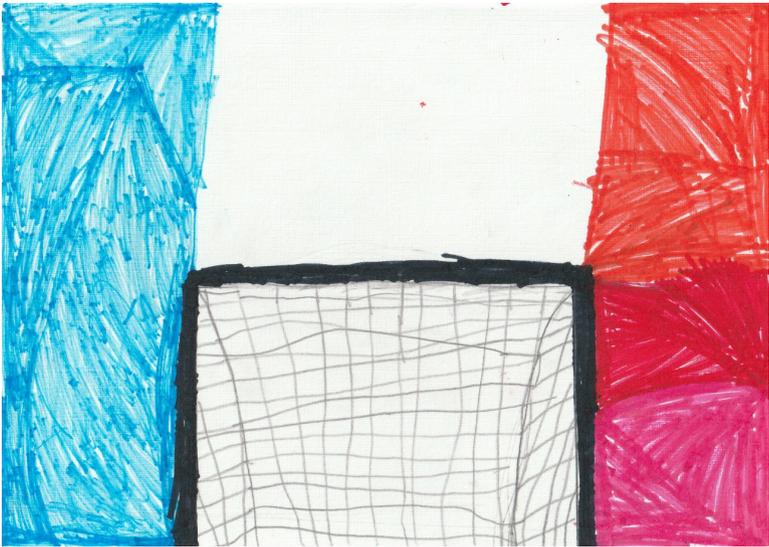
fessora de Artes Visuais, e esta docente de Educação Física, no Colégio de Aplicação da UFSC, convidamos os alunos e alunas do referido colégio para que pudessem expor suas ideias, crenças e valores ligados ao futebol, colorindo este material por meio de ilustrações.

Nesse sentido, a ilustração da capa foi produzida por Maria Luísa Böing Tonello (4º A). O Ryan Schaer Higashi (2º C) produziu o desenho logo abaixo deste texto. O Enzo Morossini Valduga (2º C) elaborou o desenho da 1ª parte do livro, enquanto a Julia Maria Hach Correia (4º B) desenhou a imagem da 2ª parte, e a Serena do Nascimento Santos (4º A) fez o desenho da 3ª parte do material. Agradecemos o excelente trabalho desenvolvido pelas professoras e pelas crianças e adolescentes do Colégio de Aplicação da UFSC.



Fonte: Elaborado por Ryan Schaer Higashi (2º C do Colégio de Aplicação da UFSC).

Parte 1



Fonte: Elaborado por Enzo Morossini Valduga (2º C do Colégio de Aplicação da UFSC).

Elementos introdutórios sobre a organização ofensiva de equipes de futebol

Paulo Henrique Borges¹

Lucas Shoiti Carvalho Ueda¹

Michél Angillo Saad¹

Rodrigo Freire de Almeida²

José Guilherme³

Introdução

Muitas crianças descobrem no futebol uma forma de se expressar e de se comunicar com o mundo. Imersos em um ambiente que manipula a realidade; que absorve os jogadores para o mundo do jogo; que promove a liberdade para agir e se expressar e que possui características de frivolidade e êxtase (HUIZINGA, 2019), os praticantes encontram na modalidade uma possibilidade singular de se expressarem individual, concomitante e coletivamente, refletindo características socioculturais dentro de campo (MACIEL, 2011).

A intensa prática do futebol em ambientes informais no Brasil (SCAGLIA; REVERDITO, 2009) tem possibilitado a experimentação do jogo deliberado por crianças e adolescentes (CÔTÉ, 1999), isto é, a participação em atividades de prática não estruturadas, realizadas, espontaneamente, e reguladas pelos próprios praticantes (KOSLOWSKY, 2009). Essas brincadeiras e os jogos

¹ Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

² *Kafue Celtics Football Club*, Diretor Técnico, Zâmbia.

³ Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Portugal.

populares parecem favorecer o desenvolvimento da criatividade em jogo (FONSECA; GARGANTA, 2006; ROCA; FORD, 2021), o que corrobora as características históricas e a formação identitária do futebol brasileiro: criatividade, irreverência, futebol-arte e qualidade técnica. Tais características e competências têm delineado de forma única o conceito de estética e, por conseguinte, apontado traços daquilo que se considera uma maneira de jogar com qualidade no Brasil (SCAGLIA, 2003).

De fato, ao longo do tempo, os jogadores brasileiros foram conhecidos pela criatividade em campo, pela intensa troca de passes e pela grande qualidade individual de seus jogadores, exemplos de atributos que fizeram o treinador espanhol, Pep Guardiola, dizer que os comandados por Telê Santana na Copa do Mundo de 1982 foram “a seleção mais maravilhosa que existiu”. Para Rinus Michels (2001), Zagallo inovou ao organizar os jogadores campeões mundiais de 1970 no sistema 1-4-2-4, convencendo futebolistas de nível mundial, tais como: Pelé, Tostão, Rivelino e Jairzinho, a contribuírem durante a perda de posse da bola.

Conforme aludido acima, ao longo de diferentes gerações, o futebol brasileiro tem formado jogadores e jogadoras talentosos(as) para o futebol mundial. Adicionalmente, nas últimas décadas, a modalidade vem usufruindo cada vez mais de subsídios teórico-científicos, para ajudar a buscar soluções para seus problemas. A organização ofensiva das equipes, que, durante muito tempo, foi outorgada ao improviso dos futebolistas (WILSON, 2016), vem ganhando cada vez mais o cuidado dos treinadores de futebol, durante os treinamentos (GAAL, 1997).

Mesmo com a globalização do futebol (e, possivelmente, de suas ideias), acreditamos que ainda existem elementos identitários e culturais únicos que caracterizam os jogadores canarinhos, durante sua organização ofensiva. Nesta perspectiva, considerando que toda intervenção teórico-prática é orientada por uma visão de mundo, um arcabouço conceitual por parte dos diferentes agentes que operam no sistema do futebol (BETTEGA et al., 2021), refletir sobre tais informações permitirá a adoção de treinos estabelecidos a partir de intenções coerentes e ajustadas às ideias que pretendem desenvolver treinadores e profissionais envolvidos na modalidade.

Nesse sentido, o presente capítulo tem por objetivo apresentar uma introdução às informações conceituais que envolvem a organização ofensiva de equipes de futebol. Não se pretende apresentar ideias prontas e acabadas, mas sim provocar reflexões nos leitores, de modo a realçar conceitos que poderão enriquecer a qualidade ofensiva das equipes, agregando valor às múltiplas características tático-técnicas e socioculturais evidenciadas em nosso País.

Organização funcional no jogo de futebol

O jogo de futebol pode ser entendido à luz da dinâmica ecológica (GARGANTA, 2005), em que as aprendizagens dos elementos tático-técnicos emergem da confluência dos constrangimentos impostos pelas características do indivíduo, do ambiente ecológico e da tarefa em questão (DAVIDS; BUTTON; BENNETT, 2005). A partir dessa assunção, reconhece-se que as movimentações no espaço de jogo contam com certo grau de independência em nível

dos confrontos diretos 1x1 e também em nível de confrontos parciais entre jogadores de ambas as equipes. Porém, no cômputo geral, os comportamentos manifestados pelos futebolistas são direcionados pela construção de um sentido coletivo, e subordinados aos objetivos comuns de toda a equipe. Desse modo, os jogadores tomam decisões sobre *onde* e *quando* ir, a partir da percepção do espaço e dos agentes que operam no macrossistema *jogo*. É realizada, assim, a intrincada relação entre as ações tático-técnicas executadas pelo indivíduo, com as movimentações realizadas por companheiros e adversários (CASARIN *et al.*, 2011; GARGANTA, 2009; HEWITT; GREENHAM; NORTON, 2016).

Para que os treinadores respeitem essa característica sistêmica, complexa, interativa e não linear do jogo de futebol, durante os treinamentos da organização ofensiva, torna-se imprescindível que sejam feitas reflexões acerca da organização funcional que se pretende fazer emergir, buscando coordenar padrões e/ou princípios de ação coletivos. Essa organização consubstancia-se a partir da profunda compreensão e interação entre os momentos de jogo e os respectivos princípios que se pretende que evidenciem e das diferentes escalas da organização que permitem sua emergência.

Momentos do jogo

O jogo de futebol caracteriza-se a partir das relações antagônicas que se manifestam, tanto em ações individuais (atacante *vs.* defensor) quanto a partir de ações coletivas

(ataque *vs.* defesa), que envolvem a posse ou a não posse da bola.

De acordo com Castelo (2009), o processo ofensivo é determinado pela equipe que se encontra em posse da bola; que busca a marcação de gols sem infringir as leis do jogo, enquanto a fase defensiva é caracterizada pela luta da equipe para recuperar a posse de bola, evitando gols e o cometimento de infrações.

Teodorescu (1984) refere que fases de ataque e defesa devem ser organizadas, a fim de se coordenar, racionalmente, as ações que se pretende desenvolver ao longo da partida. Ainda de acordo com o referido autor, a estruturação do ataque deveria considerar o planejamento e a interpretação de cinco subfases ofensivas: I) entrada para a posse de bola; II) passagem ao campo ofensivo; III) ocupação do espaço ofensivo; IV) construção do ataque; e V) finalização do ataque.

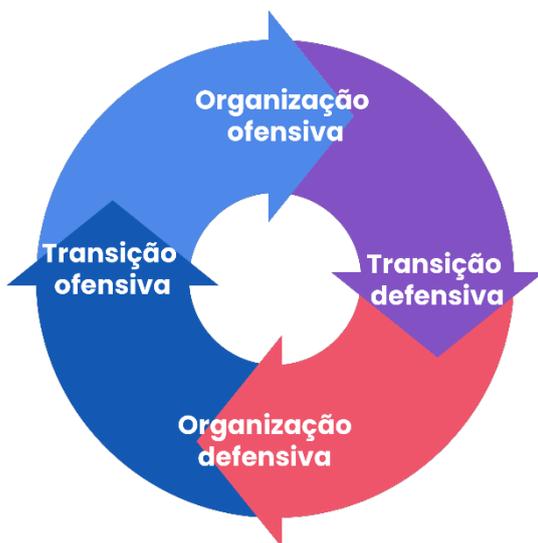
A entrada para a posse de bola (I) advém do sucesso das ações defensivas realizadas pela equipe, que recupera a posse de bola. Muitas equipes recuperam a posse de bola no campo defensivo, próximos à própria meta. Desse modo, os atacantes precisam passar ao campo de ataque de maneira organizada, requisitando, para tal finalidade, a adoção de um método ofensivo, normalmente um contra-ataque, um ataque rápido ou um ataque posicional (II). A terceira subfase consiste em ocupar o espaço ofensivo, por meio da colocação dos jogadores nos lugares previstos no sistema de ataque adotado, concomitantemente à troca de passes (III). A construção do ataque (IV) manifesta-se pela troca

de passes permanente e a realização de ações tático-técnicas que objetivem desorganizar a defesa adversária, criando situações favoráveis à finalização. Finalmente, a última subfase do ataque (V) ocorre, quando um jogador concretiza o ataque por meio de uma finalização a gol (AMIEIRO, 2005).

Não obstante, Garganta *et al.* (2013) alertam que a dinâmica do jogo não reclama, necessariamente, que os jogadores passem por todas as subfases de ataque e/ou defesa. Se, por exemplo, um jogador recupera a posse de bola próximo ao gol adversário e estiver em uma situação favorável para progredir e finalizar a meta, esta deveria ser imediatamente feita e não a passagem por todas as subfases supramencionadas.

Ainda é importante lembrar que o ataque e a defesa apresentam objetivos e comportamentos distintos entre si. Então, quando os jogadores estão defendendo e recuperam a posse de bola, imediatamente devem ser adotados comportamentos tático-técnicos que remetam ao ataque. A organização dos momentos de ligação entre essas fases – também conhecidas com transições – permitirá uma passagem fluida pelos diferentes momentos do jogo, em que pese as influências e interações que um momento exerce sobre o outro. As ações tático-técnicas assumidas, durante os segundos imediatos à perda e/ou à recuperação da bola (transições), assumem papel decisivo no desempenho dos jogadores e das equipes (AMIEIRO, 2005).

Figura 1 – Momentos do jogo de futebol



Fonte: Elaboração dos próprios autores.

A compreensão funcional do jogo, a partir de sua inteireza inquebrantável e da articulação de sentido (FRANCO, 2006), entre os momentos de jogo e os princípios táticos, permitirá a adoção de comportamentos coerentes com as ideias que se pretende desenvolver, favorecendo um rendimento superior, pois as ideias desenvolvidas em um momento condicionam física, técnica, tática, e psicologicamente, a maneira como se irá interpretar o momento subsequente. Então, pensar na organização destas subfases ofensivas poderá auxiliar as equipes de futebol a manifestarem uma organização ofensiva fluida e eficiente.

Métodos ofensivos

Durante a realização de um ataque, as equipes de futebol devem buscar desestabilizar, permanentemente, a

defesa adversária, direcionar as ações ofensivas para o gol adversário, bem como criar condições para a obtenção do gol (CASTELO, 2009). Apesar destes serem objetivos comuns, as equipes divergem na maneira como ocupam o terreno de jogo e se movimentam nele, no modo de gerir o tempo e o ritmo de jogo, e também na forma de coordenar as ações individuais, grupais e coletivas (GARGANTA, 1997). A consecução desses objetivos reclama a adoção de um modo coletivo de interpretar as circunstâncias que emergem na partida, aqui denominados métodos ofensivos: o contra-ataque, o ataque rápido e o ataque posicional.

O contra-ataque é caracterizado por uma rápida transição da defesa para o ataque, com um reduzido tempo de construção das jogadas ofensivas, sem que os adversários tenham recuperado suas posições defensivas, isto é, existe a tentativa de aproveitar certo desequilíbrio posicional e/ou numérico-defensivo adversário. O ataque rápido também utiliza uma rápida transição do campo defensivo para o ofensivo. Neste método, a defesa adversária encontra-se equilibrada; todavia, a procura por desmarcações fundamentalmente em profundidade, a circulação rápida da bola (em profundidade e/ou em largura), concomitantemente com a procura da objetividade ofensiva caracterizam este método. Finalmente, no ataque posicional, as equipes tentam desorganizar o adversário por meio de maior troca de passes e alternância de ritmos, explorando os diferentes corredores do campo e procurando uma interação permanente entre desmarcações de apoio e ruptura (GARGANTA, 1997).

As seleções brasileiras, historicamente, têm se apropriado das ideias/características relacionadas ao ataque posicional, com maior circulação de bola, durante os processos ofensivos (Quadro 1). Contudo, torna-se pertinente realçar que não existe uma única maneira de gerir a passagem para o campo ofensivo: todas as maneiras podem ser bem-sucedidas e levar ao êxito, desde que sejam respeitadas as características dos jogadores, as ideias de jogo, os elementos socioculturais implicados nos clubes e nas federações e feito uso de bons contextos de exercitação nos treinamentos (BORGES *et al.*, 2015).

Quadro 1 – Indicadores para diferenciar o método ofensivo empregado pelas equipes de futebol

Contra-ataque	Ataque rápido	Ataque posicional
Bola recuperada em qualquer parte do campo	Bola recuperada em qualquer parte do campo	Bola recuperada em qualquer parte do campo
Realização de cinco ou menos passes	Realização de até sete passes	Realização de mais de sete passes
Duração da sequência ofensiva igual ou menor a 12 segundos	Duração da sequência ofensiva igual ou menor a 18 segundos	Duração da sequência ofensiva maior do que 18 segundos
Equipe adversária avançada no campo de jogo e defensivamente desequilibrada	Equipe adversária equilibrada defensivamente	Equipe adversária equilibrada defensivamente
Circulação da bola mais em profundidade do que em largura	Circulação da bola em largura e profundidade	Circulação da bola mais em largura do que em profundidade
Ritmo de jogo muito rápido	Ritmo de jogo rápido	Ritmo de jogo cadenciado

Fonte: Adaptado de Borges *et al.* (2019), Castelo (2009) e Garganta (1997).

Escalas de organização

Nas últimas décadas, muitos profissionais do futebol têm realçado a pertinência de treinamentos específicos para promover o desenvolvimento de competências táticas, técnicas, físicas e psicológicas, ligadas à matriz dinâmica que se pretende desenvolver no processo (BORGES *et al.*, 2014). Essa lógica pode induzir à possibilidade de abordar, nos treinamentos, uma grande densidade de exercícios com a estrutura do jogo formal (11 *vs* 11 jogadores). Não obstante sua importância, um volume exagerado poderá promover dois problemas centrais.

O primeiro problema seria de ordem fisiológica. Imaginemos que uma equipe jogue uma vez por semana (aos domingos). Evidências científicas têm apontado a necessidade de 72 horas de recuperação após a partida, para evitar a fadiga das estruturas corporais implicadas no jogo (NOOR *et al.*, 2021). Desse modo, se nos treinos subsequentes ao referido jogo ocorrer uma estimulação física e fisiológica similar ao jogo formal, poderemos não promover a recuperação completa dos jogadores, o que trará prejuízos ao desempenho esportivo desses futebolistas. Não obstante o referido, poderá dar-se o caso de se continuarmos a realizar exercícios com a estrutura de 11 *vs* 11, mas controlando o tempo de exercitação e/ou o espaço de jogo, minimizando o impacto negativo mencionado. Porém, essa manipulação remete-nos para o segundo problema, a quantidade de ações táticas e técnicas que emergem nas estruturas 11 *vs* 11.

De acordo com Liu *et al.* (2015), nos jogos da fase de grupos da Copa do Mundo Fifa 2014, as equipes fizeram,

em média e por jogo, 13 chutes a gol, 443 passes, 56 passes longos, 18,9 cruzamentos e 8,8 dribles. Considerando estes números, observa-se que a frequência de realização das ações técnicas no jogo formal é reduzida, tornando-se, significativamente, insuficiente para que os diferentes jogadores consigam atingir os elevados níveis de proficiência, que são exigidos para se jogar com elevada qualidade. Também em nível tático o mesmo sucede. Existem interações e dinâmicas entre jogadores e/ou setores, tanto defensivas como ofensivas, que têm de ter um nível de sincronização muito elevado; a quantidade de vezes que acontecem em situação de 11 *vs* 11 é muito reduzida, para que a perfeição seja evidenciada. Como tal, existe a necessidade de manipular o processo de treino e os respetivos exercícios, de modo que essa quantidade de vezes que é necessária, para que as dinâmicas pretendidas possam emergir, seja patenteada.

Com o objetivo de ultrapassar estes problemas operacionais e funcionais, existem autores que defendem a ideia do trabalho através de diferentes escalas de interação (GUILHERME, 2004). Isto é, de ter a capacidade de manipular os exercícios de treino aos níveis da quantidade de jogadores, dos espaços de jogo e dos tempos de exercitação, que permita que a equipe e os respectivos jogadores possam treinar os comportamentos pretendidos pelo treinador, com a densidade necessária para que a perfeição possa ser atingida.

As escalas propostas por esses autores são: a coletiva, a intersetorial, a setorial, a grupal e a individual. A escala coletiva contempla os exercícios em que todos os jogadores da equipe estão envolvidos, isto é, contextos de 11 *vs* 11,

independentemente do espaço utilizado. A esta escala, normalmente, estão associados os conteúdos relacionados com os princípios e os subprincípios de jogo.⁴ A escala interseccional está relacionada com os exercícios que promovem as interações comportamentais, normalmente subprincípios, dos jogadores pertencentes a dois setores distintos da equipa. Por exemplo, o setor defensivo com o setor intermédio, o setor intermédio com o setor atacante ou, ainda, o setor defensivo com o setor ofensivo. A escala setorial pretende promover e potenciar as ações e interações comportamentais, normalmente subprincípios, que os elementos do mesmo setor têm entre si. A escala grupal está relacionada com um grupo de jogadores que pertencem a diferentes setores, mas têm uma conexão muito grande entre si. Por exemplo, podemos considerar os dois zagueiros com o volante, o lateral direito, o volante e o ponta direita, dentre muitos outros grupos de jogadores, que têm ligações muito próximas e assumem especial atenção nas dinâmicas das equipas. Todavia, devemos levar em consideração que os grupos de jogadores desta escala estão muito dependentes da forma como o treinador pretende que sua equipa e seus jogadores interajam, ou seja, os subprincípios que pretende que sejam evidenciados entre estes jogadores. Por fim, temos a escala individual, esta focaliza-se, fundamentalmente, nas funções e competências dos diferentes jogadores relacionadas com seu estatuto posicional específico.

⁴ Os princípios e subprincípios de jogo são referências que os treinadores dão aos jogadores, através do processo de treino, do modo como estes devem resolver os problemas que emergem nos diferentes momentos de jogo.

Tendo em consideração o referido, a manipulação do trabalho por escalas permite uma gestão fisiológica de todo o processo de treino e um controle didático de todos os conteúdos, princípios, subprincípios de jogo e habilidades técnicas específicas, que se deseja treinar, com a densidade necessária para que a evolução e os desempenhos sejam potenciados e maximizados.

Princípios de jogo

Nos últimos anos, muitos treinadores e profissionais envolvidos com o treino do futebol têm realçado a importância do trabalho dos princípios táticos no ambiente do futebol, o que tem, inclusive, subsidiado a proposição de testes cientificamente validados para a avaliação destes constructos (GARCÍA-LÓPEZ *et al.*, 2013; OSLIN; MITCHELL; GRIFFIN, 1998; RECHENCHOSKY, 2020; TEOLDO *et al.*, 2011). Teoldo, Guilherme e Garganta (2015) referem que os princípios de jogo constituem normas sobre o jogo, que proporcionam soluções táticas aos problemas advindos da partida. O treinamento deles assume contornos decisivos, pois permite a realização de dinâmicas que facilitam o cumprimento dos objetivos tático-técnicos, nas diferentes escalas de organização.

Os princípios táticos gerais remetem à gestão de espaço e ao número de jogadores nas zonas de competição pela bola. Queiroz (1983) conceitua esse constructo ancorado em três premissas, sendo elas: (I) não permitir a inferioridade numérica; (II) evitar a igualdade numérica; e (III) procurar criar a superioridade numérica, gerenciando a

disposição espacial dos jogadores e as relações cooperativas e opositivas, nos setores de disputa pela posse de bola.

Os princípios táticos operacionais guardam relação com conceitos atitudinais dos jogadores, em ambas as fases do jogo – defensiva e ofensiva. Quanto à fase de defesa, consideram-se os seguintes princípios: (I) anular as situações de finalização; (II) recuperar a bola; (III) impedir a progressão do adversário; (IV) proteger a baliza; e (V) reduzir o espaço de jogo adversário; já o momento de ataque traz consigo os preceitos: (I) conservar a bola; (II) construir ações ofensivas; (III) progredir pelo campo de jogo adversário; (IV) criar situações de finalização; e (V) finalizar a baliza adversária (BAYER, 1994).

Os princípios táticos fundamentais, cuja proposição tem por base um conjunto de atributos que orientam as ações comportamentais individuais e coletivas, nas fases ofensivas e defensivas do jogo, objetivam organizar os jogadores de uma mesma equipe e buscam causar desequilíbrios nas ações adversárias. Esses princípios levam em consideração referências espaciais dinâmicas, sendo estas o epicentro de jogo (local onde a bola se encontra no instante analisado) e o centro de jogo (formado por um raio de 9,15m, a partir do epicentro), além do referencial estático delineado pela divisão do espaço de jogo em 12 zonas. Na defesa, vemos os princípios de: (I) contenção, (II) cobertura defensiva, (III) equilíbrio, (IV) concentração e (V) unidade; já no ataque: (I) penetração, (II) mobilidade, (III) cobertura ofensiva, (IV) espaço e (V) unidade (TEOLDO *et al.*, 2009).

Já os princípios específicos referem-se às características singulares de um modelo de jogo, que, por sua vez, evidenciam a forma particular como essa equipe direciona e resolve os diferentes problemas que emergem nos distintos momentos do jogo. A denominação está conectada, justamente, ao fato de serem específicos a um modo de jogar e, assim, contribuir para o processo de sincronia e direcionamento das ações e dinâmicas dos jogadores (TEOLDO; GUILHERME; GARGANTA, 2015). Observa-se, também, a necessidade de escalonar os princípios específicos em subprincípios e sub dos subprincípios. Enquanto os princípios são considerados os padrões comportamentais gerais da equipe (Plano Macro), os subprincípios são os padrões de jogo intermédios, (Plano Meso), que permitem que as dinâmicas e subdinâmicas da equipa se evidenciem. Por fim, os sub dos subprincípios, (Plano Micro), estão relacionados com os pormenores e/ou com as particularidades que os jogadores acrescentam aos princípios e aos subprincípios, em função das suas características individuais. Isto é, os mesmos princípios e subprincípios são interpretados e evidenciados de modo distinto, por jogadores diferentes, em virtude das suas características também serem distintas. Nesse sentido, o treinador deve apresentar e direcionar a equipe para o cumprimento dos princípios e subprincípios; todavia, no que se refere aos sub dos subprincípios, deve ser dada a liberdade aos jogadores para se exprimirem em função das suas características, só assim o rendimento é maximizado, e a individualidade, exponenciada.

Desse modo, os treinadores fomentam o desenvolvimento de conhecimentos específicos, a criatividade e a

tomada de decisão, a partir da construção de “situações-problema”, que permitem que as equipes e os jogadores respondam a esses problemas com as ideias definidas (princípios e subprincípios), mas também com as particularidades (sub dos subprincípios), que cada um consegue projetar para esses princípios e subprincípios.

Por exemplo, se no momento de organização ofensiva projetarmos como princípio a desorganização da estrutura defensiva para a entrada nas costas da defesa adversária, poderemos promover como subprincípio a variação permanente da circulação em largura e profundidade, com o propósito de desequilibrar a estrutura defensiva e criar esses espaços de possível ruptura. No entanto, essa variação vai ser manipulada e evidenciada de modo diferente, em função das características dos jogadores que serão responsáveis pela circulação e dos jogadores que são responsáveis pelas desmarcações – sub dos subprincípios. Se os jogadores responsáveis pela circulação tiverem como características a realização de passe curto e de penetração, a circulação sai com uma configuração. No entanto, se os jogadores evidenciarem como características o passe longo do lado contrário ao da bola, a circulação sai com outra configuração. Ou, ainda, se os jogadores evidenciarem as duas características, a circulação evidencia uma configuração com mais “variabilidade”. Esta diversidade também é manifestada pelos jogadores que se desmarcam nos espaços: uns aproveitam os espaços de uma forma, outros fazem-no de forma diferente, sempre em função das características que expressam.

Metaforicamente, trata-se de dar o tema da redação aos alunos (princípios e subprincípios de jogo) e deixá-los criar

um texto (*subprincípios* dos subprincípios), em detrimento à simples realização de um ditado.

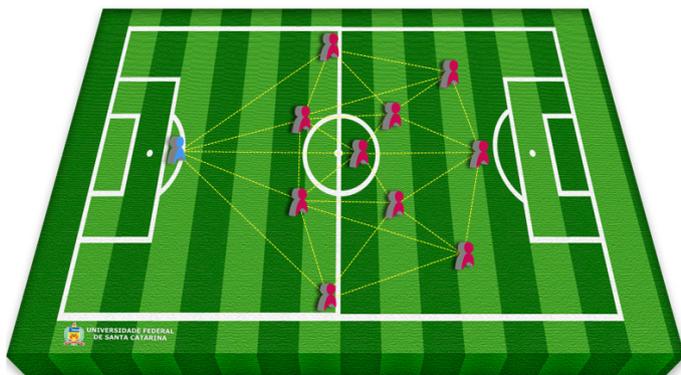
Organização estrutural do ataque

As equipes de futebol apresentam dois tipos de organização distintas, porém, intimamente interligadas: a organização funcional e a organização estrutural (GARGANTA *et al.*, 2013). A organização funcional reporta-se às funções que os jogadores desempenham e às interações que estabelecem, isto é, relaciona-se com a dinâmica que os jogadores e a equipe conseguem evidenciar, são os já abordados princípios de jogo. A organização estrutural relaciona-se com os posicionamentos assumidos pelos jogadores no espaço de jogo, os denominados “sistemas de jogo”. Refletir sobre tais configurações revela-se fundamental, pois a organização funcional almejada sofrerá influências das estruturas adotadas e vice-versa (ALMEIDA, 2020).

Uma das reflexões mais pertinentes é perceber que as diferentes estruturas potenciam interações e, conseqüentemente, dinâmicas distintas. Existem organizações estruturais que têm determinadas posições e outras que não as têm. Vejamos o exemplo, a estrutura 1-4-3-3 (Figura 2), com o meio-campo com um volante e dois meias, e o ataque com um centro avante e dois pontas (extremos), é substancialmente diferente de uma estrutura 1-4-4-2 em losango (Figura 3). Neste caso, o meio-campo é formado por um volante, dois meias e um 10, e o ataque é constituído por dois centroavantes, não existindo pontas. Como podemos constatar, estas duas estruturas evidenciam algumas posições distintas, promovendo interações e, con-

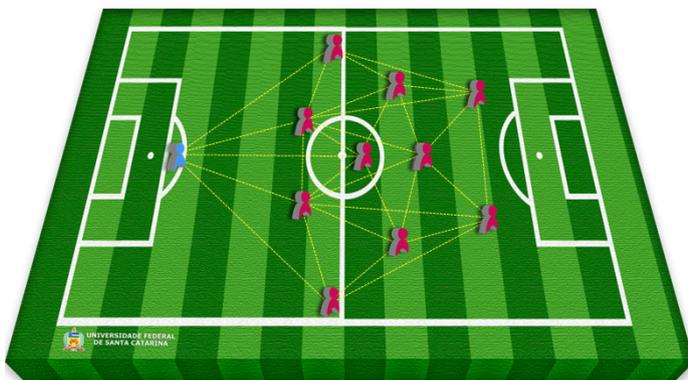
sequentemente, dinâmicas também diferentes. Mantendo, ainda, este exemplo, podemos constatar que a ocupação dos espaços, tanto os ofensivos como os defensivos, destas estruturas também são distintos, promovem, mais uma vez, interações e dinâmicas diferenciadas.

Figura 2 – Disposição estrutural do 1-4-3-3



Fonte: Elaboração dos próprios autores.

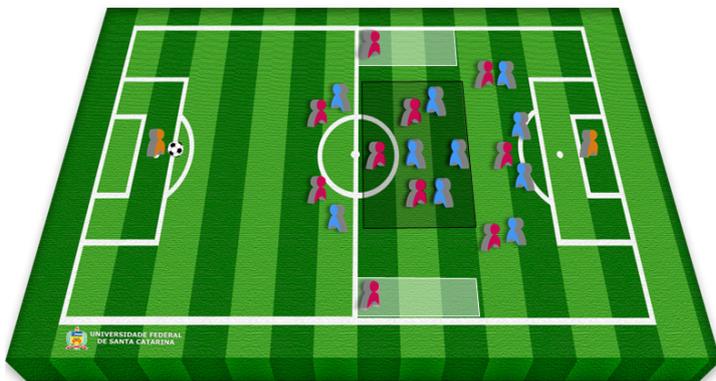
Figura 3 – Disposição estrutural do 1-4-4-2 em losango



Fonte: Elaboração dos próprios autores.

Um outro aspecto relevante reporta-se ao confronto entre estruturas. Quando duas estruturas interagem, existem espaços em que a superioridade e/ou inferioridade numérica são evidentes. Vejamos, no confronto entre as estruturas 1-4-3-3 e 1-4-4-2 em losango (Figura 4), podemos reconhecer que a estrutura 1-4-3-3 apresenta uma inferioridade numérica incontestável na zona central do meio-campo; contudo, patenteia superioridade nos corredores laterais. Estas constatações são importantes porque permitem que os treinadores assumam medidas funcionais para a resolução e potenciação dessas evidências.

Figura 4 – Equilíbrios versus desequilíbrios estruturais entre o 1-4-3-3 e o 1-4-4-2 em losango



Fonte: Elaboração dos próprios autores.

Por último, mas não menos importante, durante a organização ofensiva, recomenda-se a reflexão acerca da quantidade de linhas transversais e longitudinais que possui o “sistema tático” adotado pela equipe. Isso porque, as diferentes linhas potenciam os posicionamentos dos

jogadores em diagonal (Figuras 2 e 3). Esta configuração assume grande relevância tanto em termos ofensivos como defensivos. Ofensivamente, promove a criação de “linhas de passe” ou “canais de circulação” em diagonal, favorecendo a progressão em triangulações e dificultando a interceptação por parte do adversário. Defensivamente, fomenta as coberturas defensivas, potenciando a organização defensiva coletiva e individual (GARGANTA *et al.*, 2013).

Tendo em consideração tudo o que foi referido acerca das estruturas, estas devem ser escolhidas, concomitantemente, em função da potencialidade dos jogadores que constituem o plantel, das características que os jogadores evidenciam e das dinâmicas que o treinador pretende implementar na equipe.

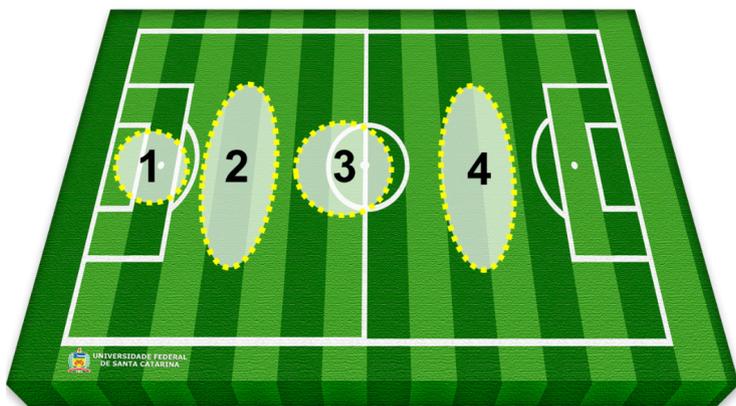
Áreas de referência para a construção ofensiva

Sousa (2009), em seu trabalho monográfico intitulado “Um algoritmo de futebol (mais do que) total: algo que lhe dá ritmo”, faz uma reflexão sobre o “jogar” com qualidade e traz importantes contribuições para a organização ofensiva de equipes de futebol. O autor refere que, dentro de uma estrutura de jogo, existem jogadores que assumem um posicionamento mais fixo (subestrutura fixa) e outros jogadores que assumem posições flexíveis (subestrutura móvel).

Nessa perspectiva, Sousa (2009) sugere a organização de quatro áreas fixas de ocupação no ataque (Figura 5). A área 1 é ocupada, fundamentalmente, pelo goleiro, que pode contribuir para as primeiras ações ofensivas da equipe. A sua atuação pode se dar, a partir de uma recuperação da bola, sucedida por uma rápida ligação ao ataque (gerando

situações de superioridade numérica), ou desacelerando o ataque para a realização de uma transição em segurança, caso o adversário esteja recuperado posicionalmente.

Figura 5 – Áreas fixas de ocupação do ataque



Fonte: Adaptada de Sousa (2009).

Diversas equipes brasileiras têm buscado iniciar a construção ofensiva a partir de passes curtos. Contudo, este tipo de comportamento não deveria ser realizado por modismos, mas estar estabelecido em premissas sólidas e coordenado com os princípios e subprincípios relativos à matriz dinâmica que se pretende desenvolver. A construção ofensiva por meio de passes curtos reclama a adoção de maior troca de passes entre os jogadores, maior abertura em amplitude e profundidade da equipe, com a criação permanente de linhas diagonais para a progressão da bola.

Já uma construção ofensiva, por meio de passes longos, tem subjacente maior aceitação ao risco de perder a bola. Isso leva ao fechamento do espaço de jogo efetivo da equipe, para ganhar a segunda bola e à criação de superioridade

numérica na região onde a bola será lançada (SOUSA, 2009).

A área 2, costumeiramente, é ocupada pelos zagueiros e costuma representar uma região importante durante a organização ofensiva, pois nesta região os futebolistas encontram-se com menor pressão dos adversários e podem se utilizar desta vantagem espaçotemporal, para servirem de apoio à circulação da bola. Se a equipe pretende jogar com passes longos, os jogadores nesta área de atuação devem ser capazes de efetuar o lançamento com qualidade e, imediatamente, subir no terreno de jogo, para diminuir o espaço de jogo útil aos atacantes adversários.

Por sua vez, a área 3 consiste em um espaço de permanente criação de jogadas ofensivas. Sousa (2009) refere que podem ser observados diferentes comportamentos nesta região, tais como: (I) jogar em profundidade, procurando movimentações em profundidade dos atacantes (com e sem a bola); (II) jogar em largura, em que procura-se desestabilizar a defesa adversária, porém correndo menos riscos de perda da bola, explorando o “lado fraco” dos defensores; e (III) variação de passe curto/longo, combinando estes passes para desorganizar a equipe adversária.

Finalmente, a área 4 costuma ser parte da estrutura fixa da equipe, normalmente ocupada por um ou dois atacantes. A utilização de um atacante adiantado revela-se importante, quando a equipe deseja ter uma referência frontal para lhe passar a bola e jogar entre os defensores. Já as estruturas que privilegiam o uso de dois atacantes, na área 4, favorecem a criação de subdinâmicas grupais no ataque, que envolvem

o uso de uma referência frontal e jogadas pelas regiões adjacentes, pois um dos atacantes pode sair de sua posição, sem que a equipe perca uma referência para verticalizar o passe.

Considerações finais

Como mencionado anteriormente, o treino de futebol deve preservar a inteireza inquebrantável do jogo, respeitando a especificidade e promovendo a articulação de sentido entre os diferentes momentos e princípios táticos. Desta forma, o treinamento deve garantir a realização de contextos de exercitação, nos quais os jogadores consigam, na maior frequência de ações relevantes, agir eficazmente e com eficiência (GARGANTA, 1998; GARGANTA, 2005; DAOLIO, 2002).

Estas ações funcionais geram fluidez para a organização estrutural, quando compactuam princípios de jogo coerentes (SOUSA, 2009; ALMEIDA, 2020) e dão sentido e valor às informações conceituais apresentadas no presente capítulo, sobretudo, no tocante às múltiplas características tático-técnicas e socioculturais evidenciadas no futebol brasileiro.

É fundamental estabelecer que estes princípios, chamados por Sousa (2009) de “princípios de estabilidade coletiva”, gerem um forte fator articulador; promovam, ainda, a articulação entre os diferentes indivíduos que compõem o coletivo, atrelando as ações individuais (comportamentos) às ações coletivas (funcionalidades) (FRADE, 2006). Assim, ações interativas em complexidade e, em diferentes cenários desenvolvidos no treino, promovem a coerência coletiva mesmo em diferentes (*i.e.* infinitas) organizações

estruturais estabelecidas neste mesmo treino e/ou no jogo (GUILHERME, 2004; GARGANTA *et al.*, 2013; SOUSA, 2009; ALMEIDA, 2020).

A aplicabilidade destes fatores apresenta conteúdos ofensivos que foram separados neste capítulo, apenas por questões didáticas. Isto é para facilitar a abordagem no treino. Para isso ocorrer com proximidade contextual, é necessário o respeito pela teleologia do jogo de futebol (SOUSA, 2009). O autor especula que esse respeito deve se dar preservando a irregularidade e abertura ao ambiente, nas situações de treino.

No jogo ofensivo abordado neste documento, os diferentes princípios de jogo interligados ao antagonismo entre o(s) atacante(s) *versus* defensor(es); os princípios operacionais dos jogos esportivos coletivos (BAYER, 1994); as cinco subfases ofensivas evidenciadas por León Teodorescu (1984); os quatro momentos de jogo (GARGANTA *et al.*, 2013; GUILHERME, 2004); o contra-ataque, ataque rápido e ataque posicional (CASTELO, 1994; GARGANTA 1997; BORGES *et al.*, 2019); as diferentes escalas de organização, nas quais o jogo se configura desde as diferentes estruturas articuladas pela funcionalidade coletiva às dimensões do jogo coletivo (11x11); a infraestrutura (1x1) ao desenvolver do jogador, na sua relação com a bola (1x0), o espaço e o jogo (GARGANTA; PINTO, 1998), ou até a formação de superfícies longitudinais (em profundidade), ou em largura para formar superfícies de passe diagonais, triangulações, etc., até as diferentes ocupações dos corredores do campo e, ainda, até as ações mais criativas ou até as mais padronizadas do futebol brasileiro, etc., constituem

dimensões indissociáveis que emergem não linearmente no jogo (ALMEIDA, 2020).

Desse ambiente interativo nasce a cultura identitária do futebol brasileiro, que, como mencionado, é composto de criatividade, irreverência, arte, qualidade técnica e talento, sendo referência para o futebol mundial. O entendimento dos muitos detalhes do treino, desde os supracitados, às intenções prévias do planejamento, às intenções em ato das intervenções (FRADE, 2006) são questões necessárias para uma intervenção adequada do treinador e dos profissionais envolvidos no treino da modalidade, com o intuito de se observar e entender esse padrão futebolístico local a respeitar os infindáveis detalhes que a realidade do jogo possa ter (TAMARIT, 2013).

Referências

- ALMEIDA, R. F. **Dinâmica da organização estrutural no futebol:** diferentes considerações do futebol de ataque. Porto Seguro: Oyá Editora, 2020.
- AMIEIRO, N. **Defesa à zona no futebol:** um pretexto para reflectir sobre o “jogar”... bem, ganhando! 2. ed. Porto: Gráfica Maiadouro, 2005.
- BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos.** Lisboa: Dinalivro, 1994.
- BETTEGA, O. B.; MACHADO, J. C.; PASQUARELLI, B. N.; SCAGLIA, A. J. Pedagogia do esporte: bases epistemológicas e articulações para o ensino esportivo. **Revista Inclusiones**, v. 8, n. especial, 2021.
- BORGES, P. H.; COSTA, L. C.; OLIVEIRA, J. G.; PEREIRA, V. R.; RINALDI, W. A inclusão dos contextos de exercitação em programas de treinamento para o desenvolvimento de jogadores de futebol: a visão de treinadores portugueses. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 7, n. 23, 2015.
- BORGES, P. H.; FURLAN, A. A.; PEREIRA, V. R.; TEIXEIRA, D.; OLIVEIRA, J. R.; RINALDI, W. Contribuições da periodização tática para o desenvolvimento de uma identidade coletiva em equipes de futebol. **Cinergis**, v. 15, n. 2, 2014.

BORGES, P. H.; GARGANTA, J.; GUILHERME, J.; JAIME, M. O.; MENEGASSI, V. M.; RECHENCHOSKY, L.; TEIXEIRA, D.; RINALDI, W. Tactical efficacy and offensive game processes adopted by Italian and Brazilian youth soccer players. **Motriz**, v. 25, n. 2, 2019.

CASARIN, R. V.; REVERDITO, R. S.; GREBOGGY, D. L.; AFONSO, C. A.; SCAGLIA, A. J. Modelo de jogo e processo de ensino no futebol: princípios globais e específicos. **Movimento**, v. 17, n. 3, 2011.

CASTELO, J. **Futebol modelo técnico-tático do jogo**: identificação e caracterização das grandes tendências evolutivas das equipas de rendimento superior. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana, 1994.

CASTELO, J. **Futebol**: organização dinâmica do jogo. 3. ed. Lisboa: Edições Universitárias Lusofonas, 2009.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in Sport. **The Sport Psychologist**, v. 13, n. 4, 395-417, 1999.

DAOLIO, J. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos, modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 10, n. 4, 2002.

DAVIDS, K.; BUTTON, C.; BENNETT, S. **Dynamics of skill acquisition**: a constraints-led approach. Champaign: Human Kinetics, 2008.

FRADE, V. **Apontamentos das aulas da disciplina de metodologia I**. Opção de Futebol. FADEUP. Porto. Não Publicado. Porto: Faculdade de Desporto Universidade do Porto, 2006.

FONSECA, H.; GARGANTA, J. **Futebol de rua**: um beco com saída: do jogo espontâneo à prática deliberada. Lisboa: Visão e Contextos, 2006.

GARCÍA-LÓPEZ, L. M.; GONZÁLEZ-VÍLLORA, S.; GUTIÉRREZ-DÍAZ, D.; SERRA-OLIVARES, J. Development and validation of the game performance evaluation tool (GPET) in soccer. **Revista Euroamericana de Ciencias del Deporte**, v. 2, n. 1, 2013.

GARGANTA, J.; GUILHERME, J.; BARREIRA, D.; BRITO, J.; REBELO, A. Fundamentos e práticas para o ensino e treino do futebol. *In*: Tavares, F (ed.). **Jogos desportivos coletivos**: ensinar a jogar. Portugal: Fadeup, 2013. p. 199-263.

GARGANTA, J. Trends of tactical performance analysis in team sports: bridging the gap between research, training and competition. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 9, n. 1, 2009.

GARGANTA, J. Dos constrangimentos da acção à liberdade de (inter) acção, para um Futebol com pés... e cabeça. *In*: ARAÚJO, Duarte. **O contexto da decisão**: a acção tática no desporto. Lisboa: Visão e Contextos, 2005.

GARGANTA, J. O ensino dos jogos desportivos: perspectivas e tendências. **Movimento**, v. 4, n. 8, 1998.

GARGANTA, J. **Modelação da dimensão táctica do jogo de futebol**. 1997. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto e Educação Física) – Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 1997.

GARGANTA, J.; GUILHERME, J.; BARREIRA, D.; BRITO, J.; REBELO, A. Fundamentos e práticas para o ensino e treino do futebol. *In*: TAVARES, F. **Jogos desportivos coletivos: ensinar a jogar**. Porto: Editora Fadeup, 2013.

GARGANTA, J.; PINTO, J. O ensino do futebol. *In*: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: Universidade do Porto, 1998.

GUILHERME, J. **Conhecimento específico em futebol: contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo de ensino-aprendizagem/treino do jogo**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto e Educação Física) – Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 2004.

HEWITT, A.; GREENHAM, G.; NORTON, K. Game style in soccer: what is it and can we quantify it? **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 16, n. 1, 2016.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

KOSLOWSKY, M. **Caracterização de domínios específicos e não específicos de prática na aprendizagem do futebol**. Estudo comparativo entre atletas de futebol de categoria júnior em Portugal e Brasil. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência do Desporto) – Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2009.

LIU, H.; GOMEZ, M. Á.; LAGO-PEÑAS, C.; SAMPAIO, J. March statistics related to winning in the group stage of 2014 Brazil FIFA World Cup. **Journal of Sports Sciences**, v. 33, n. 12, 2015.

MACIEL, J. M. **Não o deixes matar: o bom futebol e quem o joga. Pelo futebol adentro não é perda de tempo!**. Lisboa: Chiado Editora, 2011.

MICHELS, R. **Team building: the road to success**. Spring City: Reedswain Publishing, 2001.

NOOR, D. *et al.* Perceived load, fatigue and recovery responses during congested and non-congested micro-cycles in international football tournaments. **Journal of Science and Medicine in Sport**, v. 24, n. 12, p. 1278-1283, 2021.

OSLIN, J. L.; MITCHELL, S. A.; GRIFFIN, L. L. The game performance assessment instrument (GPAI): development and preliminary validation. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v. 17, n. 2, 1998.

QUEIROZ, C. M. Para uma teoria de ensino/treino do futebol. **Ludens**, v. 8, n. 1, 1983.

RECHENCHOSKY, L. **Conhecimento tático no futebol**: tradução, adaptação transcultural e validação do TCTOF-BR. 2020. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

ROCA, A.; FORD, P. R. Developmental activities in the acquisition of creativity in soccer players. **Thinking Skills and Creativity**, v. 41, 2021.

SCAGLIA, A. **O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés**: todos semelhantes, todos diferentes. 2003. 164 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SCAGLIA, A.; REVERDITO, R. S. **Pedagogia do esporte**: jogos coletivos de invasão. São Paulo: Phorte Editora, 2009.

SOUSA, P. D. **Um algoritmo do futebol (mais que total) algo que lhe dá o ritmo**: uma reflexão sobre o “jogar” de qualidade. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências do Desporto e Educação Física) – Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2009.

TAMARIT, X. **Periodización táctica versus periodización táctica**: Vitor Frade aclara. Madrid: Management Business Football, 2013.

TEODORESCU, L. **Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos**. Lisboa: Livros Horizontes, 1984.

TEOLDO, I.; GARGANTA, J.; GRECO, P. J.; MESQUITA, I.; MAIA, J. Sistema de avaliação tática no Futebol (FUT-SAT): desenvolvimento e validação preliminar. **Motriz**, v. 7, n.1, 2011.

TEOLDO, I.; GUILHERME, J.; GARGANTA, J. **Para um futebol jogado com ideias**: concepção, treinamento e avaliação do desempenho tático de jogadores e equipes. Curitiba: Appris, 2015.

TEOLDO, I.; GARGANTA, J.; GRECO, P. J.; MESQUITA, I. Princípios táticos do jogo de futebol: conceitos e aplicação. **Motriz**, v. 15, n. 3, 2009.

VAN GAAL, L. **The coaching philosophies of Louis Van Gaal and the Ajax Coaches**. Henny Kormelink, Tjeu seeverens editors. Spring City: Reedswain Publishing, 1997.

WILSON, J. **A pirâmide invertida**: a história da tática no futebol. Campinas: Editora Grande Área, 2006.

Pressupostos conceituais sobre a tomada de decisão durante a organização ofensiva

Gibson Moreira Praça⁵
Cristóvão de Oliveira Abreu⁵

Introdução

O futebol, comparativamente a outros jogos esportivos coletivos, caracteriza-se pela baixa quantidade de pontos (gols) obtidos pelas equipes. Títulos e histórias marcantes foram construídos em jogos cujo placar final foi 1x0 para a equipe vitoriosa. Como consequência, enquanto o ponto apresenta-se como um evento relativamente comum em outras modalidades – como basquetebol e voleibol –, no futebol o gol é encarado como momento de êxtase, dada a elevada vantagem que ele traz à equipe. Por exemplo, estudos demonstram haver forte associação entre marcar o primeiro gol e vencer o jogo em competições oficiais de futebol (RODRIGUES *et al.*, 2016). Consequentemente, a fase ofensiva ganha relevância nas discussões acerca da modalidade, das manchetes na imprensa e histórias na vida do torcedor e do profissional da modalidade. A elevada valorização da fase ofensiva do jogo reflete, inclusive, nos salários dos jogadores, observando-se a presença apenas de meio-campistas e atacantes na lista dos 10 atletas melhor pagos no mundo, em 2021. Portanto, estudar o que ocorre na fase ofensiva apresenta-se fundamental para entender a própria lógica interna do jogo de futebol.

⁵ Departamento de Esportes, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

A fase ofensiva em um jogo de futebol caracteriza-se pelas ações dos jogadores, em dois momentos distintos – ainda que intrinsecamente interligados e apenas didaticamente delimitados: o momento de organização ofensiva e o momento de transição ofensiva (GARGANTA, 1997). O momento de transição ofensiva refere-se às ações realizadas pelos jogadores e pelas equipes imediatamente após a recuperação da bola, seja no intuito de aproveitar desarranjos posicionais adversários e progredir rapidamente no campo, seja no intuito de controlar as ações e manter a posse de bola (PRAÇA; GRECO, 2020). Por outro lado, o momento de organização ofensiva, objeto deste capítulo, refere-se ao estado/fase em que, não tendo sido possível explorar desarranjos posicionais adversários, durante a transição ofensiva, busca-se concatenar ações nas escalas individuais, grupais e coletivas, que levem à manutenção da posse de bola, progressão da bola no campo de jogo e criação de oportunidades de finalização. Destaca-se que, ainda que uma transição ofensiva possa originar uma situação de organização ofensiva subsequente – por exemplo, quando há efetivas ações de manutenção da posse de bola por meio da retirada da bola do centro de pressão (PRAÇA; GRECO, 2020), a linearidade aqui apresentada não se configura como regra, na medida em que se evidenciam ações de organização ofensiva, não antecedidas por momentos de transição de estado/fase – por exemplo, no reinício de jogo por um tiro de meta. Portanto, o presente capítulo circunscreve-se à discussão dos aspectos decisoriais inerentes a um momento do jogo – organização ofensiva –, o qual

certamente não representa a totalidade das ações táticas que caracterizam o jogo de futebol.

Em um jogo de futebol – bem como em qualquer jogo esportivo coletivo –, as ações do jogador ocorrem a partir de uma intencionalidade em uma interação entre pessoa-ambiente-tarefa (NITSCH, 2009). Esta interação permite-nos compreender, por exemplo, o porquê de atletas diferentes apresentarem soluções (motoras, alicerçadas em processos cognitivos) diferentes a uma mesma situação-problema. Estas decisões são tomadas sempre no tempo presente – solução do problema que emerge no jogo –, mas são influenciadas por aspectos passados, como a experiência adquirida via prática da modalidade e informações acerca das probabilidades situacionais fornecidas pela comissão técnica (MURTA *et al.*, 2021).

Ainda que, na prática, as duas fontes de informação sejam indistinguíveis durante a ação, didaticamente a literatura científica atribui o nome de “estratégia” às ações conduzidas pré-jogo, no intuito de criar condições para a geração de vantagens para os jogadores, à luz da exploração de deficiências na equipe adversária (percebidas em momentos anteriores) (PRAÇA; GRECO, 2020), e tática à integração das diferentes formas de conhecimento para a geração da solução motora em si (GRECO *et al.*, 2015a). Analogamente, entende-se a estratégia como o aspecto “offline” da solução motora, pensado antes do jogo, e a tática como o processo “online” de tomada de decisão – ainda que certamente a estratégia influencie na ação tática “ao vivo”. Neste ponto, faz-se importante distinguir os dois conceitos supracitados, para delimitar o escopo do atual

capítulo. Ainda que a tomada de decisão seja influenciada pelo aspecto estratégico do jogo, ela ocorre, no processo ofensivo, exclusivamente “online”, como resposta às situações-problema que emergem da relação entre pessoa/ambiente/tarefa, nos planos individual, grupal e coletivo. Portanto, falar de tomada de decisão, no atual capítulo, circunscreve-se à discussão da ação tática no futebol (não se desconsiderando a importância de aspectos estratégicos).

No processo ofensivo no futebol, a ação tática – a partir daqui entendida como o resultado do processo de tomada de decisão (PRAÇA; GRECO, 2020) – busca criar desequilíbrios na defesa adversária, explorar debilidades momentâneas e gerar vantagens para a equipe em posse de bola. Especialmente, ao considerar-se a escola brasileira de futebol, a ação tática durante a fase ofensiva está presente no imaginário popular, a partir da ação do portador da bola tentando driblar o oponente direto – em uma ação tática de penetração (PRAÇA; GRECO, 2020; TEOLDO *et al.*, 2011). Esta ação, contudo, não caracteriza a totalidade do espectro de comportamentos táticos possíveis, no momento de organização ofensiva. Neste escopo, a ação dos atacantes sem bola, tanto aqueles mais próximos ao portador da bola (espaço de ajuda mútua) quanto aqueles mais distantes da bola (espaço de cooperação), também requer atenção do meio científico para a correta planificação do processo de ensino-aprendizagem-treinamento (E-A-T). Além disso, o “como treinar” a tomada de decisão, ou seja, como desenvolver a capacidade do atleta de encontrar soluções às situações-problema emergentes no jogo, também se apresenta como tópico relevante e abundantemente abordado

na literatura científica. Na sequência do capítulo, serão discutidos, portanto, os “comos” (pressupostos metodológicos) e os “quês” (conteúdos) relacionados ao treinamento tático ofensivo no futebol.

Treinamento tático ofensivo no futebol: pressupostos didático-metodológicos

Como aumentar a capacidade de tomada de decisão de um jogador durante a fase ofensiva do jogo de futebol? Esta pergunta permeia o dia a dia de treinadores e representa o objeto central de centenas de estudos científicos conduzidos nas últimas décadas. Neste tópico, são apresentadas algumas reflexões sobre a planificação do treinamento, no intuito de buscar aplicações práticas dos achados científicos ao contexto cotidiano do treino, no futebol. Ressalta-se, contudo, que não se pretende com este tópico realizar uma exaustiva revisão de literatura, a qual escaparia do escopo do atual capítulo e, certamente, traria um volume de informações incompatível com a atual proposta. Para além disso, apresentaremos perspectivas didático-metodológicas para o treinamento tático no futebol e discutiremos alguns princípios norteadores da planificação de tarefas.

Diferentes correntes na literatura científica buscaram, ao longo das últimas décadas, explicar como decorre o processo de tomada de decisão em uma ação esportiva, incluindo o futebol (para uma revisão mais abrangente, ver Praça e Greco (2020)). Por um lado, estudos buscaram compreender processos cognitivos associados à *expert-performance*, por exemplo, utilizando testes de tomada de decisão em situações laboratoriais (KANNEKENS;

ELFERINK-GEMSER; VISSCHER, 2009, 2011; ROCA *et al.*, 2011). Estes estudos atribuem à capacidade de processamento de informações, bem como integração do conhecimento do atleta com o meio, elevada importância para o sucesso esportivo. Por outro lado, estudos amparam-se em abordagens ecológicas e no conceito de *affordances* (possibilidades de ação), e sugerem que, dado o constrangimento temporal e a provável complexidade do processamento de informações, processos de autorregulação e auto-organização, a partir das informações presentes no ambiente, são suficientes para explicar como, de fato, a ação ocorre (GIBSON, 1979; GRAY; CAÑAL-BRULAND, 2018; PASSOS; ARAUJO; DAVIDS, 2013). Mais recentemente, modelos de viés integrativo, como a teoria da ação (NITSCH, 2009), buscaram compreender a emergência destes padrões de auto-organização, a partir da interação entre pessoa, ambiente e tarefa, revelando que fontes *offline* (armazenadas na memória) de informação podem estar relacionadas às *affordances* presentes em um ambiente. Portanto, a ação tática pode ser explicada à luz de diferentes teorias, no âmbito das Ciências do Esporte.

Como consequência destas diferentes concepções de tática, emergiram, ao longo das últimas décadas, diversas propostas metodológicas para o ensino de esportes – incluindo o futebol. Estas propostas buscaram inicialmente romper a ideia fragmentada do ensino, a partir de métodos – receitas planejadas anteriormente à ação, centradas no professor, para a reprodução de movimentos esperados – tidos como modelos – e propostas didático-pedagógicas que conferem identidade ao processo de ensino, assentam-se

em um referencial teórico robusto e permitem avaliar os domínios de aprendizagem (METZLER, 2011). Diversos modelos de ensino emergiram nas últimas décadas, a exemplo do *Teaching Games for Understanding* (BUNKER; THORPE, 1982) e Iniciação Esportiva Universal/Escola da Bola (GRECO; BENDA, 1998; KROGER; ROTH, 2002) (bem como seu desdobramento nas etapas subsequentes do processo de E-A-T, conhecido como Modelo Pendular) e, mais recentemente, a Pedagogia Não Linear (CHOW *et al.*, 2021a).

Iniciação esportiva universal

Em um modelo integrativo, amparado em um referencial teórico tanto cognitivista quanto ecológico, a Iniciação Esportiva Universal (GRECO; BENDA, 1998) e o Modelo Pendular do Treinamento Tático-Técnico (GRECO *et al.*, 2015a; PRAÇA; GRECO, 2020) compreendem que a interação entre processos *top-down* (centrados no sujeito) e *bottom-up* (centrados no ambiente) permite que emerjam as soluções às situações-problema do jogo. Portanto, o treinamento tático reflete-se em um processo de criação de uma base de conhecimento tático, para a atuação em cenários diversos, em consonância com os objetivos do jogo – regulamentares e estratégicos, por exemplo. Nestes modelos, evidenciam-se três tipos de tarefas táticas adotadas para fomentar o desenvolvimento de uma base de conhecimento, ao mesmo tempo ampla – no sentido de diversidade de estímulos – e específica – no sentido da transferência para o contexto real do jogo: jogos de inteligência e criatividade tática, jogos situacionais e estruturas funcionais.

Jogos de inteligência e criatividade tática (JICT) representam o resgate e a ressignificação de jogos populares outrora praticados pelas crianças no contexto, agora, do ambiente formal de ensino do futebol e dos demais JEC (GRECO et al., 2015b). Estes jogos tradicionais traduzem-se em um ambiente imprevisível, desafiador e constantemente reconstruído por crianças e jovens (SCAGLIA, 2011), o que permite a vivência diversificada de estímulos decisivos e motores, sempre acoplados. Exemplos destas práticas são os jogos de rouba-bandeira, pega-pega, mãe da rua, rebatida, artilheiro, etc. Destaca-se, ainda, que a ressignificação destes jogos pelos professores/treinadores poderá permitir o aumento da propensão da tarefa ao conteúdo a ser vivenciado na aula/treino (por exemplo, permitir que haja domínio da bola no jogo “artilheirinho”, para aumentar a propensão às finalizações), ou, ainda, permitir ajuste da complexidade à característica dos alunos (por exemplo, reduzir o número de jogadores no jogo de “driblinha”, para facilitar o acoplamento percepção-ação para jogadores mais jovens).

Jogos situacionais (JS) são situações-problema extraídas do jogo formal e representadas por meio de uma tarefa específica no contexto do processo de ensino-aprendizagem-treinamento de tática, no futebol. Estes jogos baseiam-se na ênfase ao ensino de seis capacidades táticas básicas (KROGER; ROTH, 2002), definidas no Quadro 1. As tarefas permitem enfatizar conteúdos táticos ofensivos transversais aos diferentes JEC e, portanto, presentes no jogo de futebol. Destaca-se que, nestas tarefas, o aspecto cognitivo – tomada

de decisão para resolver a situação-problema – e motor – a execução do movimento – encontram-se também acoplados.

Quadro 1 – Capacidades táticas básicas

Capacidade tática básica	Definição
Acertar o alvo	Tarefas táticas nas quais deve-se lançar, chutar, combater, disparar, etc., uma bola e um alvo, de modo que atinja um local escolhido no melhor momento possível.
Transportar a bola ao objetivo	Tarefas táticas nas quais objetiva-se transportar e jogar a bola a um objetivo determinado.
Tirar vantagem tática (criar superioridade numérica)	Tarefas táticas nas quais o importante é, por meio do jogo conjunto com o colega, conseguir um ponto, gol, ou até preparar o ponto, gol para o colega converter, criando vantagens na ocupação espacial (relação numérica).
Jogo coletivo	Tarefas táticas nas quais o importante é receber a bola do colega, ou passar a bola para este e, por meio da ação conjunta, obter vantagens no jogo.
Reconhecer espaços	Tarefas táticas realizadas pelo atacante com bola, nas quais é importante reconhecer as chances, para progredir com a bola e chegar até o gol e passar ao colega livre.
Superar o adversário	Tarefas táticas nas quais no confronto com o adversário consegue assegurar a posse de bola
Oferecer-se e orientar-se	Tarefas táticas realizadas pelo atacante sem bola, em que o importante é, no momento exato, obter uma ótima posição para receber a bola.

Fonte: Kroger e Roth (2002).

Estruturas funcionais, também chamadas de pequenos jogos no contexto do futebol, representam mimetizações do jogo formal, sob a ótica do trabalho com grupos reduzidos (PRAÇA; GRECO, 2020). Do ponto de vista pedagógico, este trabalho em grupos reduzidos permite aumento na participação efetiva dos alunos – maior tempo de contato com a bola – e vantagens na exploração de

soluções motoras que levam, inclusive, ao aparecimento de mais soluções criativas, em comparação a jogos com mais jogadores (CASO; VAN DER KAMP, 2020). Estruturas funcionais gerais representam contextos de aprendizagem que reúnem elementos comuns aos diferentes JEC, com menor especialização funcional e posicional. Por exemplo, há o jogo 3x3 com goleiros, exaustivamente investigado em pesquisas recentes (PRAÇA *et al.*, 2016, 2017c). Há ainda estruturas funcionais direcionadas (ou específicas), que se caracterizam pela tentativa de reprodução de um contexto decisional específico do jogo de futebol (ou do JEC em questão). Por exemplo, pode-se organizar o mesmo jogo 3x3, mas, desta vez, ao jogar em metade do campo original, agrupa-se em um time o lateral direito, o meia e o ponta-direita, os quais jogam contra o lateral esquerdo, outro meia e o ponta-esquerda, ambos times buscando construir situações de finalização pela beirada do campo.

Pedagogia não linear

A pedagogia não linear (PNL) – proposta pedagógica amparada em um referencial ecológico da ação em contextos esportivos – adota a abordagem centrada nos constrangimentos como referencial metodológico para a elaboração de tarefas de treino, direcionadas a auxiliar o atleta a desenvolver e explorar uma relação funcional com a performance (CHOW *et al.*, 2021a). A elaboração de tarefas de treino, a partir desta abordagem, ampara-se em cinco princípios pedagógicos: representatividade, manipulação de constrangimentos, simplificação das tarefas, constrangi-

mentos informacionais (modificação no foco atencional) e “variabilidade” da prática.

Na PNL, a aprendizagem precisa estar situada em contextos reais de jogo (CHOW, 2013). Neste contexto, contudo, não basta simplesmente “jogar”. Faz-se necessário que o jogo garanta fidelidade, funcionalidade e autenticidade às ações, de forma que os contextos vivenciados ajudem o jogador a criar e fortalecer relações dinâmicas entre ele/ela, o ambiente e a tarefa, permitindo estreito acoplamento entre percepção e ação (CHOW *et al.*, 2007). Neste cenário, a representatividade (comumente chamada no contexto da PNL de contexto de aprendizagem representativo, ou *representative learning designs*), avalia em que medida as tarefas conseguem simular aspectos-chave do ambiente competitivo (KRAUSE *et al.*, 2017). À luz da PNL, por exemplo, um jogo de 1x1 possui maior grau de representatividade do que uma tarefa na qual os alunos driblam cones, na medida em que a primeira garante maior similaridade no acoplamento percepção-ação do que a segunda, em relação à exigência do jogo.

A manipulação dos constrangimentos, segundo princípio aqui discutido, baseia-se na ideia de que, modificando características da tarefa – número de jogadores, gols, regras, entre outros – do ambiente – tipo de piso, iluminação, tipo e peso da bola, entre outros – e da pessoa – nível de fadiga, informações prévias recebidas, entre outros –, pode-se proporcionar a emergência de novas ações (comportamentos) e a exploração destes graus de liberdade, que, em diferentes constrangimentos, ampliam a capacidade do praticante agir durante o jogo (essencialmente imprevisível e variável)

(CHOW, 2013; CHOW et al., 2021b). Assim, tão importante quanto escolher constrangimentos que direcionem a atividade para o conteúdo ofensivo a ser trabalhado – por exemplo, aumentar o espaço lateral para facilitar a emergência da circulação da bola –, recomenda-se variar constantemente os constrangimentos para permitir a ampliação da capacidade de auto-organização e autoadaptação dos jogadores.

O terceiro princípio aqui apresentado é a simplificação das tarefas. Tipicamente, a simplificação envolve garantir gradual fortalecimento dos acoplamentos funcionais entre informação e ação (CHOW *et al.*, 2021a). Contudo, não se deve confundir este processo de simplificação com a decomposição das tarefas. Enquanto, no primeiro, os *links* entre percepção e ação relacionados ao contexto do jogo são mantidos, no segundo ocorre fragmentação das partes, o que inibe o acoplamento e dificulta a aprendizagem. Por exemplo, jogos envolvendo menos jogadores envolvem constantemente a possibilidade de os jogadores estarem mais engajados em ações com bola (CASO; VAN DER KAMP, 2020), o que apresenta-se particularmente válido no desenvolvimento da criatividade tática (ver tópico seguinte).

Além das modificações na tarefa e no ambiente, características dos princípios citados anteriormente, a manipulação do foco atencional, a partir de constrangimentos informacionais, apresenta-se como quarto princípio na PNL. Constrangimentos informacionais caracterizam-se como blocos de informação sobre o desempenho, os quais podem direcionar a atenção do praticante a determinado

parâmetro, na execução do movimento (CHOW *et al.*, 2021a). Uma forma interessante de constrangimento informacional é o fornecimento de probabilidades situacionais relacionadas ao pênalti (quando o atacante normalmente chuta a bola?) (MURTA *et al.*, 2021). Contudo, na PNL estes constrangimentos informacionais buscam encorajar o participante a explorar graus de liberdade no movimento, enfatizando o resultado (você consegue fazer a bola chegar no gol mais rápido?), ao contrário do provimento explícito de instruções sobre o processo (chute com o peito do pé para obter maior velocidade da bola).

A “variabilidade” da prática, último princípio aqui discutido, no âmbito da PNL, prevê a necessidade de o praticante explorar diferentes soluções (movimentos), o que subsidia a emergência de comportamentos exploratórios adaptativos (CHOW *et al.*, 2021a). Assim, ao invés de entender-se a “variabilidade” dos comportamentos como característica deletéria relacionada à performance (ele/ela não consegue repetir o movimento!!), entende-se esta “variabilidade” como uma necessidade face ao contexto essencialmente variável, no qual a ação motora decorre no jogo. Portanto, buscar ambientes diversificados favorece a exploração de novos padrões de coordenação e, conseqüentemente, fortalece *links* entre percepção e ação, para permitir adequada adaptação do movimento, quando parâmetros se modificarem no jogo (velocidade da bola, características do adversário, iluminação, etc.).

Pressupostos conceituais sobre a criatividade no momento ofensivo

A cena do drible de Pelé sobre o goleiro do Uruguai, na Copa do Mundo de 1970, completou recentemente 50 anos e continua encantando aficionados pelo futebol em todo o mundo. O caráter inovador da ação do jogador brasileiro causa admiração e constitui a essência do imaginário popular sobre o jogador brasileiro. A criatividade ofensiva está na raiz do nosso jogo e, portanto, apresenta-se como conteúdo a ser desenvolvido no processo ofensivo no futebol. Na literatura científica, diferenciam-se os conceitos de inteligência e criatividade tática.

Essencialmente, atribui-se à inteligência tática a capacidade de encontrar a melhor solução para as situações-problema, que emergem no jogo (SILVA; GRECO, 2009), medida normalmente pela capacidade de pensamento convergente (MOREIRA; MATIAS; GRECO, 2013), ou seja, a busca pela melhor solução dentre as várias possíveis. Por outro lado, entende-se como criatividade tática a capacidade do atleta em encontrar frequentemente soluções simultaneamente inovadoras (pouco comuns) e efetivas (que de fato resolvam a situação-problema) (MEMMERT, 2015). Portanto, o jogador criativo é aquele que, regularmente, resolve situações-problema que, dificilmente, outros jogadores fariam.

Dada a necessidade de criar desequilíbrios, presentes no momento de organização ofensiva – certamente mais característico do que no momento de organização defensiva –, a ação criativa, e, conseqüentemente, o trei-

namento da criatividade tática, está intrinsicamente ligado ao treinamento da fase de ataque no futebol. Contudo, a concepção de “treinamento”, no âmbito da criatividade, não se apresenta uniforme em todos os ambientes de prática, uma vez que a esta capacidade atribui-se elevado valor “genético” à sua manifestação. Por outro lado, o que se observa na literatura científica é que, ainda que se desconheçam a fundo os fatores que predisponham atletas a níveis flagrantemente incomuns de criatividade tática, o desenvolvimento desta capacidade está intimamente ligado ao treino. Na literatura, uma das principais propostas para o desenvolvimento da criatividade tática baseia-se no *Tactical Creativity Approach* (MEMMERT, 2015), modelo que aponta a necessidade de, conscientemente, criar ambientes de aprendizagem, nos quais a exploração das soluções pelos atletas seja estimulada, não reprimida. Para tal, as tarefas devem apresentar menor estruturação, menor quantidade de regras formalmente estabelecidas e menor volume de instruções diretas apresentadas pelo treinador; isso permite que o aluno explore possibilidades e, a partir da vivência de novas tomadas de decisão, aprenda a perceber o jogo com olhares diferentes e seja encorajado a tentar o “novo”.

Por fim, destaca-se que a criatividade tática relacionada à fase ofensiva é, potencialmente, uma capacidade treinável, menos inata do que culturalmente assume-se. A literatura científica sugere que o estímulo a esta criatividade se dê pela variabilidade e diversidade da prática vivenciada pela criança. Por exemplo, um estudo recente demonstra que jogos com menos jogadores, nos quais há menor especialização posicional e, conseqüentemente, maior

variabilidade decisional para os jogadores em comparação ao jogo formal, suscitaram mais decisões criativas do que jogos com muitos jogadores (CASO; VAN DER KAMP, 2020). A consequência para o treinamento da criatividade é: deixar as crianças jogar, livremente, o que é fundamental para o desenvolvimento desta capacidade.

Conteúdos do treinamento da tomada de decisão no momento ofensivo do jogo de futebol

Os conteúdos que caracterizam a ação tática no futebol são conhecidos na literatura como *princípios táticos*, e podem ser entendidos como os pontos de partida para a ação desportiva (BAYER, 1994), com o estabelecimento de referências para o jogar pretendido (GARGANTA; PINTO, 1994), no direcionamento do processo decisional e na orientação coletiva para a ação tática (PRAÇA; GRECO, 2020). Portanto, entender os princípios táticos facilita a compreensão dos pressupostos conceituais para a tomada de decisão, no jogo de futebol. Neste capítulo, considerando a ênfase dada no momento da organização ofensiva, apenas os princípios de ataque serão apresentados e definidos. Tais princípios táticos podem ser divididos em: gerais, operacionais, fundamentais e específicos (TEOLDO *et al.*, 2009). Os princípios gerais criam as bases para a atuação em qualquer esporte coletivo, incluindo o futebol, e estão didaticamente divididos em três construtos: criar superioridade numérica, evitar igualdade numérica e impedir inferioridade numérica (GARGANTA; PINTO, 1994). Os princípios operacionais estão relacionados a conceitos atitudinais e caracterizam a lógica objetiva da ação, nos Jogos Esportivos Coletivos (JEC), e para facilitar

o alcance coletivo dos objetivos propostos, no momento de ataque: buscar a conservação da bola, buscar a progressão dos jogadores e da bola à meta adversária e buscar finalização à baliza adversária (BAYER, 1994; PRAÇA; GRECO, 2020). Os princípios fundamentais são caracterizados pela especificidade do jogo de futebol e refletem a necessidade da gestão do espaço de jogo, representando um conjunto de regras de base, que visam orientar as ações dos jogadores e da equipe (TEOLDO *et al.*, 2009). Por fim, os princípios específicos permitem conhecer o jogar característico de cada equipe, ou seja, o modelo de jogo adotado em cada situação (TAMARIT, 2015). Estes princípios podem ser analisados quanto ao número de jogadores necessariamente envolvidos na sua execução – individuais, de grupo ou coletivos. Ainda, é possível analisar a ocorrência dos princípios, a partir da distância em relação à bola em que as ações decorrem – espaços de fase (intervenção, ajuda mútua e cooperação).

Conteúdos táticos individuais

São os conteúdos cuja realização se dá na microescala do jogo, compreendendo ações individuais dos jogadores. Teoldo *et al.* (2009) estabelecem os seguintes princípios fundamentais da fase ofensiva:

Penetração: caracteriza-se pelo portador da bola conseguir realizar a progressão em direção à baliza ou à linha de fundo adversária, por meio de passe positivo, condução da bola/drible, em busca de áreas de campo que oferecem maior risco ao adversário e são susceptíveis à continuidade da ação ofensiva, ou finalização ao gol (TEOLDO *et al.*, 2009). Do ponto de vista da tomada de decisão, o treina-

mento para este princípio implica estimular o portador da bola a perceber: a posição corporal do defensor direto (que faz contenção); se há presença ou não de cobertura defensiva; se há possibilidades de linhas de passe positivas curtas, médias e longas.

Cobertura ofensiva: está relacionada às ações de aproximação dos companheiros de equipe ao portador da bola para oferecer suporte, de forma que ele tenha a possibilidade de manter a posse de bola, por meio do passe ou por uma ação de penetração na defesa adversária (TEOLDO *et al.*, 2009). Do ponto de vista da tomada de decisão, o treinamento para este princípio deve estimular o atleta a perceber: a posição do companheiro com bola; se a linha de passe criada é efetiva; se há adversários realizando contenção e coberturas defensivas.

Espaço sem bola: a ação de espaço sem bola permite à equipe uma ocupação racional do campo de jogo e a ampliação das possibilidades de construção ofensiva. Este princípio é caracterizado pelas ações que ocorrem entre o portador da bola e o último defensor adversário (TEOLDO *et al.*, 2009). Do ponto de vista da tomada de decisão, o treinamento para este princípio implica incluir possibilidades aos atletas de perceberem sinais relevantes de criação de linhas de passe e posicionamento entre linhas da defesa.

Espaço com bola: caracterizado pela ação do portador da bola em aumentar a distância entre a bola e a baliza adversária, seja por uma condução/drible ou por um passe realizado para trás, quando a progressão ao gol adversário é impossibilitada por uma ação defensiva (PRAÇA;

GRECO, 2020). Do ponto de vista da tomada de decisão, o treinamento para este princípio implica estimular o portador da bola a perceber: a posição do marcador direto e das possíveis coberturas defensivas; a localização do campo onde está ocorrendo a ação, e qual decisão poderá gerar maior benefício para o ataque e menores riscos em caso de perda da bola.

Mobilidade: tal princípio está relacionado à iniciativa dos jogadores em ataque, sem a posse de bola, em buscar posições mais vantajosas para receber a bola, usualmente caracterizadas por ações de rupturas na última linha do adversário (TEOLDO *et al.*, 2009). Do ponto de vista da tomada de decisão, o treinamento para este princípio deve incluir estímulos para a percepção de sinais relevantes como: a posição do último defensor; a distância em relação ao gol adversário e o momento ótimo para realizar o movimento de ruptura e receber a bola em condições de prosseguimento do jogo.

Unidade ofensiva: Esse princípio está relacionado à ocupação racional do espaço de jogo, realizada pelos jogadores que ocupam a última linha de defesa da equipe que ataca, em movimentos individuais que busquem gerar compactação, de forma a assegurar adequada retaguarda ao jogador envolvido no ataque (TEOLDO *et al.*, 2009). Do ponto de vista da tomada de decisão, o treinamento para este princípio implica que o atleta perceba a situação da linha de defesa, a posição dos companheiros de equipe e a posição da bola.

Conteúdos táticos de grupo

São os conteúdos cuja realização se dá na meso-escala do jogo, compreendendo subgrupos de jogadores com objetivos específicos de gestão do espaço de jogo, em um determinado contexto, por meio de ações de coordenação realizadas entre dois, três ou quatro jogadores. A seguir serão destacados conteúdos referentes à fase ofensiva:

Coordenação entre dois jogadores: ações tático-técnicas que envolvem, necessariamente, a atuação conjunta de dois jogadores. Por exemplo, tabelas e cruzamentos. Do ponto de vista decisional, este conteúdo caracteriza-se pelo acoplamento da ação de dois jogadores, no intuito de gerar vantagens e, conseqüentemente, garantir manutenção da posse e progressão no campo de jogo.

Coordenação entre três jogadores: ações tático-técnicas que envolvem, necessariamente, a atuação conjunta de três jogadores. Por exemplo, triangulações. Do ponto de vista decisional, este conteúdo caracteriza-se pelo acoplamento da ação de três jogadores, no intuito de gerar vantagens e, conseqüentemente, garantir manutenção da posse e progressão no campo de jogo. Destacam-se as dinâmicas de terceiro homem, atualmente bastante discutidas no meio prático no futebol.

Coordenação entre quatro jogadores: ações tático-técnicas que envolvem necessariamente a atuação conjunta de quatro jogadores. Por exemplo, associações laterais e dinâmicas de quarto homem. Do ponto de vista decisional, este conteúdo caracteriza-se pelo acoplamento da ação de quatro jogadores no intuito de gerar vantagens e, conse-

quentemente, garantir manutenção da posse e progressão no campo de jogo.

Conteúdos táticos coletivos

São conteúdos que se referem aos princípios que norteiam o jogo na *macroescala* da equipe. São os norteadores coletivos que amparam as decisões dos jogadores, nas escalas meso e micro, permitindo, assim, conhecer o jogar característico de cada equipe (PRAÇA; GRECO, 2020). Ressalta-se, contudo, que o estabelecimento de norteadores coletivos para o jogar não deve se amparar em um excessivo enrijecimento dos processos técnicos e táticos conduzidos pelos treinadores, mas, ao contrário, deve configurar-se como um objetivo compartilhado na definição do Modelo de Jogo adotado em cada situação. Os conteúdos tático-coletivos na organização ofensiva relacionam-se a três etapas no jogo, com intencionalidades diferentes: construção, progressão e finalização (em consonância com os princípios gerais do jogo).

A etapa de “construção” é caracterizada por ações que ocorrem, principalmente, no primeiro terço do campo, observando-se a incidência de princípios relacionados à manutenção de posse, com o objetivo de circular a bola e avançar com segurança, no campo de jogo. Para esta etapa, faz-se necessária: a compreensão dos conceitos de aumento efetivo do espaço de jogo, a alternância de corredores favoráveis e a criação de vantagens numéricas e posicionais na faixa de construção. Observa-se, dando fundamental importância, o estabelecimento de comportamentos que estimulem o atleta a perceber as possibilidades para a con-

servação da posse de bola e desenvolvam soluções seguras, para avançar ao campo adversário. Por exemplo, o princípio de “saída de bola com progressão”, que pressupõe ajustes posicionais dos jogadores voltados para a gestão das ações ofensivas no primeiro terço, buscando haver distanciamento da bola, com segurança, em relação ao próprio gol.

Na etapa de “progressão”, as ações ocorrem a partir do segundo terço do campo e são observados princípios relacionados à progressão dos jogadores e da bola à meta adversária. Para se conduzir este momento de forma satisfatória, é fundamental que os atletas compreendam conceitos de criação de espaços e vantagens numéricas e posicionais entre as linhas da defesa, seja em profundidade (por exemplo, na progressão pelo corredor central), ou em largura (por exemplo, na circulação por fora do bloco defensivo). Neste sentido, é relevante estabelecer comportamentos que facilitem o alcance do último terço do campo, em condições favoráveis para o ataque. O princípio “jogo entre linhas”, que pressupõe ações coletivamente concatenadas para o aproveitamento do espaço deixado pelas linhas defensivas adversárias, tem sido bastante utilizado por treinadores para orientar as ações dos jogadores, quando nesta etapa da organização ofensiva.

Na etapa de “finalização”, observam-se princípios relacionados à criação de oportunidades de finalização dos jogadores. Nesta etapa, faz-se necessário compreender, conceitualmente, movimentos de ruptura na última linha, criação de vantagens nos diferentes corredores do campo e ocupação racional da área, em situações de entrada no último terço pelo corredor lateral (para otimizar chances

de finalização). Contudo, além destas ações centradas na bola, observa-se fundamental importância no estabelecimento de comportamentos que facilitem a sequência do jogo, caso a bola seja perdida. Por exemplo, o princípio de “atacar marcando” pressupõe ajustes posicionais dos jogadores da última linha de defesa, no sentido de reduzir a distância para os atacantes adversários para, em caso de perda da bola, ser possível rapidamente cobrir linhas de passe e evitar a progressão.

Escalas de observação e treinamento dos diferentes conteúdos

Recentemente, propôs-se na literatura – e na prática – uma forma de observar o jogo, a partir da ideia dos Espaços de Fase (EDF). Os EDF caracterizam-se como uma perspectiva de interpretação da complexidade e da alta “variabilidade” das dinâmicas internas que ocorrem no fluxo do jogo, considerando a relação entre a posição do jogador e a posição da bola no campo de jogo (PERAITA SERRA, 2020). Trata-se de uma ferramenta de interpretação dos espaços do jogo, a partir de um olhar que permite capturar a informação relevante em cada momento; antecipar os cenários mais prováveis no momento seguinte, e ser capaz de estabelecer comportamentos preferenciais para cada um dos atores do sistema que coopera, para obter um objetivo (PERAITA SERRA, 2020). Os EDF podem ser divididos em três tipos: espaço de intervenção, espaço de ajuda mútua e espaço de cooperação.

O espaço de intervenção corresponde à área imediatamente próxima à bola, de forma que os jogadores

localizados neste espaço têm a capacidade de agir sobre ela imediatamente. Alguns fatores condicionarão o EDF subsequente, como, por exemplo: quais jogadores estão em disputa da bola naquele espaço, a localização do espaço de intervenção, quem é o jogador na posse de bola e se este se encontra em vantagem, desvantagem ou igualdade numérica e posicional.

O espaço de ajuda mútua surge a partir do espaço de intervenção, uma vez que a definição dessa zona de ajuda mútua é dada pela localização do centro do jogo e tem um raio de ação que varia, de acordo com as possibilidades de ação do jogador, em posse da bola naquele EDF. Este espaço se torna relevante ao se considerar duas razões: a) os jogadores presentes nele podem se tornar jogadores na intervenção pelo deslocamento rápido da bola, sem que muitos ajustes sejam possíveis no EDF subsequente; e, b) os jogadores presentes nele podem se mover rapidamente para ocupar o espaço de intervenção e atuar no centro de jogo, em um tempo relativamente curto, para que poucos ajustes sejam possíveis até o EDF subsequente.

Os espaços de cooperação são definidos como áreas fora do centro de jogo onde os elementos presentes têm uma ligação mais indireta com a bola, o que, às vezes, não permite que estes jogadores participem ativamente na construção de vantagens de espaço para sua equipe. Contudo, a distância do centro do jogo faz com que eles joguem em uma dinâmica diferente dos jogadores em espaços de intervenção ou ajuda mútua, permitindo, assim, maior tempo para raciocínios mais conscientes em seu processo de decisão.

Do ponto de vista conceitual, no treinamento tático no futebol, considera-se relevante ponderar a indissociabilidade dos três espaços e a ausência de hierarquia entre eles. Contudo, observa-se na prática que ações em espaço de cooperação são, por vezes, menos enfatizadas em processos de E-A-T, o que gera tendências de passividade dos atletas neste setor (se estou “longe” da bola, não participo do jogo), o que é contrário à ideia apresentada nos espaços de fase. Especificamente, ao invés de setor “longe”, as zonas mais distantes da bola são chamadas de espaços de cooperação, uma vez que as ações destes jogadores podem auxiliar sensivelmente na progressão do campo de jogo – por exemplo, movimentos de ruptura do atacante – e na organização da equipe para uma transição defensiva eficiente – por exemplo, movimentos de “atacar marcando” dos defensores da última linha. Portanto, enfatizar estes conteúdos no processo de E-A-T apresenta-se fulcral para um completo desenvolvimento do jogar pretendido.

Estudos aplicados sobre a tomada de decisão, no momento ofensivo no jogo de futebol

Na literatura atual, observa-se que o treinamento da tomada de decisão para o momento ofensivo do jogo ampara-se, sensivelmente, no uso de situações de jogo para reproduzir problemas táticos a serem enfrentados no jogo formal. Estas situações representativas do jogo são vivenciadas pelos atletas em jogos reduzidos, os quais, a partir da manipulação dos constrangimentos (conforme discutido no início deste capítulo), apresentam-se propensos a enfatizar determinados conteúdos táticos. A seguir

serão apresentados alguns estudos que investigaram como manipulações em constrangimentos na tarefa, no ambiente, e nos jogadores (pessoa) impactam na resposta tática ofensiva dos jogadores.

Ao considerar que as características da tomada de decisão podem variar de acordo com as funções realizadas pelo atleta nos jogos, por exemplo, o estatuto posicional (PRAÇA *et al.*, 2021), é relevante à comissão técnica se atentar a uma individualização do treinamento, no sentido da manipulação dos constrangimentos, de acordo com as necessidades dos atletas ou da posição desempenhada. Do ponto de vista das manipulações nas características dos jogadores, comumente altera-se a composição da equipe e o estatuto posicional dos colegas de equipe. Ao considerar as características dos jogadores Praça *et al.* (2017a) propuseram um estudo que considerou, para compor as equipes: o conhecimento tático processual, a potência aeróbia e o desempenho em teste de velocidade. Os resultados mostraram que houve melhora no desempenho tático nos jogos, nos quais as equipes eram compostas, considerando o conhecimento tático dos atletas, quando comparado aos demais critérios de composição. Neste critério de composição, os padrões de cooperação estabelecidos entre companheiros com o mesmo nível tático, bem como o confronto contra adversários com o mesmo nível de conhecimento tático, levaram ao aparecimento de melhores tomadas de decisão.

Ao investigar a influência do estatuto posicional nas propriedades da rede, por meio da *Social Network Analysis*, Praça *et al.* (2017b) concluíram que os meio-campistas apresentaram maiores níveis de proeminência em confi-

gurações de superioridade numérica, em comparação a defensores e atacantes. Em um estudo com o objetivo de verificar a influência do papel posicional nas capacidades de tomada de decisão de jogadores de futebol Sub-13, Andrade *et al.* (2021) observaram que, em situações de ataque, os meio-campistas apresentaram menor tempo de decisão para os princípios dentro e fora do centro do jogo, bem como na fase ofensiva geral, ou seja, os meio-campistas tomaram decisões mais rápidas, quando comparados com defensores e atacantes. Estes resultados podem estar associados às zonas de campo ocupadas pelos meios-campistas e às funções que desempenham, em relação a outras posições. Assim, uma vez que seus movimentos estão relacionados com a ocupação e a criação de espaços livres, próximos e distantes da bola, são geralmente realizados sob forte marcação dos adversários, já que as zonas de meio-campo são frequentemente congestionadas com jogadores adversários (ANDRADE *et al.*, 2021). Neste sentido, ao se considerar que alguns jogadores podem ser mais proeminentes, dependendo da sua posição de jogo, é importante desenvolver condições de tarefa nas quais os jogadores possam experimentar diferentes papéis, como, por exemplo, mudar o critério de composição, incluindo apenas defensores em uma equipe específica e, assim, melhorar suas habilidades táticas como um todo.

Manipular características do ambiente também parece levar a novos comportamentos por parte dos jogadores. Pesquisas que investigaram a influência do Futsal para o desenvolvimento de talentos e sua transferência para o futebol (OPPICI *et al.*, 2019; YIANNAKI; CARLING;

COLLINS, 2018), apontam que a bola de futsal, mesmo tendo peso similar à do campo, por possuir menor circunferência, facilita seu controle e reduz a demanda atencional para as ações técnicas, liberando, assim, atenção para a tomada de decisão. Oppici *et al.* (2018) concluíram que o passe aprendido no contexto do futsal (em relação à área, bola e tempo de ação) se transfere para o futebol, uma vez que apenas o grupo que praticou o futsal melhorou tal fundamento neste estudo. Outro estudo indicou que utilizar bolas diferentes em relação à bola de futebol (por exemplo, bola de handebol), reduz a exploração espacial dos jogadores, o que indica a necessidade deles “reconhecerem” um novo padrão de jogo, diferente daquele usualmente experimentado (SANTOS *et al.*, 2020). Por fim, um estudo observou que o jogo no campo gramado aumenta o número de unidades de ataque, em relação ao campo de “terra”, provavelmente pela maior estabilidade do terreno e, conseqüentemente, maior facilidade no controle das ações observadas no primeiro (DIAZ-CIDONCHA GARCIA; FRANCO ÁLVAREZ; DELLAL, 2017).

Manipulações na tarefa são comumente investigadas na literatura, apresentando sensivelmente mais estudos do que manipulações em características ambientais e das pessoas. Nesta linha, Moreira *et al.* (2020), ao analisarem a influência do tamanho do campo em pequenos jogos de 3 *vs* 3, concluíram que a redução simultânea da área de jogo absoluta e relativa aumentou a cooperação entre os companheiros de equipe, e que o aumento da área de jogo absoluta estimulou a proximidade entre os jogadores, enquanto a redução da área de jogo estimulou a ocupação

da largura. Ao investigar a “variabilidade” e criatividade de jogadores profissionais, por meio de pequenos jogos, Caso e Kamp (2020) concluíram que jogos com menor número de jogadores levam a uma maior frequência de decisões originais e criativas com a bola no ataque, o que nos leva ao entendimento de que para a melhoria da criatividade tática é fundamental no jogo em pequenos grupos e com espaço reduzido. Brito *et al.* (2019) concluíram que limitar o número de toques aumenta a exploração do campo em largura e profundidade no ataque, além de estimular a busca pelo jogo coletivo. Já Machado *et al.* (2019) verificaram que as equipes apresentaram baixa variabilidade de seus padrões de ataque, quando foi adotado um número maior de regras na tarefa, em comparação ao jogo com apenas uma regra. Em resumo, entende-se que incluir regras irá direcionar o comportamento dos jogadores para determinados caminhos, para a solução dos problemas emergentes no jogo.

Além dos supracitados estudos transversais, há na literatura estudos que, longitudinalmente, testaram a influência do treinamento com PJ na capacidade tática dos atletas. O uso de pequenos jogos, no contexto da pedagogia não linear, levou à melhoria da tomada de decisão e execução motora, em um estudo com jogadores de futebol Sub-12 (PRÁXEDES *et al.*, 2019). Interessantemente, esta melhoria, em outro estudo do mesmo grupo, observou que os jogos com superioridade numérica ofensiva geraram melhora superior em comparação aos jogos em igualdade numérica, indicando que este contexto (superioridade numérica) apresenta-se potencialmente mais simples para jogadores de nível iniciante na modalidade (PRÁXEDES

et al., 2018). Por fim, Aquino *et al.* (2015) buscaram apresentar uma proposta de sistematização de ensino do futebol baseada em jogos na categoria sub-11 e relataram uma melhora nos índices de desempenho tático, após 37 sessões de treinamento, suficientes para promover um desenvolvimento significativo no conhecimento tático processual dos jogadores, de modo a promover uma melhora na compreensão dos princípios táticos.

Ainda que diversos estudos tenham sido desenvolvidos nos últimos anos, destaca-se que ainda há, na literatura, espaço para novas e importantes investigações. Especificamente, observa-se que há poucos estudos de intervenção, principalmente em atletas mais velhos, o que limita entender como se dá, em longo prazo, o desenvolvimento de processos decisoriais no futebol. Ainda, há poucos estudos, mesmo de natureza transversal, com atletas de alto nível, o que indica a necessidade de incluir esta população em futuras investigações, para permitir uma prescrição baseada em evidências científicas também para este grupo. Por fim, o desenvolvimento de tecnologias que facilitem a análise semiautomática do comportamento dos jogadores, somada aos já reconhecidos instrumentos observacionais, tende a ampliar o alcance dos estudos e criar novas e mais robustas evidências.

Considerações finais

Tomar boas decisões, durante o momento de organização ofensiva no jogo de futebol, facilita o alcance dos objetivos tanto de jogadores quanto da equipe. Portanto, treinadores buscam desenvolver processos pedagógicos

para ampliar o acervo decisional dos atletas, e pesquisadores buscam entender como este aprendizado pode ser otimizado. Neste cenário, apresentou-se neste capítulo uma visão geral dos pressupostos conceituais para o treinamento da tomada de decisão, na organização ofensiva do jogo de futebol. Neste cenário, ainda que a literatura aponte caminhos norteadores, faz-se fundamental considerar que a formação de atletas inteligentes e criativos passa por um ambiente diverso e variável. Portanto, seguir estes caminhos norteadores não implica enrijecer o jogo praticado, mas conferir coerência interna ao processo de liberdade dos jogadores para (re)criar o jogo. Em suma, o futebol à brasileira depende do jogo ofensivo qualificado, e este, por sua vez, depende de processos de ensino e aprendizagem e de treinamento, que valorizem o aprendiz – o jogador – colocando-o no centro do processo formativo.

Referências

ANDRADE, L. *et al.* Decision making in soccer: effect of positional role of u-13 soccer players. **Journal of Physical Education and Sport**, v. 21, n. 3, p. 1413-1420, 2021.

AQUINO, R. *et al.* Proposta de sistematização de ensino do futebol baseada em jogos: desenvolvimento do conhecimento tático em jogadores com 10 e 11 anos de idade. **Motricidade**, v. 11, n. 2, p. 115-128, 2015.

BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivro, 1994.

BUNKER, D.; THORPE, R. A model for the teaching of games in the secondary school. **Bulletin of Physical Education**, v. 18, n. 1, p. 5-8, 1982.

CASO, S.; VAN DER KAMP, J. Variability and creativity in small-sided conditioned games among elite soccer players. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 48, p. 101645, 2020.

CHOW, J. Y. *et al.* The role of nonlinear pedagogy in physical education. **Review of Educational Research**, v. 77, n. 3, p. 251-278, 2007.

CHOW, J. Y. Nonlinear learning underpinning pedagogy: evidence, challenges, and implications. **Quest**, v. 65, n. 4, p. 469-484, out. 2013.

CHOW, J. Y. *et al.* Nonlinear pedagogy and its implications for practice in the Singapore PE context. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 26, n. 3, p. 230-241, 2021a.

CHOW, J. Y. *et al.* **Nonlinear pedagogy in skill acquisition**: an Introduction. 2nd Editio ed. New York: Routledge, 2021b.

DIAZ-CIDONCHA GARCIA, J.; FRANCO ÁLVAREZ, E.; DELLAL, A. Analysis of offensive technical actions on different playing surfaces in 5v5, 7v7 and 9v9 sided games in soccer. **International Journal of Sports and Physical Education**, v. 3, p. 47-57, 2017.

GARGANTA, J. **Modelação da dimensão tática do jogo de futebol**. 1997. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto e Educação Física) – Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 1997.

GARGANTA, J.; PINTO, J. O ensino do futebol. *In*: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (ed.). **O ensino dos jogos desportivos**. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto: Rainho & Neves Lda., 1994. p. 95-136. v. 1.

GIBSON, J. J. **The ecological approach to visual perception**. New Jersey: Lawrence Earlbaum Associates, 1979.

GRAY, R.; CAÑAL-BRULAND, R. Integrating visual trajectory and probabilistic information in baseball batting. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 36, n. 1, p. 123-131, 2018.

GRECO, P. J. *et al.* A cognição em ação: proposta de um modelo de treinamento tático-técnico da tomada de decisão nos jogos desportivos coletivos. *In*: LEMOS, K. L. M.; PEREZ MORALES, J. C.; GRECO, P. J. (ed.). **O esporte criando pontes entre a pesquisa e a prática**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2015a. p. 311-334.

GRECO, P. J. *et al.* Iniciação esportiva universal: o jogo do “ABC” na alfabetização esportiva. *In*: LEMOS, K.; GRECO, P. J.; MORALES, J. C. P. (ed.). **5o. Congresso Internacional dos Jogos Desportivos**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2015b. p. 335-359.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. **Iniciação esportiva universal**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

KANNEKENS, R.; ELFERINK-GEMSER, M. T.; VISSCHER, C. Tactical skills of world-class youth soccer teams. **Journal of Sports Sciences**, v. 27, n. 8, p. 807-812, 2009.

KANNEKENS, R.; ELFERINK-GEMSER, M. T.; VISSCHER, C. Positioning and deciding: key factors for talent development in soccer. **Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports**, v. 21, n. 6, p. 846-852, 2011.

KRAUSE, L. *et al.* Helping coaches apply the principles of representative learning design: validation of a tennis specific practice assessment tool. **Journal of Sports Sciences**, v. 36, n. 11, p. 1277-1286, 3 jun. 2017.

KROGER, C.; ROTH, K. **Escola da bola: um ABC para iniciantes nos jogos esportivos**. São Paulo: Phorte, 2002.

MACHADO, J. C. *et al.* How does the adjustment of training task difficulty level influence tactical behavior in soccer? **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 90, n. 3, p. 403-416, 2019.

MEMMERT, D. **Teaching tactical creativity in sport: research and practice**. London & New York: Routledge, 2015.

METZLER, M. W. **Instructional models for physical education**. 3rd. ed. Scottsdale, USA: Holcomb Hathaway, 2011.

MOREIRA, P. E. D. *et al.* Network analysis and tactical behaviour in soccer small-sided and conditioned games: influence of absolute and relative playing areas on different age categories. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 20, n. 1, p. 64-77, 2020.

MOREIRA, V. J. P.; MATIAS, C. J. A. S.; GRECO, P. J. A influência dos métodos de ensino-aprendizagem-treinamento no conhecimento tático processual no futsal. **Revista Motriz**, v. 19, n. 1, p. 84-98, 2013.

MURTA, C. DA C. F. *et al.* Goalkeepers put their money where the coach's mouth is: knowing kicker's preferences enhances anticipation of football goalkeepers. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, p. 1-16, 2021.

NITSCH, J. Ecological approaches to sport activity: a commentary from a action-theoretical point of view. **International Journal of Sports Psychology**, v. 40, p. 152-176, 2009.

OPPICI, L. *et al.* Futsal task constraints promote transfer of passing skill to soccer task constraints. **European Journal of Sport Science**, v. 18, n. 7, p. 947-954, 2018.

OPPICI, L. *et al.* Futsal task constraints promote the development of soccer passing skill: evidence and implications for talent development research and practice. **Science and Medicine in Football**, v. 3, n. 3, p. 259-262, 2019.

PASSOS, P.; ARAUJO, D.; DAVIDS, K. Self-organization processes in field-invasion team sports : implications for leadership. **Sports Medicine**, v. 43, n. 1, p. 1-7, 2013.

PERAITA SERRA, A. **Espacios de Fase. Como Seirul.lo cambi6 la t6ctica para siempre**. Espanha: MCSports, 2020. v. 1.

PRAÇA, G. M. *et al.* Influence of additional players on collective tactical behavior in small-sided soccer games. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 18, n. 1, p. 62-71, 2016.

PRAÇA, G. M. *et al.* Tactical behavior in soccer small-sided games: influence of team composition criteria. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 19, n. 3, p. 354-363, 2017a.

PRAÇA, G. M. *et al.* Network analysis in small-sided and conditioned soccer games: the influence of additional players and playing position. **Kinesiology**, v. 49, n. 2, p. 185-193, 2017b.

PRAÇA, G. M. *et al.* The influence of playing position on the physical, technical, and network variables of sub-elite professional soccer athletes. **Human Movement**, v. 22, n. 2, p. 22-31, 2021.

PRAÇA, G. M.; GRECO, P. J. **Treinamento tático no futebol: teoria e prática**. Curitiba: Appris, 2020.

PRAÇA, G. M. M. *et al.* Influence of numerical superiority and player's tactical knowledge on perceived exertion and physical and physiological demands in soccer small-sided games. **Revista de Psicologia del Deporte**, v. 27, n. 2, p. 31-38, 30 jul. 2017c.

PRAXEDES, A. *et al.* The effect of small-sided games with different levels of opposition on the tactical behaviour of young footballers with different levels of sport expertise. **PLoS ONE**, v. 13, n. 1, p. 1--14, 2018.

PRÁXEDES, A. *et al.* Effects of a nonlinear pedagogy intervention programme on the emergent tactical behaviours of youth footballers. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 24, n. 4, p. 332-343, 2019.

ROCA, A. *et al.* Identifying the processes underpinning anticipation and decision-making in a dynamic time-constrained task. **Cognitive Processing**, v. 12, n. 3, p. 301-310, 2011.

RODRIGUES, V. A. O. *et al.* A influência da marcação do primeiro gol no resultado final de partidas do campeonato brasileiro séries A e B. **Kinesis**, v. 34, n. 2, p. 76-84, 2016.

SANTOS, S. *et al.* Effects of manipulating ball type on youth footballer's performance during small-sided games. **International Journal of Sports Science and Coaching**, v. 15, n. 2, p. 170-183, 2020.

SCAGLIA, A. J. **O futebol e as brincadeiras de bola: a família dos jogos de bola com os pés**. São Paulo: Phorte, 2011.

SILVA, M. V.; GRECO, P. J. A influência dos métodos de ensino-aprendizagem-treinamento no desenvolvimento da inteligência e criatividade tática em atletas de futsal. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 23, n. 3, 2009.

SOUSA, R. B. E *et al.* Influence of limiting the number of ball touches on players' tactical behaviour and network properties during football small-sided games. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 19, n. 6, p. 999-1010, 2019.

TAMARIT, X. **What is tactical periodization?** Oakamoor, UK: Bennion Kearny Limited, 2015.

TEOLDO, I. *et al.* Princípios táticos do jogo de futebol: conceitos e aplicação Os Princípios Táticos. **Motriz**, v. 15, n. 3, p. 657-668, 2009.

TEOLDO, I. *et al.* System of tactical assessment in soccer (FUT-SAT): development and preliminary validation. **Motricidade**, v. 7, n. 1, p. 69-83, 2011.

YIANNAKI, C.; CARLING, C.; COLLINS, D. Could futsal hold the key to developing the next generation of youth soccer players? **Science and Medicine in Football**, v. 2, n. 1, p. 71-74, 2018.

Parte 2



Fonte: Elaborado por Julia Maria Hach Correia (4º B do Colégio de Aplicação da UFSC).

Aplicando a pedagogia do jogo: reflexões sobre a intervenção do(a) treinador(a)

Alberto Lobato Góes Júnior⁶
João Bosco Gomes Lima Junior⁶
João Cláudio Machado⁷
Alcides José Scaglia⁸

Introdução

Os jogos esportivos coletivos de invasão possuem vários componentes em comum, como regras, equipes com interesses distintos, um implemento a ser manipulado (bola) e, dentre outros, que, ao se relacionarem durante uma partida oficial, acabam contribuindo para o surgimento de variados tipos de problemas e soluções a todo momento (BAYER, 1994; GALATTI *et al.*, 2017). Se o contexto de jogo competitivo apresenta características instáveis, é necessário que a sessão de treino seja capaz de representar, pelos menos em certa medida, as demandas da modalidade (BALAGUÉ *et al.*, 2019). No caso do futebol, a constante alternância na posse de bola, os diferentes níveis de compreensão dos jogadores e as janelas de oportunidade para agir são apontamentos sempre presentes em qualquer sessão de treino.

A concepção metodológica do treino é uma função inerente ao treinador, os conhecimentos adquiridos no período de formação auxiliam tanto no planejamento quanto

⁶ Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Brasil.

⁷ Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, Universidade Federal do Amazonas, Brasil.

⁸ Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Brasil.

na seleção das atividades (BETTEGA *et al.*, 2018, 2019, 2021; MARTINS; SCAGLIA, 2021). A estruturação do treino depende do profissional que a esteja organizando, portanto, o gerenciamento da prática é influenciado pelas epistemologias do treinador que, em geral, se pautam em três teorias do conhecimento: inatismo, empirismo e interacionismo (SILVA *et al.*, 2021; BECKER, 2012). O inatismo acredita que o indivíduo herda genes especiais que o farão se tornar um grande jogador, já o empirismo compreende que qualquer indivíduo pode se tornar um praticante habilidoso, desde que passe por um período de treinamento específico (SCAGLIA; REVERDITO, 2016).

O interacionismo diverge das duas teorias anteriores, pois acredita na relação do indivíduo com o meio para a geração do conhecimento, essa perspectiva renega a ideia de transmissão (inatismo) ou produção de saber (empirismo), e prioriza a interação entre treinador, jogadores e o ambiente de prática (SILVA *et al.*, 2021). Assim, ao se utilizar atividades pautadas no jogo, o treinador evidencia condutas próximas à teoria do interacionismo e, também, de uma produção científica que enfatiza a necessidade de um processo de ensino mais representativo (SARMENTO *et al.*, 2018; PETIOT *et al.*, 2021). Logo um conjunto de pesquisadores buscaram investigar como o jogo poderia contribuir para o ensino do futebol.

Além de manter a relação de cooperação e oposição, alguns estudos destacam que o jogo pode ser utilizado para enfatizar determinados comportamentos/ações que os jogadores necessitam aprender (CLEMENTE *et al.*, 2014; CLEMENTE; AFONSO; SARMENTO, 2021). A realização de jogos em

campo grande eleva a área relativa do jogador, este fato indica que as equipes terão mais espaço para dominar a bola e pensar na melhor decisão a ser tomada; em contrapartida, os campos menores diminuem a área relativa por jogador, o que favorece o aumento das ações técnico-táticas (CLEMENTE; SARMENTO, 2020). O posicionamento da baliza também pode ser utilizado para estimular ações individuais e/ou coletivas. Quando os alvos são localizados nas zonas laterais do campo e não há a presença de goleiros, as ações dos jogadores possibilitam uma ampliação do espaço de jogo efetivo, bem como uma quantidade maior de ações, em ambos os corredores laterais (zonas onde as balizas se encontram), sem mencionar que a ausência do goleiro permite finalizações de longa distância (OMETTO *et al.*, 2018). Para além dos comportamentos supracitados, é importante que o jogador consiga perceber diferentes oportunidades de ação (*affordances*) para tomar suas próprias decisões e ajustar suas ações (TRAVASSOS, 2014).

Um recente estudo destacou que o uso excessivo de regras pode atrapalhar os jogadores, na busca por novas possibilidades de resposta, mas, quando o mesmo se encontra ajustado ao nível de compreensão dos jogadores, o comportamento exploratório tende a ser potencializado (MACHADO *et al.*, 2020a). Além de explorar novas possibilidades de resposta, os jogos, quando ajustados aos jogadores, estimulam os jogadores a resolverem os problemas que lá emergem de forma coletiva (MACHADO *et al.*, 2020b). Nessa perspectiva, quando bem-empregado, o jogo possui um potencial pedagógico na formação do jogador, por isso várias abordagens de ensino se apropriam do jogo para melhorar a construção do conhecimento.

Nos últimos anos, uma profusão de abordagens de ensino emergiu de vários países, com diferentes nomenclaturas; no entanto, todas se aglutinam em torno do que é chamado de “tendências emergentes em pedagogia do esporte”, uma vez que compartilham semelhanças a respeito da operacionalização do processo de ensino (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2009; SCAGLIA; REVERDITO, 2016). Essas novas tendências compreendem a figura do professor/treinador como sendo um pedagogo do esporte, para tal é necessário perceber que a construção do conhecimento advém da relação entre treinador e jogador (SCAGLIA, 2014). Nesse sentido, a pedagogia do jogo (PJ) se mostra como abordagem preocupada não somente com o jogo, mas também em auxiliar o treinador, durante a estruturação e aplicação da sessão treino.

Pedagogia do jogo

A pedagogia do jogo (PJ) surge a partir dos trabalhos de Freire (2002, 2011) e Scaglia (2005), nos quais os pesquisadores começaram a investigar como os jogos praticados no ambiente da rua eram capazes de proporcionar uma rica aprendizagem no futebol. Estes jogos ocorriam em um piso irregular; com regras adaptadas, um número reduzido de jogadores, e o implemento não seria, necessariamente, uma bola oficial, podendo ser substituído por qualquer outro objeto (MACHADO *et al.*, 2018). Todas estas circunstâncias permitiam maior participação dos jogadores, juntamente com a busca incessante por soluções que pudessem surpreender a equipe adversária, ou seja, fomentavam a exploração de novas possibilidades de resposta

(MACHADO; SCAGLIA, 2020). Além disso, como não havia a presença de um adulto, os jogadores poderiam desenvolver sua autonomia para tomar as próprias decisões (MACHADO; THIENGO; SCAGLIA, 2017). Os apontamentos supracitados elucidam a imprevisibilidade que é inerente tanto ao futebol de rua quanto ao futebol competitivo, esta proximidade possivelmente facilita a transferência de respostas entre os dois cenários.

Além da imprevisibilidade, as características dos jogos de rua também podem ser adaptadas para o contexto das escolinhas de futebol, que deverão ser organizadas cuidadosamente pelo treinador, a fim garantir o ensino de conteúdos (SCAGLIA; REVERDITO; GALATTI, 2013). Para isso, o treinador precisa elaborar jogos representativos e adequados às equipes, além dos jogadores desenvolverem ações técnico-táticas proporcionadas pelo jogo, é possível ainda aprender com seus próprios pares, já que os mesmos apresentam conhecimentos prévios, que não podem ser desconsiderados (SCAGLIA, 2017; SCAGLIA; FABIANI; GODOY, 2020). Assim, o conhecimento pode emergir do imbricar entre o jogo, o jogador e o treinador (SCAGLIA *et al.*, 2015; SCAGLIA; FABIANI, 2017).

Dessa forma, a intrínseca relação dos locais não estruturados com os ambientes formais de ensino e treino do futebol, permite à PJ ser considerada uma abordagem de ensino, que finca suas bases epistemológicas no interacionismo, guiada pela natureza do jogo (SCAGLIA *et al.*, 2021). Como toda abordagem, a PJ possui conceitos em constante transformação, que embasam toda sua proposta didático-metodológica (Quadro 1).

Quadro 1 – Conceitos da pedagogia do jogo

Conceitos	Definição
Jogo	Pode ser compreendido como um fenômeno, proveniente de afecções, que geram experiências, e que se manifesta em jogos com regras flexíveis (brincadeira) ou com regras mais rígidas (esporte), entre outros.
Jogos	Objetos culturais em que se pode manifestar o fenômeno jogo (ex.: jogo de futebol, jogo de bobinho, jogo de rebatida, jogo de queimada, etc.).
Estado de jogo	Estado de concentração momentânea do jogador enquanto está jogando.
Ato de jogar	Ação intencional do jogador em relação ao jogo.
Estruturas padrões	Conjunto de alicerces que sustentam o jogo, sendo organizados em: regras, condições externas, jogadores e esquemas motrizes.
Processo organizacional sistêmico	A relação entre as estruturas padrão ocasiona momentos de organização temporária na organização do jogo. Contudo, são precedidos por momentos de desordem continuamente.
Ambiente de jogo	É um ambiente que apresenta componentes necessários para manter o jogador engajado, sendo estes: representação, desequilíbrio, imprevisibilidade e desafio.
Ambiente de aprendizagem	É um ambiente que contempla a figura do treinador. Neste contexto, o planejamento precisa estar associado ao objetivo pedagógico, o que garante o compromisso de ensinar.
Possibilidades e potencialidades	As possibilidades de ensino representam os conteúdos evidenciados durante um jogo, já a potencialidade contempla o nível de compreensão do jogador e a forma como ele poderá solucionar os problemas advindos do jogo, em meio às relações estabelecidas com as possibilidades até então percebidas e sentidas.
Competências essenciais	É o eixo norteador do conteúdo da pedagogia do jogo, dividindo-se em: estruturação do espaço, comunicação na ação e relação com a bola.
Matrizes de jogos	Tipos de estruturas de jogos que podem ser aplicados em uma sessão de treino pautada pela Pedagogia do Jogo, subdivide-se em: jogos conceituais, jogos conceituais em ambiente específico, jogos específicos e jogos contextuais.

Fonte: Scalgia (2011), Scaglia et al. (2013, 2015).

Além de defender um processo de ensino centrado no jogador e pautado no jogo, a pedagogia do jogo também compreende que, por mais que o treinador prepare a sessão de treino, levando em consideração o conteúdo a ser ensinado, seus jogadores e as atividades (jogos) a serem aplicadas, é possível que seja necessário realizar intervenções, a fim de retomar o foco do treino. Portanto, a PJ também se preocupa com a intervenção do treinador, assumindo que suas ações podem contribuir com a formação de jogadores inteligentes.

Intervenção do treinador

A Pedagogia do Esporte (PE), enquanto disciplina das ciências do esporte, defende a implementação de algumas etapas que operacionalizam o ensino do esporte, sendo estas: organização de métodos, sistematização de conteúdos, aplicação das sessões de treino e avaliação sistêmica (GALATTI *et al.*, 2014; SILVA; THIENGO; SCAGLIA, 2022). Para a pedagogia do jogo, a intervenção está associada com as etapas supracitadas, porém pode ser compreendida sob outra perspectiva. O ato de intervir engloba as etapas fundamentadas pela PE, mas diverge em relação ao tempo dos acontecimentos; então a intervenção pode se manifestar antes, durante e até mesmo após as sessões de treino.

A organização do método e a sistematização dos conteúdos se encaixam em um período de tempo que antecede o início da sessão de treino, a aplicação corresponde ao período do treinamento, e a avaliação sistêmica seria durante e após o término da respectiva sessão. É importante destacar que entendemos que a avaliação não ocorrerá ex-

clusivamente após as sessões de treino, e esta não se resume a acompanhar a evolução do atleta ao longo da temporada. O(a) treinador(a) necessita, constantemente, avaliar as ações e os conteúdos de treino, que emergem durante os jogos, que estão sendo aplicados nas sessões de treino, para que este perceba a necessidade (ou não) de intervir. A aplicação da PJ pressupõe uma participação ativa do(a) treinador(a), não só nas etapas de planejamento, sistematização e aplicação do processo de ensino e treinamento, como também na etapa de avaliação. Ou seja, caso este não consiga avaliar durante as sessões de treino se os conteúdos inicialmente propostos estão sendo ou não enfatizados, ou se as tarefas de treino estão ou não ajustadas ao nível dos seus jogadores, poderá contribuir para que este não alcance os objetivos inicialmente propostos para aquela sessão de treino.

Compreender estas etapas de operacionalização, como formas de intervenção que se subdividem conforme o tempo (antes, durante, depois), confere ao treinador demandas de planejamento ainda maiores, o que coloca suas decisões como ações-chave para implementar contextos representativos (BETTEGA *et al.*, 2018; 2019). Os contextos de treino possuem dois tipos de estratégias de intervenção, ambos dependem da percepção do treinador e são denominadas de intervenções estruturais/funcionais e verbais/gestuais.

Figura 1 – Estrutura da intervenção na Pedagogia do Jogo



Fonte: Elaboração dos próprios autores.

O primeiro tipo de intervenção se refere a modificações diretas no jogo, podendo ser realizada na estrutura (tamanho do campo, número de jogadores, tamanho e quantidade de balizas) ou na funcionalidade (criar regras adaptadas) (BELOZO; SCAGLIA, 2017). O segundo tipo consiste em repassar informações aos jogadores, seja pela ação verbal ou gestual do(a) treinador(a), mas sem alterar o jogo. As duas estratégias de intervenção já foram estudadas anteriormente, e se mostraram interessantes para enfatizar conteúdos ofensivos com a finalidade de estimular ações dos jogadores (BATISTA *et al.*, 2019; MACHADO *et al.*, 2020a; SCAGLIA *et al.*, 2021); portanto, podem ser incorporados em uma sessão de treino embasada pelas premissas da PJ.

As intervenções do(a) treinador(a), independentemente do tempo (antes, durante ou depois), possuem ligações com sua própria epistemologia e com as circunstâncias evidenciadas pelo jogo (SILVA *et al.*, 2021; SCAGLIA, 2017), logo por mais que o treino esteja pautado na PJ, não significa que os treinadores irão agir da mesma forma. Assim, um dos focos da PJ é desenvolver a autonomia dos jogadores, mas os(as) treinadores(as) também estão inclusos neste processo (BETTEGA *et al.*, 2021). Desse modo, as intervenções dos(as) treinadores(as) podem até ser diferentes, mas precisam se alinhar com o conteúdo e o nível de compreensão do jogador, priorizando tarefas representativas (jogo).

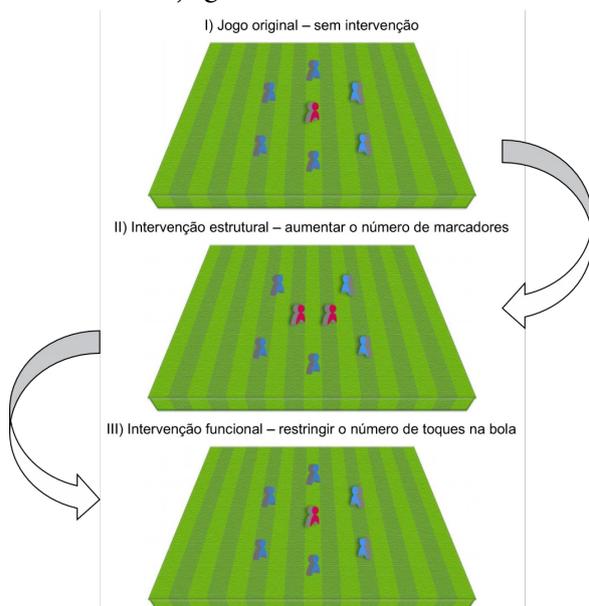
Aplicação prática da intervenção de treinadores(as)

Após discutirmos sobre a importância da aplicação de um processo de ensino e treinamento com jogos, as premissas da PJ, a forma como os autores compreendem a intervenção do(a) treinador(a) e os tipos de estratégias que podem ser adotados, o presente tópico é destinado a exemplificar uma sessão de treino, com ênfase nos conteúdos ofensivos do futebol.

O conteúdo estipulado será a manutenção da posse de bola (BAYER, 1994); os jogadores pertencem à categoria Sub-12 e enfatizaremos a competência essencial de estruturação do espaço de jogo (SCAGLIA *et al.*, 2013). A primeira atividade será um jogo de bobinho, quando haverá jogadores posicionados no círculo central do campo e que terão o objetivo de trocar passes entre si. Porém, no centro do círculo haverá 1 jogador que terá a função de

recuperar a bola. Caso ele tenha êxito, o jogador que recuperou e aquele que perdeu a bola deverão trocar de função e dar continuidade ao jogo. Na primeira atividade, caso houver necessidade, o treinador poderá adotar estratégias de modificação, pautadas nos elementos estruturais, como: aumentar a quantidade de jogadores com a função de recuperar a bola. A modificação também poderá ser feita pela modificação dos elementos funcionais, como: adicionando regras de restrição de toques na bola.

Figura 2 – Exemplo prático de intervenções centradas no jogo na atividade 1

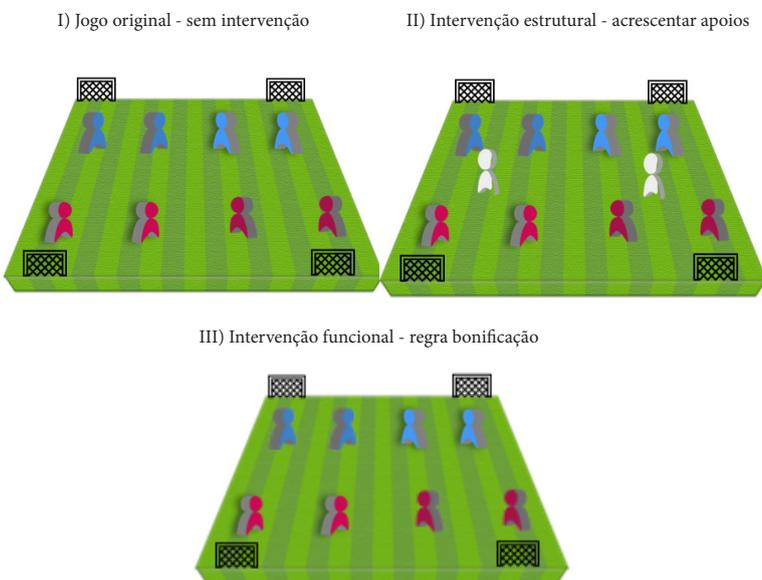


Fonte: Elaboração dos próprios autores.

A segunda atividade acontecerá em um campo de jogo com 29.54m de comprimento e 47.72m de largura, além disso envolverá duas equipes e pequenos alvos (minibalizas).

As equipes serão compostas por quatro jogadores; haverá duas minibalizas situadas nos corredores laterais para cada equipe, e este jogo obedecerá às regras oficiais de uma partida de futebol, com exceção da regra de impedimento. Nesta condição, não haverá vantagem para nenhuma das equipes, pois ambas deverão proteger e atacar dois alvos específicos. Assim como na primeira atividade, o treinador poderá provocar intervenções no jogo, como: acrescentar jogadores de apoio que auxiliarão apenas a equipe que estiver na posse de bola (estrutural); ou inserir uma regra de bonificação, em que as equipes serão recompensadas, caso troquem passes alternados com todos os seus companheiros, antes de finalizar (funcional).

Figura 3 – Exemplo prático de intervenções centradas no jogo na atividade 2



Fonte: Elaboração dos próprios autores.

Ambas as atividades foram utilizadas em estudos anteriores, que investigaram a influência do jogo no comportamento tático de jogadores e equipes (SCAGLIA *et al.*, 2021; MACHADO *et al.*, 2020a). Assim, atividades com superioridade numérica podem auxiliar as equipes a manterem a posse de bola, seja através de uma dinâmica de troca de passes mais lenta ou intensa (SCAGLIA *et al.*, 2021; MACHADO *et al.*, 2019). O ato de aumentar o tamanho do campo, apenas no sentido da largura, e posicionar os alvos nos corredores laterais favorece a circulação da bola na busca por uma oportunidade de finalização (MACHADO *et al.*, 2020a).

Entretanto, a PJ fornece uma outra alternativa de intervenção que consiste em ajudar o jogador a compreender o jogo por meio de comportamentos verbais e gestuais do treinador. No geral, as ações de instrução direta e *feedback* são empregadas com frequência, no decorrer do treino, com o intuito de fornecer informações úteis para lidar com os problemas que emergem do jogo (STONEBRIDGE; CUSHION, 2018; AGUSTÍ *et al.*, 2020). A instrução consiste em o(a) treinador(a) dizer o que os jogadores devem fazer de modo diretivo (FORD; YATES; WILLIAMS, 2010; PARTINGTON; CUSHION, 2013), apesar de amplamente utilizado, este tipo de ação pode inibir a oportunidade de o jogador explorar outras possíveis soluções (OTTE *et al.*, 2020). Por outro lado, o *feedback* pode ser definido como uma informação que prioriza a melhora do desempenho do jogador em uma tarefa (MCLESKEY *et al.*, 2017); este tipo de comportamento está associado a um aprimoramento das habilidades motoras (ZHOU;

SHAO; WANG, 2021), no desempenho e na autoconfiança dos jogadores, durante a prática (TZETZIS; VOTSIS; KOURTESSIS, 2008).

Mediante o exposto, tanto na atividade 1 quanto na atividade 2, o treinador pode realizar estratégias verbais pautadas na instrução, na tentativa de modificar as ações dos jogadores, como: “passe a bola!”, “pressione o adversário!”, “chute no gol!” Todavia, também é possível realizar intervenções a partir da estratégia de *feedback*, através dos seguintes comportamentos: “precisamos aumentar o ritmo de passes na próxima tentativa”, “excelente jogada”. Na perspectiva da PJ, os comportamentos exemplificados visam remodelar as ações dos jogadores, a partir de um conteúdo previamente estabelecido (manutenção da posse de bola). Entretanto, o treinador deverá perceber o momento certo para intervir e como os tipos de intervenções verbais/gestuais impactarão no comportamento exploratório das equipes (Quadro 2).

Nesse sentido, independentemente do tipo de intervenção que será adotado (estrutural/funcional e verbal/gestual), o importante é propor modificações coerentes com o objetivo do treinamento, evidenciando um processo de ensino intencional (SCAGLIA *et al.*, 2013; 2015). O modo como cada treinador irá gerenciar as intervenções possivelmente será diferente em virtude da sua vivência esportiva e formação acadêmica (BETTEGA *et al.*, 2018; 2019; AGUSTÍ *et al.*, 2020). Portanto, a PJ não deseja estipular condutas rígidas de intervenção, mas fomentar recursos embasados, cientificamente, para que os treinadores possam tomar as próprias decisões, considerando sempre

o objetivo do treinamento e o nível de compreensão do jogador.

Quadro 2 – Exemplos de estratégias verbais/gestuais

Estratégias verbais/gestuais	Atividade 1	Atividade 2
Instrução	“marcadores, recuperem a bola!” “jogador, passe a bola!” “domine a bola!” “pressionem!”	“desmarque-se” “conduza a bola” “finalize!” “recue para defender”
Feedback	“bom passe” “jogador, o seu passe foi forte demais” “ótimo domínio” “precisamos criar uma linha de passe”	“boa tentativa” “jogador, fica mais difícil marcar um gol em uma baliza protegida” “excelente passe!” “jogador, tente acelerar a troca de passe”

Fonte: Elaboração dos próprios autores.

Considerações finais

Implementar um processo de ensino e treinamento no futebol, centrado no jogador e pautado no jogo, não se resume a uma escolha arbitrária dos jogos a serem realizados e dos conteúdos a serem enfatizados. Nesse sentido, os(as) treinadores(as) enfrentam muitos desafios no seu dia a dia, para conseguirem proporcionar aos seus jogadores ambientes mais representativos de prática, que possam potencializar a aprendizagem e a performance de seus atletas. E a PJ, como uma abordagem/modelo de ensino, sustentada pelas novas tendências em Pedagogia do Esporte, busca

contribuir com informações pertinentes, que possam ajudar treinadores(as) a gerirem melhor seu processo de ensino e treinamento no futebol, seja nas etapas de planejamento ou sistematização (momentos que antecedem a sessão de treino), bem como nas etapas de aplicação (durante a sessão de treino) e de avaliação (durante e após a sessão de treino).

Com este capítulo, não pretendemos fornecer uma receita de como operacionalizar um processo de ensino e treinamento com jogos, mas sim destacar princípios da PJ, que possam ajudar profissionais do futebol a estruturarem e intervirem melhor, em suas sessões de treino. Nesse sentido, é importante compreendermos que toda e qualquer intervenção do(a) treinador(a), seja antes, durante ou após as sessões de treino, poderá impactar na forma como os jogadores responderão aos problemas de jogo, aos conteúdos que irão emergir nas sessões de treino, bem como estes jogadores irão perceber possibilidades de ação e ajustar suas ações, no decorrer dos jogos que serão aplicados. Portanto, os(as) treinadores(as) precisam conseguir compreender o contexto em que estão inseridos, para criarem e ajustarem suas tarefas de treino de forma mais eficaz, considerando, sempre, os conteúdos que pretendem enfatizar e também o nível de desempenho dos seus jogadores.

Referências

AGUSTÍ, D *et al.* The academic background of youth soccer coaches modulates their behavior during training. **Frontiers in Psychology**, v. 11, p. 2535, 2020.

BALAGUÉ *et al.* On the relatedness and nestedness of constraints. **Sports Medicine – Open**, v. 5, n. 1, 2019.

BATISTA, J. *et al.* The influence of coaches' instruction on technical actions, tactical behaviour, and external workload in football small-sided

games. **Montenegrin Journal of Sports Science and Medicine**, v. 8, n. 1, p. 29-36, 2019.

BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivro, 1994.

BECKER, Fernando. Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos. *In*: BECKER, F. (org.). **Educação e construção do conhecimento**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 13-26.

BELOZO, F.; SCAGLIA, A. Pedagogia do esporte: o jogo e o futebol. *In*: BELOZO, F.; LOPES, R. (org.). **Futebol sistêmico: conceitos e metodologias de treinamento**. Jundiaí: Páco Editorial, 2017. p. 31-47.

BETTEGA, O. *et al.* Formar o treinador e o jogador nas categorias de base do futebol: engendrando na interação e/ou na especificidade? **Movimento**, v. 25, p. e25021, 2019.

BETTEGA, O. *et al.* O ensino da tática e da técnica no futebol: concepção de treinadores das categorias de base. **Retos**, n. 33, p. 112-117, 2018.

BETTEGA, O. *et al.* Pedagogia do esporte: bases epistemológicas e articulações para o ensino esportivo. **Revista Inclusiones**, v. 8, p. 185-213, 2021.

CLEMENTE, F. M. *et al.* Acute effects of the number of players and scoring method on physiological, physical, and technical performance in small-sided soccer games. **Research in Sports Medicine**, v. 22, n. 4, p. 380-397, 2014.

CLEMENTE, F. M.; AFONSO, J.; SARMENTO, H. Small-sided games: an umbrella review of systematic reviews and meta-analyses. **PLoS ONE**, v. 16, n. 2, p. e0247067, 2021.

CLEMENTE, F. M.; SARMENTO, H. The effects of small-sided soccer games on technical actions and skills: A systematic review. **Human Movement**, v. 21, n. 3, p. 100-119, 2020.

FORD, P. R.; YATES, L.; WILLIAMS, A. M. An analysis of practice activities and instructional behaviours used by youth soccer coaches during practice: exploring the link between science and application. **Journal of Sports Sciences**, v. 28, n. 5, p. 483-495, 2010.

FREIRE, J. B. **O jogo: entre o riso e o choro**. Campinas: Autores Associados, 2002.

FREIRE, J. B. **Pedagogia do futebol**. 3. ed. São Paulo: Autores Associados, 2011.

GALATTI, L. *et al.* O ensino dos jogos esportivos coletivos: avanços metodológicos dos aspectos estratégico-tático-técnicos. **Pensar a prática**, v. 20, n. 3, 2017.

GALATTI, L. *et al.* Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 25, p. 153-162, 2014.

MACHADO, J. *et al.* Enhancing learning in the context of street football: a case for nonlinear pedagogy. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 24, n. 2, p. 176-189, 2018.

MACHADO, J. *et al.* How does the adjustment of training task difficulty level influence tactical behavior in soccer? **Research quarterly for exercise and sport**, v. 90, n. 3, p. 403-416, 2019.

MACHADO, J. *et al.* Macro and micro network metrics as indicators of training tasks adjustment to players' tactical level. **International Journal of Sports Science and Coaching**, v. 16, n. 3, p. 815-823, 2020b.

MACHADO, J. *et al.* Tactical behaviour of youth soccer players: differences depending on task constraint modification, age and skill level. **Journal of Human Kinetics**, v. 75, p. 225-238, 2020a.

MACHADO, J.; SCAGLIA, A. Pedagogia não linear no futebol: uma busca por estratégias pedagógicas que possam nortear o processo de criação de tarefas representativas. *In*: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. (ed.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. São Paulo: Ed. da Unicamp, 2020. p. 570-585.

MACHADO, J.; THIENGO, C.; SCAGLIA, A. A formação do treinador de iniciação esportiva: o que é preciso aprender para ensinar futebol. *In*: GALATTI, L.; SCAGLIA, A.; MONTAGNER, P.; PAES, R.R. **Pedagogia do esporte: desenvolvimento de treinadores e atletas**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2017. p. 163-188.

MARTINS, H.; SCAGLIA, A. Por um refinamento dos saberes disponíveis: dimensões para a articulação das filosofias de treinadores. **Pensar a Prática**, v. 24, 2021.

MCLESKEY *et al.* **High-leverage practices in special education**. Council for Exceptional Children & CEEDAR Center, 2017.

OMETTO *et al.* What are the most important field zones when goalposts are manipulated in soccer. **Human Movement**, v. 19, n. 5, p. 106-113, 2018.

OTTE, Fabian W. *et al.* When and how to provide feedback and instructions to athletes? How sport psychology and pedagogy insights can improve coaching interventions to enhance self-regulation in training. **Frontiers in Psychology**, v. 11, p. 1444, 2020.

PARTINGTON, M.; CUSHION, C. An investigation of the practice activities and coaching behaviors of professional top-level youth soccer coaches. **Scandinavian Journal of Medicine and Science in Sports**, v. 23, n. 3, p. 374-382, 2013.

PETIOT *et al.* Contrasting learning psychology theories applied to the teaching-learning-training process of tactics in soccer. **Frontiers in Psychology**, v. 12, p. 637085, 2021.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**, v. 15, n. 3, p. 600-610, 2009.

SARMENTO, H. *et al.* Small sided games in soccer – a systematic review. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 18, n. 5, p. 693-749, 2018.

SCAGLIA *et al.* O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo de organizacional sistêmico. **Movimento**, v. 19, n. 4, p. 227–249, 2013.

SCAGLIA *et al.* O processo organizacional sistêmico, a pedagogia do jogo e a complexidade estrutural dos jogos esportivos coletivos: uma revisão conceitual. *In*: LEMOS, K.; MORALES, J. (org.). **SCIJD**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2015. p. 43-61.

SCAGLIA *et al.* Possibilidades e potencialidades técnico-táticas em diferentes tradicionais jogos/brincadeiras de bola com os pés. **Retos**, n. 39, p. 312-317, 2021.

SCAGLIA, A. J. **O futebol e as brincadeiras de bola: a família dos jogos/brincadeiras de bola com os pés**. São Paulo: Editora Phorte, 2011.

SCAGLIA, A. J. Pedagogia do jogo: o processo organizacional dos jogos esportivos coletivos enquanto modelo metodológico para o ensino. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 17, p. 27-38, 2017.

SCAGLIA, A. Jogo: um sistema complexo. *In*: VENÂNCIO, S.; FREIRE, J. (org.). **O jogo dentro e fora da escola**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 37-69.

SCAGLIA, A. Pedagogia do futebol: construindo um currículo de formação para iniciação ao futebol. *In*: ISHIBASHI, E.; NISTA-PICCOLO, V. (org.). **Abordagens pedagógicas do esporte: modalidades convencionais e não convencionais**. Campinas: Papyrus, 2014. p. 16-67.

SCAGLIA, A.; FABIANI, D. Do jogo à pedagogia do jogo: o processo de constituição da docência. *In*: NOBREGA, T. P.; MOREIRA, W. (org.). **Ser professor(a) universitário(a): o sensível, o inteligível e a motricidade**. Natal, RN: IFRN, 2017. p. 254-279.

SCAGLIA, A.; FABIANI, D.; GODOY, L. Dos jogos tradicionais às técnicas corporais: um estudo a partir das relações entre jogo e cultura lúdica. **Corpoconsciência**, v. 24, n. 2, p. 187-207, 2020.

SCAGLIA, A.; REVERDITO, R. Perspectivas pedagógicas do esporte no século XXI. *In*: NISTA-PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W. (org.). **Educação física e esporte no século XXI**. Campinas: Papyrus, 2016. p. 43-72.

SCAGLIA, A.; REVERDITO, R.; GALATTI, L. Ambiente de jogo e ambiente de aprendizagem no processo de ensino dos jogos esportivos coletivos: desafios no ensino e aprendizagem dos Jogos esportivos coletivos.

In: NASCIMENTO, J.; RAMOS, V.; TAVARES, F. (org.). **Jogos desportivos**: formação e investigação. Florianópolis: Udesc, 2013. p. 133-170.

SILVA, L. F. N.; THIENGO, C. R.; SCAGLIA, A. J. Epistemias, pedagogias, didáticas e métodos no ensino e treinamento do futebol. *In*: SANTOS, Júlio Wilson dos. (org.). **Seminários**: ciência e futebol. Curitiba: CRV, 2022, v. 1, p. 71-94. v.1.

SILVA, L. F.; LEONARDO, L.; SCAGLIA, A. J. Epistemologia da prática pedagógica no esporte. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 25, n. 274, p. 145-163, 2021.

STONEBRIDGE, I.; CUSHION, C. An exploration of the relationship between educational background and the coaching behaviours and practice activities of professional youth soccer coaches. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 23, n. 6, p. 636-656, 2018.

TRAVASSOS, B. **A tomada de decisão no futsal**. Lisboa, PT: Prime Book, 2014.

TZETZIS, G.; VOTSIS, E.; KOURTESSIS, T. The effect of different corrective feedback methods on the outcome and self-confidence of young athletes. **Journal of Sports Science and Medicine**, v. 7, p. 371-378, 2008.

ZHOU, Y.; DE SHAO, W.; WANG, L. Effects of feedback on students' motor skill learning in physical education: A systematic review. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n. 12, p. 6281, 2021.

A implementação de uma cultura de ataque nas categorias de base: os desafios da coordenação técnica

Leandro Teixeira Floriano⁹

Otávio Baggiotto Bettega¹⁰

Lucas Barreto Klein¹¹

Introdução

O início do século XXI demarca um período peculiar, no que se refere à produção de conhecimento sobre o futebol (GARGANTA, 2008), mais especificamente sobre a fase ofensiva das equipes (MACHADO *et al.*, 2014; FERNADEZ-NVARRO, *et al.*, 2016; KIM *et al.*, 2019; GONZÁLEZ RODENAS, *et al.*, 2020; MAT HEROLD, *et al.*, 2021; CALDER; GABETT, 2022). Além da quantidade e qualidade das informações produzidas, a velocidade de transmissão dessas nos coloca frente a diferentes desafios, dentre eles: como criar uma cultura de jogo ofensivo, considerando o cenário do futebol globalizado (RIBEIRO, 2007), a identidade local e do clube e, mais especificamente, a atuação dos coordenadores técnicos, treinadores e jogadores.

O futebol, como uma atividade eminentemente humana, é permeado por diferentes áreas do conhecimento e precisa promover a integração, interação e sinergia dessas para tratar de suas demandas, sejam elas de dentro ou fora do campo. Dessa forma, torna-se relevante uma visão e

⁹ Cruzeiro Esporte Clube, coordenador técnico da Base, Brasil.

¹⁰ Fortaleza Esporte Clube, treinador da categoria Sub-15, Brasil.

¹¹ Figueirense Futebol Clube, coordenador técnico da Base, Brasil.

organização transdisciplinar, assumindo que, para além dos elementos que compõem o ecossistema-futebol, nossa atenção deve estar voltada para a relação entre eles, ou seja, o que emerge dessas interações (SCAGLIA; MEDINA, 2008). Romper com a visão analítica, que tenta compreender o todo, a partir da análise das suas partes isoladamente e tratar o futebol mediante uma perspectiva sistêmica (GARGANTA; GRÉHAIGNE, 1999), que considera as ligações, interações e interconexões entre seus elementos (CAPRA, 2001), é outro grande desafio para os profissionais que atuam e pretendem atuar na modalidade.

A compreensão do cenário atual, a pressão por resultados competitivos e seu escopo das transações financeiras, influenciam direta ou indiretamente o trabalho de todos os colaboradores do clube. Dentre eles, o coordenador técnico (CT), que tem, dentre outras funções, implementar uma cultura de formação e uma identidade de trabalho, sob uma perspectiva transdisciplinar (MORIN, 2000), manifestada pela proposição, gestão, pelo alinhamento e pela avaliação de processos internos, que deem um sentido comum à atuação de todos. Esse processo ocorre a partir do reconhecimento do contexto (histórico, social e político), do propósito do clube (missão, visão e valores), das demandas do mercado e da identidade de jogo que se pretende praticar.

A criação de uma cultura de jogo ofensiva está sustentada por ideias que permeiam a gestão organizacional do clube, estruturadas e desenvolvidas nos treinos, operacionalizadas e manifestadas no jogo, através de expressões como “Vamos em frente...”; “Passamos da linha da bola”;

“Invadimos a área do adversário”; “Queremos fazer gols...” Nesse sentido, o treinador, ciente da cultura que permeia o processo de formação ao qual está inserido, deve implementar um cenário de treino que estimule os jogadores a atacarem espaços, passarem da linha da bola com um número considerável de jogadores, entrarem na área do adversário com muitos jogadores e realizarem finalizações na meta do oponente ao longo do jogo, de forma regular. Além de apresentar referências para o jogo ofensivo, o treinador também necessita dar autonomia para que os jogadores tomem decisões e sejam criativos na fase de ataque.

Considerando a complexidade do cenário do futebol atual e o debate sobre o “resgate” da identidade do futebol brasileiro, a criação de uma cultura ofensiva no clube surge como uma tarefa desafiadora para os gestores técnicos. Assim, é interessante compreender a implementação de uma cultura organizacional “de ataque”, que passa por um estilo de jogo ofensivo e que se manifesta na gestão realizada pelo coordenador técnico, no planejamento e na operacionalização de ideias do treinador e da comissão técnica, no ambiente de treino e nas ações dos jogadores, no contexto de jogo.

Implementação de uma cultura organizacional de ataque

*Varra o vestiário: nunca seja grande demais para fazer as pequenas coisas que precisam ser feitas.
(All Blacks)*

Embora um clube de futebol esteja obrigatoriamente inserido na cultura de uma cidade, um estado e um país,

especificamente, o mesmo, tratado na perspectiva de um sistema social, também manifesta e é orientado por uma cultura organizacional interna. Para Peter Drucker, “pai” da administração moderna, esse conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos e costumes (cultura) devora a estratégia no café da manhã, ou seja, ações isoladas que desconsiderem as relações de poder, normas e crenças que guiam as instituições tendem a ter efeitos poucos eficientes e duradouros.

Nas categorias de base, por exemplo, trabalhamos com um propósito em comum: implementar uma cultura organizacional, a partir da proposição e gestão de processos que aliem uma formação esportiva e humana de jogadores qualificados para atuarem na equipe profissional, gerando resultados esportivos e financeiros ao clube. Evidentemente, os objetivos não se darão de forma “natural”, por isso é preciso unificar o discurso e as ações canalizando a energia da equipe de trabalho para o mesmo fim. É colocar as pessoas no centro dos processos. É sistêmico. É complexo. É projeto. Não é linear. É abrir caminho caminhando. É kaizen. É estar aberto ao novo. É questionar constantemente. É resiliência. É convicção de ideias. Não existem receitas prontas, existem ideias, debates, conflitos, princípios. Não há pessoas mais importantes, há pessoas importantes atuando em diferentes funções. Essa cultura deve transcender a presença de indivíduos específicos, deve ser o ethos de toda categoria de base.

Direcionar as ações e intenções de todos os colaboradores de um clube, para uma cultura de ataque é pressupor que tudo que faremos deve conotar busca pela

excelência, iniciativa, proatividade, objetivos claros, metas a curto, médio e longo prazo; é entender que há diferentes maneiras de se alcançar o “gol” e que precisamos criar, identificar e aproveitar vantagens do e no “mercado”. Essas ações se manifestam desde a negociação de um jogador (ter clareza dos percentuais acordados, por exemplo), passando pela captação de profissionais e jogadores (que tenham o ímpeto vertical; gostem de ter a bola; realizem prioritariamente ações verticais; sejam corajosos, criativos, ousados) e culminando nas ações individuais, grupais, setoriais e intersetoriais treinadas e manifestas em jogo.

O futebol brasileiro foi reconhecido por muito tempo pela sua identidade de jogo de ataque, criativo, vertical, do drible, da ousadia. Craques, seleções e clubes apresentaram pelos gramados do mundo afora uma forma particular de atacar “à brasileira” e que nos colocaram na vitrina do futebol mundial. Considerando isso, pensar a implementação de uma cultura de ataque é, de certa forma, resgatar essa identidade que nos deu tanta notoriedade. É, respeitando as demandas do futebol atual, olhar para trás e buscar o que nos tornou diferentes, o que nos fez termos tantos jogadores protagonistas no futebol, e o que, ao longo dos últimos anos, nos fez também perder aos poucos esse protagonismo.

É importante salientar que este discurso do resgate do “futebol brasileiro” não pode ser interpretado como algo abstrato e vago, até clichê. Não! O que pretendemos é criar processos sólidos e coerentes em instituições formais (categorias de base), que ofereçam aos nossos jovens jogadores oportunidades de uma formação sistematizada, organizada e fundamentada. Temos a consciência de que este tão

almejado resgate do futebol pentacampeão não é responsabilidade exclusiva de um clube, mas de um ecossistema que envolve coordenadores, técnicos, treinadores, árbitros, clubes, federações, confederação e a legislação esportiva. Não há um caminho único que conduzirá todos ao sucesso. Há caminhos, assim como há diferentes tipos de resultados e diferentes tipos de sucesso.

Com base nisso, a função do CT é estabelecer pilares de sustentação para as ações dos atores envolvidos nesse ecossistema, que compreende a formação do jogador, mais especificamente dos colaboradores que interagem no centro de treinamento, diariamente. Para fins didáticos, porém tratados de forma sistêmica, apresentaremos como os quatro pilares (treinador, treino, jogo e jogador) que sustentam a atuação do CT podem ser pensados, para oferecer um ambiente favorável de implementação de uma cultura de ataque no clube, ou seja, como cada um pode ser tratado na consolidação desse fim.

A interação entre o coordenador técnico e o treinador

*No futebol não é a mesma coisa treinar e ensinar. Há muitos treinadores bons, mas poucos professores bons.
(Johan Cruyff)*

O principal responsável por pensar estratégias de desenvolvimento dos jogadores e da equipe é o treinador, e é nessa figura que focaremos para pensar a importância de estabelecer relações seguras, na consolidação de uma cultura de ataque. Um estudo realizado pela Associação de Clubes Europeus (ECA), em 2019, apresentou uma visão

geral das práticas aplicadas nas categorias de formação na Europa. A pesquisa contou com a participação de 123 clubes de 42 associações de futebol. A partir de entrevistas com especialistas da área de formação de jogadores, o trabalho tinha como objetivo identificar aspectos necessários para a melhoria da qualidade das academias de futebol no continente. Um dos resultados apontou que 85% dos especialistas entrevistados citaram que o fator que mais impacta na qualidade das categorias de base é a qualificação dos treinadores, ou seja, profissionais preparados para criar contextos favoráveis de aprendizagem e desenvolvimento dentro e fora do campo.

Esses dados corroboram a máxima de que para a implementação de uma cultura de ataque, os treinadores são peças-chave. Atacar (bem) exige coragem, ideias, precisão, treino e tempo. Independentemente da categoria, da Sub-11 a Sub-20, um fator significativo na implementação de uma identidade de ataque está na segurança que o treinador sente do clube, principalmente no que se refere à continuidade do seu trabalho. A rotatividade dos treinadores brasileiros nos escalões profissionais (CIES – Football Observatory, 2022) tem se refletido, ainda que em menor grau, também nos escalões de formação, o que interfere em um dos principais fatores na implementação de qualquer cultura, o tempo para estabelecer vínculos e relações seguras (COYLE, 2019). Para minimizar tal efeito, faz-se necessária a apresentação das métricas de avaliação de um treinador dentro do clube, por exemplo: jogadores promovidos à categoria superior; jogadores aprovados e permanentes no processo; utilização de jogadores da

categoria “de baixo”; engajamento nas atividades do departamento como um todo; equilíbrio de “minutagem” para todos os jogadores da categoria; nível de competitividade da equipe em jogos; disciplina dos jogadores em campo e fora; didática utilizada em treinos e jogos; relacionamentos estabelecidos dentro da equipe (comissão técnica) e fora (adversários, árbitros, direção e coordenação); engajamento na formação dos membros da comissão técnica; postura profissional; autogestão emocional; proatividade; bom senso, dentre outros. A partir desse esclarecimento e, em acordo, estabelecer-se-á uma relação direta tanto para a avaliação do trabalho quanto para o estabelecimento de rotas internas de desenvolvimento profissional (planos de desenvolvimento individual).

É válido apontar e reforçar, também, as métricas que o departamento utiliza para avaliar a organização ofensiva de uma equipe, tais como: número gols marcados, número de finalizações na meta, passes certos para área, densidade de finalizações (número/tempo), eficiência de passes para frente, densidade de passes para frente, finalizações dentro da área, volume de passes no campo de ataque, tempo de finalização desde a recuperação da posse de bola. Existem outras métricas disponibilizadas através de *softwares* comercializados (Expectativa de gol – ExpG; eficiência de perigo gerado – PG/ExpG; velocidade de circulação de bola; passes por posse de bola; eficiência do primeiro passe pós-recuperação; distância média entre jogadores em organização ofensiva), que potencializam ainda mais esse controle, mas que não são realidade de todos os clubes.

Já na contratação dos treinadores, os critérios de avaliação profissionais, assim como de avaliação da organização ofensiva da equipe, devem ser apresentados de forma clara e objetiva. Isto posto, o vínculo entre coordenar, técnico e treinador se estabelecerá pela coerência entre o que foi apresentado (solicitado) e o que será “cobrado” (o que foi entregue).

O acompanhamento *in loco* de treinos e jogos, assim como a constante troca de informações (em reuniões técnicas e individualizadas), torna esses colaboradores duas faces da mesma moeda, afinal o treinador será o principal operacionalizador das ideias provenientes da coordenação técnica. É válido ressaltar que a relação de confiança estabelecida tornará o processo mais, ou menos produtivo. Para tal, é importante que ambas as partes conheçam os objetivos pessoais e profissionais que permeiam as atuações no clube. Por exemplo, se o treinador desconfia que o coordenador técnico pretende assumir o cargo de treinador em caso de demissão deste último, assim como, se o coordenador técnico entende que o treinador está tomando decisões que colocam seus objetivos pessoais à frente dos institucionais, a relação tende a não ser vantajosa para nenhuma das partes. Esse estreitamento de propósitos deveria ocorrer já no processo seletivo para contratação de um treinador, que normalmente é intermediado pelo CT. Não pode haver divergência na “essência”, ou seja, na filosofia do treinador (RESENDE, 2018). Se essa não estiver alinhada com os propósitos do clube e da coordenação técnica, dificultará, e muito, a construção compartilhada de uma cultura de ataque, por exemplo.

Alinhamento não deve ser confundido com seguir de forma “cega” uma cartilha predeterminada. É objetivo do CT pensar estratégias de formação continuada do treinador, ou seja, transformar o centro de treinamento em uma comunidade de prática. Na relação treinador/coordenador, o limite entre propor e impor é tênue, por isso deve ser sustentado por diálogos verdadeiros e sinceros, abrindo espaço para a criatividade e autonomia do treinador, sem perder de vista os princípios predefinidos pela instituição, ou seja, oferecer ao treinador liberdade, sem que o mesmo interprete isso como libertinagem.

A título de exemplo, em um determinado treino o CT identifica que as atividades propostas pela comissão técnica, visando o desenvolvimento da progressão da meta adversária, está preconizando duas regras em específico, obrigatoriedade de os jogadores passarem da linha central e troca de uma quantidade x de passes, antes da execução do gol. Nesse caso, mais do que impor e tachar “isso está errado, não é permitido fazer essa atividade”, o CT traz uma reflexão ao treinador como: – Professor, tendo em conta a identidade de jogo que em conjunto queremos construir, que é de um ataque vertical, objetivo e agressivo, será que, necessariamente, precisamos cumprir esses objetivos prévios? Se o objetivo do jogo é o gol, por que uma ação prévia descumprida invalidaria o gol? Qual mensagem a atividade está passando para os nossos jogadores, que para alcançar o gol é preciso, obrigatoriamente, passar N vezes a bola, ou ter todos os nossos jogadores na metade do campo ofensiva? Em outra situação, o CT identifica que os *feedbacks* utilizados pela comissão técnica em um rondo,

por exemplo, estão reforçando somente os jogadores que “tiram” a bola do quadrante e não da equipe que consegue mantê-la por mais tempo em controle. O CT pode trazer uma reflexão: – Professor, o que você acredita que os jogadores entenderam a partir desses *feedbacks*, que o “bom” é ficar com a bola ou “tirar” a bola?

Ainda que todos os momentos e fases do jogo sejam importantes, preconizar o ataque é uma escolha deliberada por parte da coordenação técnica. Ser reconhecida como uma equipe “para frente”, requer paciência e processos alinhados entre os documentos metodológicos orientadores e a atuação do campo (dentro e fora) dos treinadores e seus respectivos *staffs* técnicos. É conveniente ressaltar que essa intenção de tornar o ataque da equipe vertical não deve estar restrito à responsabilidade dos treinadores, é preciso que todos os membros da comissão técnica (preparadores físicos, auxiliares técnicos, treinadores de goleiros, analistas de desempenho e equipe de apoio) organizem seus trabalhos para este mesmo fim.

Orientar o treinador, segundo os princípios de um jogo “para frente”, “agressivo”, “vertical”, “objetivo”, deve ser a tônica dos *feedbacks*. A legitimidade desse objetivo se dá por constantes reafirmações em reuniões técnicas e *workshops* direcionados para este fim; além do mais, mostrar em números por que equipes construídas “para frente” formam jogadores com mentalidade de ousadia, coragem, persistência, precisão, características determinantes para a valorização no mercado da bola. Ajudá-lo a direcionar seu olhar para este momento do jogo, de forma deliberada, intencional é o principal meio para concretizar esse desafio.

Um treinador imbuído de atacar é o primeiro passo para ter uma equipe vertical.

A riqueza do processo de implementação da cultura de ataque se dará no imbricar entre a liberdade e autonomia concedida ao treinador e os objetivos finais da coordenação técnica. Para que o treinador tenha confiança e coragem para empreender uma organização ofensiva eficiente e identitária, o mesmo precisa, essencialmente: conhecer a fundo as ideias-base do jogo ofensivo proposto pela coordenação técnica; ter recursos físicos e humanos disponíveis; sentir segurança por parte dos seus gestores, principalmente coordenador técnico, e pressupor que os erros estarão invariavelmente presentes no processo, porém devem ser tratados com fins pedagógicos e não como mera punição.

O treino

No estudo da Associação de Clubes Europeus (ECA) de 2019, citado anteriormente, quando questionados sobre os fatores que mais interferem na qualidade da formação de jogadores(as), durante seu período de base, 80% dos especialistas citaram os treinamentos em campo como fulcral.

O treino é a implementação de um hábito, sendo o principal meio para ensinar e desenvolver os jogadores e as equipes. A partir de uma abordagem sistêmica, é incoerente falar de uma cultura de ataque, sem remeter a uma cultura de treinamento de ataque. O futebol brasileiro foi alicerçado ao longo da sua história pelos jogos e pelas brincadeiras da e na rua; por isso, a fundamentação teórica que embasa o treino, que operacionaliza uma cultura de ataque “a brasileira”, está pautada na pedagogia do futebol (FREIRE,

1998), jogos e brincadeiras de bola com os pés (SCAGLIA, 2003), pedagogia não linear (CHOW *et al.*, 2015), e na visão sistêmica (MEDINA, 1987). Com base nesses e outros autores, estabelecemos princípios que fundamentam a proposição e avaliação desses ambientes de aprendizagem; afinal de contas, na prática, a teoria é a mesma.

Ao partir do jogo como um “problematizador” ou “simulador” das ações do jogo, pretendemos que os desafios dele advindos exijam dos jogadores: concentração (estado de jogo); intensidade nas ações (metabólicas e cognitivas) coerência com as que ocorrerão no jogo; liberdade para tomar decisões (autonomia); esclarecimento do conteúdo treinado (informação), tudo isso “amarrado” pela competitividade (desejo de vencer). Esses princípios sustentados pela criatividade, liberdade, responsabilidade, coragem e diversão, conduzirá, por suposto, a uma cultura de ataque vertical, agressiva e eficiente.

Nosso pressuposto-base é que praticar futebol sem refletir (pensar sobre o que se está fazendo) é adestramento e não aprendizagem significativa, por isso, é relevante apresentar aos jogadores, no início da temporada, e reforçar regularmente, os princípios moduladores da nossa identidade para atacar. Palestras para a equipe, em grupos e individualizadas, utilização de vídeos de referência interna e externas dos comportamentos desejados, *feedbacks* que enfatizem esse momento específico do jogo, discurso alinhado na comissão técnica e apresentação de métricas de ataque (individuais e coletivas) conduzem, gradativamente, jogadores-comissão-direção-clubes a um caminho comum, na construção e consolidação de uma cultura de ataque.

A elaboração das atividades é outro fator determinante na consecução desse objetivo. Privilegiar atividades que apresentem todas as etapas do ataque (construção, elaboração e finalização), assim como a presença de metas com o goleiro, aproximam as demandas de treino e jogo. Regras que pontuam objetivos secundários (x passes antes da finalização, número e jogadores em campo ofensivo, número de toques limitados para passar e finalizar, finalização de primeira, obrigatoriedade de a bola passar em locais específicos antes da finalização) não devem, em hipótese alguma, possuir uma pontuação superior ao valor do objetivo final que é o gol. Outro fator são jogos com excessiva facilidade de marcar gols (campos demasiadamente reduzidos), ou seja, que não exija dos jogadores nada além da força de chute na finalização e não a atenção a outros fatores, como posição do goleiro e distância da meta, por exemplo. Os treinadores devem organizar sua semana de treinamento de tal forma que a densidade de jogadores por espaço de campo seja cada vez mais condizente com a realidade dos jogos oficiais, que considerem os diferentes tipos de vantagens emergentes (numérica, posicional, dinâmica, socioafetiva e qualitativa) e os espaços em relação à localização da bola (intervenção, ajuda mútua e cooperação).

A proposição de treinamentos complementares em campo (individuais ou em pequenos grupos) deve privilegiar situações de jogo que transcendam a mera execução do gesto técnico (chute, por exemplo), buscando respeitar aspectos como o impedimento, a distância da meta, oposição, velocidade de execução, troca de ritmos, trajetória de corridas, direção e velocidade do último passe. Outro

fator-chave nesse tipo de trabalho é o estabelecimento de metas de pontuação e a “rigorosidade” no controle das mesmas. O treinador deve propor o treino em um ambiente de jogo e de aprendizagem (SCAGLIA *et al.*, 2013), em que o desafio esteja presente em todos os momentos do processo, seja contra uma equipe adversária ou do jogador com ele mesmo.

Assumimos que o jogador aprende quando consegue manifestar, em jogo de forma regular, autônoma e circunstancial, comportamentos adquiridos em treinos. Assim, não dividimos os treinos em dimensões técnica, tática, física e psicológica, pois as tarefas são elaboradas, aplicadas e avaliadas, mediante sua integração com a estrutura e funcionalidade do jogo (MESQUITA, 2000) bem como a elucidação da lógica do jogo (jogar melhor/obter êxito) (SCAGLIA *et al.*, 2013). Assim, o treino deve ser um espaço de experiências, termo este entendido segundo Larrosa (2002), como aquilo que nos passa, o que nos acontece e o que nos toca. O treino só tem sentido se ele marca, se deixa uma marca, um significado e se nele se aprende algo conectado com o jogo.

O jogo

Rubem Alves, notório educador brasileiro, enunciou que “não vemos o que vemos, nós vemos o que somos”, isto é, nossa interpretação dos fenômenos está diretamente ligada às nossas crenças, aos valores e à história de vida. Analisamos, interpretamos e intervimos no jogo de futebol segundo um determinado paradigma; a interpretação determinará também como analisamos, interpretamos e

intervimos no treino. Os “óculos” que escolhemos para apreciar uma determinada paisagem influenciarão na nossa interpretação e intervenção sobre a mesma.

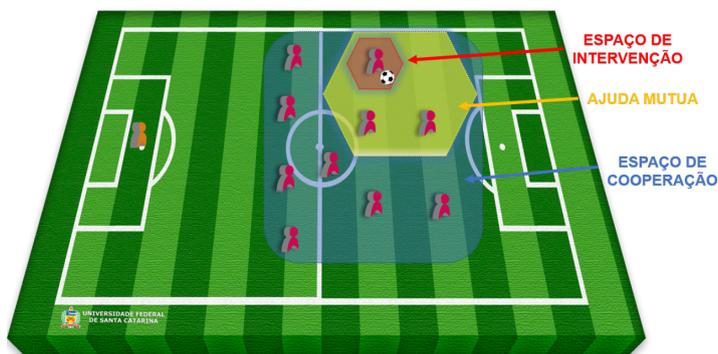
Considerando que é preciso entender o futebol como uma manifestação acima de tudo humana – jogo (FREIRE; SCAGLIA, 2003), consequentemente imprevisível e incerta (LEONARDO *et al.*, 2009), que tentamos “a todo custo”, a partir de ferramentas tecnológicas, prever (ou minimizar) potenciais imprevistos. Como modalidade esportiva, o entendemos como um confronto entre duas equipes, a partir da interação entre seus jogadores, com objetivos antagônicos e comuns, em um ambiente imprevisível e aleatório, e que evidenciam padrões de ações sensíveis a todos os acontecimentos da partida. Já equipe conceituamos como um sistema complexo, ou seja, um conjunto de agentes (jogadores) em interação, que cooperam, com objetivos e comportamentos comuns coordenados, fazendo emergir certa ordem e estabilidade num contexto caótico, de desordem e instabilidade permanente do jogo (OLIVEIRA, 2012).

Somente para fins didáticos, o futebol, enquanto jogo, poderia ser dividido em duas fases (ataque e defesa) e quatro momentos (organização ofensiva, transição ofensiva, organização defensiva e transição defensiva) (CONMEMBOL, 2020). Destes, a organização ofensiva é o momento em que a equipe se encontra na posse de bola, com o objetivo de marcar gols, sem cometer infrações às regras do jogo (TEODORESCU, 1984). Para alcançar essa finalidade, a COMEMBOL (2020) aponta quatro tipos de ataque: ataque posicional ou combinado, ataque rápido, ataque

direto ou ligação direta e contra-ataque. Não é intuito do presente texto aprofundar sobre esses conceitos, mas sim pensar como a interpretação do jogo influi na implementação e consolidação de uma cultura de ataque e no quanto podemos estimular a variabilidade de formas ofensivas em nossos jogadores, a depender da cultura/modelo de jogo de cada equipe.

Além das fases e dos momentos, o jogo de futebol pode ser interpretado a partir da localização dos jogadores em relação à posição da bola, o que Peraita (2020) denomina de espaços de intervenção, espaço de ajuda mútua e espaço de cooperação (Figura 1).

Figura 1 – Exemplo de espaços de intervenção, espaço de ajuda mútua e espaço de cooperação



Fonte: Elaboração dos próprios autores.

O mesmo autor propõe, ainda, uma interpretação do jogo, a partir de diferentes tipos de vantagens (criadas, identificadas e aproveitadas), que podem ser: numérica (ter mais jogador que o adversário na zona da bola), posicional (estar melhor localizado e com o corpo perfilado comparado ao

adversário), qualitativa (ter os jogadores mais qualificados em momentos específicos do jogo), dinâmica (antecipar/antever cenários, começar a correr antes do adversário) e socioafetiva (“entrosamento” de um determinado grupo de jogadores).

Não obstante que as referências de interpretação citadas, anteriormente, possam ser utilizadas para o jogo como um todo, vamos nos ater a como a partir delas podemos implementar uma cultura de ataque nas categorias de formação. Um dos pontos iniciais é a construção de um modelo de jogo que apresente, de forma clara, escritos e em vídeo, os comportamentos táticos individuais, grupais e coletivos, que nos guiarão à posse de bola. Por exemplo, somos verticais (olhamos sempre para a frente), somos móveis e imprevisíveis, oferecemos constantemente linhas de passes que nos aproximam do gol adversário; privilegiamos posição do corpo e localização no espaço que nos permita dar continuidade ao jogo para frente; antecipamos cenários favoráveis para atacar o gol rapidamente, olhamos ao redor antes de recebermos a bola, variamos o ritmo e a velocidade do jogo, utilizamos diferentes setores e corredores para criar chances de finalização; direcionamos o primeiro toque na bola, variamos as jogadas entre bolas longas e curtas, definimos “rotas” de entrada no último terço de campo; definimos o número de jogadores para atacar a área adversária. Essas referências devem ser conhecidas por todos os membros da comissão técnica, apresentadas e debatidas com os jogadores regularmente. Reforçar esses comportamentos em treinos de campo e atividades complementares (vídeos), controlando as métricas de ataque de forma regular (jogo a

jogo), contribuem na legitimação de uma cultura de ataque. Ainda que no processo de implementação possam ocorrer instabilidades nos comportamentos táticos (individuais, grupais e coletivos), com o passar do tempo eles emergirão de forma mais “natural”.

O jogador

O sucesso não acontece por acaso. É trabalho duro, perseverança, aprendizado, estudo, sacrifício e, acima de tudo, amor pelo que você está fazendo ou aprendendo a fazer.
(Pelé)

O jogador é a causa primeira, e última, de todas as ações de um departamento de formação. Não há razão outra que justifique a existência desse setor, em um clube, se não a de oferecer boas oportunidades para o desenvolvimento dos(as) jogadores(as), tanto na esfera esportiva quanto na educacional. De tal modo que, como reforçado ao longo de todo o texto, a forma como olhamos para um fenômeno interfere na nossa interpretação do mesmo, e com os jogadores não é diferente. Consideramos que o jogador é composto por estruturas hipercomplexas que o definem na sua individualidade e são elas: cognitiva (aquisição do conhecimento), coordenativa (ações motoras simples e complexas), condicional (manifestação da força, velocidade e resistência), socioafetiva (relações sociais), emotivo-volitiva (controle das emoções e motivações) e criativo-expressivas (estímulos que exigem respostas “fora” dos padrões vigentes) (SEIRUL-LO, 2017).

Tratamos o jogador a partir da integralidade e totalidade, ou seja, na sua relação com a natureza e com o meio

cultural e/ou social onde vive concretamente em sociedade (MEDINA, 2021). No livro *Mourinho: por que tantas vitórias?* Mourinho (2011, p. 76) declara:

Não sei onde acaba o físico e começa o psicológico ou o tático. Para mim, o futebol é globalidade, tal como o homem. Não consigo separar as duas coisas. Do mesmo modo, custa-me entender a evolução de um jogador à margem da evolução da equipe.

Fugimos das explicações simplórias sobre o processo de formação e a tratamos a partir da sua complexidade, por isso, parafraseamos o provérbio africano que diz que “é preciso um clube inteiro para formar um jogador”.

Visto que o jogador é quem manifesta em campo o que denominamos cultura de ataque, logo ele deve conhecer a fundo, principalmente na ação aplicada em campo, os preceitos-base que nos dão identidade enquanto organização ofensiva. Neste sentido, destacamos a importância de desenvolver a aprendizagem também a partir do conhecimento declarativo conceitual de conteúdos ofensivos, abordados no dia a dia. Assim como na escola básica, onde o aluno precisa reter na memória tabelas, cálculos, fórmulas, dados e fatos, o jogador precisa saber decodificar e diferenciar os princípios de compactação, cobertura ofensiva, espaço, infiltração, progressão, penetração e mobilidade (COSTA *et al.*, 2009), bem como os *timings* de manutenção da posse de bola, progressão à meta adversária e finalização das jogadas (BAYER, 1994).

Do mesmo jeito que a relação do coordenador técnico e do treinador deve ser sustentada pela confiança e segurança, também o jogador deve sentir essa proteção por

parte do seu treinador, principalmente porque, na fase de organização ofensiva, a incidência de erros é relativamente alta. Se um jogador é constantemente repreendido por seu treinador, a tendência é ele se tornar cada vez mais inseguro das próprias decisões, além de dependente e ávido de ordens externas, contrariando a intenção primeira do departamento de formação, que é autonomia nas escolhas de campo. Se nossa pretensão é formar jogadores corajosos, ousados e autônomos, o coordenador técnico deve garantir uma rede de segurança, em torno das decisões tomadas pelos jogadores em campo. Isto é, assegurar o direito ao tentar, sem punições em excesso. O erro, desde que não cometido por libertinagem, deverá ser tratado como meio pedagógico e não um fim em si mesmo, inclusive deve ser utilizado como balizador na organização de conteúdos ao longo de uma semana de treinos, por exemplo. Treinadores inseguros não formam jogadores corajosos!

Um equívoco que nos acompanhou por tempo foi atribuir, exclusivamente ao jogador, a responsabilidade por criar situações de desequilíbrio em organização ofensiva, principalmente ao associar desequilíbrio ao uso exclusivo do drible em situações de 1x1. Falas como, “eu (treinador) levo o time até o ultimo terço, a partir dali é com os jogadores. É hora da ginga, do drible, do improvisado. Ali é com eles” fizeram (fazem?) ainda parte do nosso futebol. Não há discordância total dessa afirmação, porém não podemos desconsiderar que ali (no ultimo terço) também o treinador precisa se responsabilizar, orientar e gerar cenários favoráveis para que os jogadores possam se expressar “livremente”, seja em ações individuais ou grupais; afinal, naquele

momento, os espaços se reduzem, e os tempos “somem”. Essa alegação já foi tratada como a “essência do futebol brasileiro”, e resolveu por muito tempo alguns problemas, mas gerou outros. Por exemplo, a organização ofensiva ficava muito mais a cargo da relação espontânea entre os jogadores (orientados mais pela posição – atacantes) do que pelo estabelecimento de padrões de movimentação, regras de ação e princípios operacionais e fundamentais de ataque. Isso fez com que alguns jogadores, principalmente os “defensores”, não fossem estimulados a driblar, deixando “isso” sob a responsabilidade dos atacantes.

Os tempos são outros, mudaram, não podemos mais nos apegar somente ao acaso de encontrar jogadores que “por dom” conseguem passar pelos “Joãos” (parafrazeando Garricha). Se pretendemos implementar uma cultura de ataque, o primeiro paradigma a se quebrar é o de que somente os “atacantes” driblam. Não! Em uma cultura de ataque, todos, do goleiro ao ponta esquerda, devem aprender de forma sistemática a driblar. A confusão na compreensão desse fundamento técnico está justamente em acreditar que driblar é obrigatoriamente deixar o oponente no chão, desmoralizado. Porém, se legitimamos o drible como a ação de ultrapassar um defensor em confronto direto (1x1) com a bola controlada é possível sim treinar. Ensinar a utilizar braços, controlar ritmo e troca de direção com bola; a utilizar ambas as pernas para ludibriar os adversários; a manter a bola em constante movimento; a orientar o primeiro toque na bola, são exemplos de conteúdos que podem, e devem, estar presentes em um treinamento que visa formar “jogadores de ataque”. Além disso, precisamos

considerar que o passe é uma ação de desequilíbrio ofensivo e não somente de ligação de um jogador a outro. Podemos, e devemos, ensinar aos jogadores que um bom passe pode equivaler a muitos dribles (*i.e.* passe “queima linha”).

Outro fundamento técnico que precisa ser “repensado” para a implementação de uma identidade de ataque vertical é o domínio, que, por muito tempo (inclusive nos livros didáticos de futebol), foi confundido com “matar” a bola, ou seja, recebê-la e mantê-la perto do pé. Se quisermos efetivar um jogo acelerado, vertical, o domínio deve ser tratado como uma ação ativa, de direcionamento para uma próxima ação, de preferência para frente. Mais do que um mero domínio, uma ação intencional de “primeiro toque”, pois é, a partir dele, que se dará a ação seguinte, que pode ser potencialmente para acelerar ou retardar a velocidade do ataque.

Ao considerar o acima apresentado, fica claro que não basta mudar as palavras, é preciso alterar os sentidos, e isso não pode ficar somente no plano teórico, precisamos chegar através de treinos estruturados nos jogadores. Eles têm que assimilar esse conhecimento de forma aplicada, entendendo o porquê das ações e as possíveis consequências nas escolhas de cada uma. Nas categorias de base, os *feedbacks* deveriam acontecer a partir de uma decisão tomada (*a posteriori*) e não *a priori*, tirando do jogador a possibilidade de autoavaliar sua resolução, seja ela acertada ou não. A partir do momento em que o jogador tem um repertório de habilidades e competências, adquirido em treinos formais e informais, e toma uma decisão em jogo – não confundir decisões circunstanciais com padrões de

decisão –, é importante que o mesmo tome consciência da sua decisão e possa, a partir da sua autorreflexão, avaliar sua ação. Não devemos tirar do jogador a oportunidade de se autoavaliar, e mais, de pensar em alternativas de resolução por si só. Isso não significa que o treinador não interferirá, mas que este atue como um mediador ou guia.

De tal maneira que, para preparar um jogador dentro de uma cultura de ataque vertical, o foco deve ser elaborar ambientes de aprendizagem, na qual nos quais as ações de ataque estejam em um constante ciclo de aplicação-avaliação-aplicação e sejam reforçadas e orientadas em uma identidade específica de atacar.

Considerações finais

Em resposta ao questionamento inicial proposto neste capítulo, quanto aos desafios da coordenação técnica, na implementação de uma cultura de ataque nas categorias de base, colocamos em evidência a importância da cultura organizacional do clube, como norteadora do resgate de valores e comportamentos técnico-táticos do jogo e do jogador brasileiro, que simbolizam a identidade cultural do nosso futebol.

Neste sentido, estruturar ideias a uma cultura de jogo ofensivo da equipe, a partir da elaboração de processos sólidos (montagem da comissão técnica, dos elencos, da rotina de treinos, das avaliações sobre o percurso de trabalho, das metas, dos *scouts*, dentre tantos outros fatores que circulam o fenômeno esportivo), é também propor possibilidades de intervenção no próprio treinador, no treino, no jogo e no jogador.

Porém, não podemos deixar de destacar pontos sobre possíveis atrasos no desenvolvimento do trabalho de formação de base, a partir desta filosofia que aqui apresentamos e defendemos como um dos possíveis caminhos para a formação. Tendo o CT papel fundamental na consolidação e garantia de aplicabilidade dos processos de oportunização, detecção, seleção, promoção, exposição e comercialização do talento (PAOLI, 2007), sobre o treino e a rotina de trabalho das comissões técnicas, sobretudo quanto ao imediatismo exigido por conquistas de resultados, desde as categorias iniciais de formação, característica comum no meio do futebol. Vale ressaltar que o CT necessita de respaldo da diretoria do clube, do conselho e dos torcedores, além de segurança, tempo, liberdade, orçamento ajustado, infraestrutura, para garantir a “aplicabilidade” de um projeto a longo prazo.

Referências

- BAUMAN, Z. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos**. Lisboa: Dina Livros, 1994.
- CALDER, A.; GABBETT, T. Influence of tactical formation on average and peak demands of elite soccer match-play. **International Journal of Strength and Conditioning**, v. 2, n. 1, 2022.
- CAPRA, F. **A teia da vida**. 6. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.
- CASTELO, J. **Futebol: organização dinâmica do jogo**. Lisboa: Centro de Estudos de Futebol da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2009
- CHOW, J.; DAVIDS, K.; BUTTON, C.; RENSHAW, I. **Nonlinear pedagogy in skill acquisition: an introduction**. Routledge, 2015.
- CONFEDERAÇÃO SUL-AMERICANA DE FUTEBOL (CONMEBOL). **Manual para o treinamento integral: categorias**. Diretoria de Desenvolvimento da Confederação Sul-Americana de Futebol, 2020.

COSTA, I. T.; GARGANTA, J.; GRECO, J.; MESQUITA, I. Princípios táticos do jogo de futebol: conceitos e aplicação. **Revista Motriz**, v. 15, n. 3, p. 657-668, 2009.

COYLE, D. **Equipes brilhantes: como criar grupos fortes e motivados**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

ECA Youth Academy Study (Condensed version). Disponível em: <https://www.ecaeuropa.com/media/4545/eca-youth-academy-study-condensed-version-2019.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022.

FERNANDEZ-NAVARRO, J.; FRADUA, L.; ZUBILLAGA, A.; FORD, P.; MCROBERT, A. Attacking and defensive styles of play in soccer: analysis of Spanish and English elite teams. **Journal of sports sciences**, v. 34, p. 1-10, 2016.

FREIRE, J. B. **Pedagogia do futebol**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

GARGANTA, J. Modelação táctica em jogos desportivos: a desejável cumplicidade entre pesquisa, treino e competição. *In*: TAVARES, F.; GRANÇA, A.; GARGANTA, J.; MESQUITA, I. (ed.). **Olhares e contextos da performance nos jogos desportivos** na Universidade do Porto: Faculdade de Desporto, 2008. p.108-121.

GARGANTA, J.; GRÉHAIGNE, J. F. Abordagem sistêmica do jogo de futebol: moda ou necessidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 5, n. 10, p. 40-50, 1999.

GONZÁLEZ RODENAS, J.; ARANDA, R.; ARANDA MALAVÉS, R. The effect of contextual variables on the attacking style of play in professional soccer. **Journal of Human Sport and Exercise**, v. 16, n. 1, p. 2020.

GRECO, P. J.; CHAGAS, M. H. Considerações teóricas da tática nos jogos esportivos coletivos. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 6, n. 2, p. 47-58, 1992.

HARDMAN, A.; JONES, C. Philosophy for coaches. *In*: JONES, Robin L.; KINGSTON, Kieran (ed.). **An introduction to sports coaching: connecting theory to practice**. 2. ed. New York: Routledge, 2013. p. 99-111.

IMAI, M. **A estratégia para o sucesso competitivo**. 5. ed. Instituto IMAM, 1994.

JOHNSON, A. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KIM, J.; JAMES, N.; PARMAR, N.; ALI, B.; VUČKOVIĆ, G. The attacking process in football: a taxonomy for classifying how teams create goal scoring opportunities using a case study of crystal palace FC. **Frontiers in Psychology**, v. 10, p. 1-8, 2019.

- KLEIN, L. B. **Profissionalização e escolarização de jovens atletas de futsal em Santa Catarina**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, 2002.
- LEONARDO, L.; SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 236-246, 2009.
- MACHADO, J. C.; BARREIRA, D.; GARGANTA, J. The influence of match status on attacking patterns of play in elite soccer teams. **Brazilian Journal of Kinanthropometry and Human Performance**, v.16, p. 545-554, 2014.
- HEROLD, M.; KEMPE, M.; BAUER, P.; MEYER, T. Attacking key performance indicators in soccer: current practice and perceptions from the elite to youth academy level. **Journal of Sports Science & Medicine**, v. 20, p. 158-169, 2021.
- MEDINA, J. P. **A educação física cuida do corpo... e “mente”**: bases para a renovação e transformação da educação física. 7. ed. Campinas: Papirus, 1987.
- MEDINA, J. P. **Elementos para diagnósticos e avaliações no futebol em uma perspectiva sistêmica**. Universidade do Futebol, 2021. Disponível em: www.universidadedofutebol.com.br/2021/09/30/elementos-para-diagnosticos-e-avaliacoes-no-futebol-em-uma-perspectiva-sistemica. Acesso em: 10 jun. 2022.
- MESQUITA, I. Modelação no treino das habilidades técnicas nos jogos desportivos. In: GARGANTA, J. (ed.). **Horizonte e órbitas no treino dos jogos desportivos**. Porto: Converge Artes Gráficas, 2000. p.73-89.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.
- PAOLI, P. B. **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos**. 2007. Tese (Doutorado) – Curso de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.
- PERAITA, A. **Espacios de fase: como seiru-lo cambió la táctica para siempre**. Espanha: MCSports, 2020.
- RESENDE, R. Filosofia do treinador e sua implementação com eficácia. **Journal of Sport Pedagogy and Research**, v. 4, n. 3, p. 51-59, 2018.
- RIBEIRO, L. **Futebol e globalização**. Jundiaí: Fontoura, 2007.
- SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S.; GALATTI, L. R. Ambiente de jogo e ambiente de aprendizagem no processo de ensino dos jogos esportivos

coletivos: desafios no ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. *In*: NASCIMENTO, J.; RAMOS, V.; TAVARES, F. **Jogos desportivos: formação e investigação**. Florianópolis: Ed. da Udesc, 2013.

SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S.; LEONARDO, L.; LIZANA, C. J. R. O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 4, p. 227-249, 2013.

SCAGLIA, A. J. **O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes**. 2003. 164. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP.

SCAGLIA, A. J. Jogo: um sistema complexo. *In*: FREIRE, J. B.; VENÂNCIO, S. **O jogo dentro e fora da escola**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 37-69.

SCAGLIA, A. J.; MEDINA, J. P. Conhecimento e futebol: as bases para sua compreensão em uma perspectiva inter e transdisciplinar. *In*: BRANDÃO, M.; MACHADO, A.; MEDINA, J. P.; SCAGLIA, A. J. **Futebol, psicologia e a produção do conhecimento**. São Paulo: Editora Atheneu, 2008. p. 1-17.

SEIRUL-LO, F. **El entrenamiento en los deportes de equipo**. Editorial Mastercede, 2017.

TEODORESCU, L. **Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos**. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

WENGER, E.; McDERMOTT, R.; SNYDER, W. **Cultivating communities of practice**. Boston: Harvard, 2002.

Parte 3



Fonte: Elaborado por Serena do Nascimento Santos (4º A do Colégio de Aplicação da UFSC)

Conceitos e princípios táticos da fase ofensiva do futebol

Carlos Ewerton Palheta¹²

Leandro Zago¹³

Gabriel Bussinger¹⁴

Introdução

O futebol apresenta características que o definem como uma modalidade esportiva coletiva, que é praticada por meio de simultâneas situações de cooperação e oposição, que são estabelecidas entre duas equipes (CASARIN *et al.*, 2011). No ambiente de jogo, os jogadores de uma mesma equipe buscam constantemente obter organização coletiva para desestabilizar a organização coletiva dos adversários. Nesse confronto, cada jogador possui inúmeras possibilidades de ação, o que torna o ambiente do jogo altamente complexo (GARGANTA, 2002). Para corresponder a essa complexidade, é necessário elevar o nível de desempenho da equipe (PINTO; GARGANTA, 1996).

O desempenho no futebol é dependente do desenvolvimento dos aspectos táticos, técnicos, físicos e psicológicos. Entre tais aspectos, a tática ganha destaque, quando o foco se encontra sobre a auto-organização coletiva das equipes (COSTA *et al.*, 2009). A tática é compreendida como a forma como os jogadores de uma equipe se organizam no campo e gerenciam ações individuais e coletivas, em busca

¹² Núcleo de Pesquisa em Pedagogia do Esporte (NuPPE), Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

¹³ Professor da CBF Academy (Licença A), Treinador de Futebol, Brasil.

¹⁴ Sfera Futebol Clube, Diretor de Futebol e Metodologia, Brasil.

do máximo controle do ambiente onde o jogo acontece (COSTA; GUILHERME; GARGANTA, 2015). A busca pelo desempenho tático exige entendimento sobre a dinâmica do jogo, sobretudo, no que se refere ao reconhecimento das particularidades das fases ofensiva e defensiva (BARREIRA; GARGANTA, 2007).

De maneira simples, as fases do jogo de futebol se caracterizam pela posse ou não da bola, o que torna a fase ofensiva fundamental para a obtenção do gol, que representa a pontuação no futebol. Entretanto, a obtenção do gol precede a gestão do espaço de jogo, por meio de princípios específicos da fase ofensiva (COSTA *et al.*, 2009). A forma como determinada equipe gerencia o espaço de jogo e operacionaliza os princípios táticos, para construir seus ataques, deve refletir o modelo de jogo (forma de jogar) definido pelo treinador (CASARIN *et al.*, 2011). Logo, os treinadores são responsáveis por transmitir a compreensão tática aos jogadores, de modo que os tornem aptos a gerenciar suas ações.

Neste capítulo, concentramo-nos sobre as táticas da fase ofensiva do jogo de futebol, para expor alguns de seus princípios e conceitos, além de fomentar reflexões sobre as ações ofensivas. Também apresentaremos ideias para que treinadores possam planejar, conduzir e avaliar suas práticas para favorecer o desempenho tático-ofensivo no processo treino-jogo. Assim, pretendemos conectar “o que fazer” ao “como fazer”, para operacionalizar princípios táticos ofensivos no processo de treinamento.

Princípios táticos da fase ofensiva

A identificação dos princípios táticos ofensivos orienta ao que é necessário para se construir ataques bem-sucedidos. Ressalta-se que os princípios da fase ofensiva precedem o sucesso obtido na fase defensiva: a recuperação da posse de bola. Também, que podemos compreender a finalização à baliza adversária como o resultado esperado de um ataque bem construído, mesmo quando o gol não é obtido, já que apenas 1% dos ataques de uma equipe no jogo costumam resultar em gol (DUFOUR, 1993; TENGA *et al.*, 2010). Desse modo, Bayer (1994) apresenta os princípios tático-operacionais da fase ofensiva, que representam as circunstâncias mais amplas da construção de um ataque, a saber: (I) manter a posse de bola; (II) progredir pelo campo de jogo adversário; (III) criar situações de finalização; e (IV) finalizar a baliza adversária.

Regras de ação individual e coletiva são necessárias para executar os princípios operacionais. Essas regras de ação são denominadas princípios fundamentais, que, na fase ofensiva, são: (I) penetração, que é a progressão à baliza adversária; (II) cobertura ofensiva, que se trata da criação de linhas de passe que apoiem o portador da bola e favoreçam a manutenção da posse; (III) mobilidade, a ruptura da última linha defensiva adversária; (IV) unidade ofensiva, o deslocamento em bloco da equipe que favorece o avanço ao campo de ataque; e (V) espaço, que é a expansão do espaço de jogo efetivo da equipe (GARGANTA; PINTO, 1994; COSTA *et al.*, 2009). Apesar de não existir uma hierarquia de importância entre os princípios fundamentais, aqui

argumentaremos sobre como a boa execução do princípio de espaço pode favorecer a gestão tática do jogo.

Conceitos inerentes ao espaço de jogo

Em princípio, o jogo de futebol pode ocorrer em todo o espaço delimitado pelas linhas laterais e linhas de fundo do campo. Nessa condição, o espaço de jogo possui largura determinada pela distância entre as linhas laterais e o comprimento determinado pela distância entre as linhas de fundo. Ao considerar aspectos como, por exemplo, a lei da gravidade e a presença de cobertura sobre os campos, o espaço também possui a dimensão de altura, determinada pela distância do solo ao ponto mais alto que a bola pode alcançar. A resultante dessas dimensões é denominada volume e representa o total de possibilidades de utilização do espaço que as equipes têm.

Dentro dos limites estruturais de comprimento e largura, os jogadores se distribuem no campo, de modo a definir a profundidade e a amplitude da sua equipe durante as circunstâncias do jogo. Assim, a profundidade é definida pelo maior aproveitamento do comprimento do espaço de jogo, enquanto a amplitude é definida pelo maior aproveitamento da largura desse mesmo espaço. A partir disso, a equipe define seu espaço efetivo de jogo, que representa a área total que consegue ocupar, considerando os jogadores que estão nos limites de sua organização coletiva (Figura 1).

Figura 1 – Conceitos sobre o espaço de jogo



Fonte: Elaboração dos próprios autores.

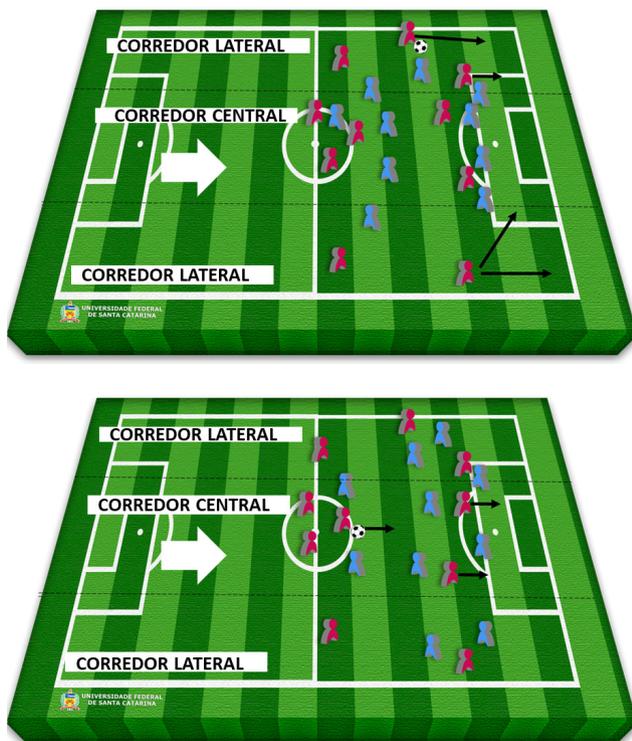
Gestão do espaço de jogo na fase ofensiva

Como apresentado no tópico anterior, o comprimento e a largura do espaço de jogo são definidos pela estrutura do campo, porém, a profundidade e a amplitude são definidas pela forma como os jogadores de uma equipe o ocupam e estabelecem seu espaço efetivo de jogo. Durante a fase ofensiva, a maneira como uma equipe irá gerir o espaço deve obedecer ao modelo de jogo elaborado pelo treinador. Entretanto, alguns aspectos costumam favorecer o alcance de ataques bem-sucedidos.

Primeiramente, considerando a largura do campo, a equipe que está em fase ofensiva deve manter maior amplitude que a equipe adversária em fase defensiva. Isso se deve à tendência de a equipe, em fase defensiva, diminuir a distância entre seus jogadores e se colocar no corredor central do campo, de modo a proteger seu alvo (gol). Desse modo, os corredores laterais costumam apresentar menor

presença de defensores, aumentando o espaço a ser explorado pela equipe em fase ofensiva. Portanto, estabelecer maior amplitude em fase ofensiva pode favorecer a progressão (princípio fundamental de penetração) (COSTA *et al.*, 2009) pelos corredores laterais. Além disso, manter maior amplitude é capaz de atrair a marcação do adversário para os corredores laterais, aumentando a distância entre os defensores e criando mais espaços pelo corredor central, o que favorece a progressão e a finalização ao alvo (Figura 2).

Figura 2 – Possibilidades de progressão pelos corredores laterais ou central, quando se estabelece maior amplitude



Fonte: Elaboração dos próprios autores.

É importante ressaltar que, mesmo com menor amplitude, a equipe em fase defensiva é capaz de impedir que a bola chegue aos jogadores que ocupam os corredores laterais, anulando os efeitos positivos da amplitude criada. Nesse momento, abrir mão da amplitude para ganhar um jogador em outro setor é uma decisão tentadora. Essa situação nos esclarece que, por vezes, apenas estabelecer maior amplitude é insuficiente, sendo necessário garantir que a bola irá constantemente circular pelos corredores laterais, durante a fase ofensiva para, então, se obter as vantagens que ela proporciona ao ataque.

Considerando o comprimento do campo, aumentar a profundidade no momento ofensivo é fundamental para obter aproximação do gol adversário. Porém, obter profundidade na fase ofensiva é uma dificuldade, pelo fato de a equipe em fase defensiva ter a regra do impedimento a seu favor. Por isso, é sugerido que, pelo menos um jogador se mantenha o mais avançado possível, de modo que possa constantemente atrair as linhas defensivas para trás, permitindo aproximação do alvo. Além disso, visto que a equipe em fase defensiva costuma reduzir sua profundidade para aproximar suas linhas de jogo, aumentar a profundidade em fase ofensiva pode atrair a marcação, de modo que afaste as linhas defensivas e desestabilize a compactação imposta pela defesa (Figura 3).

Figura 3 – Vantagens obtidas, quando se estabelece maior profundidade



Fonte: Elaboração dos próprios autores.

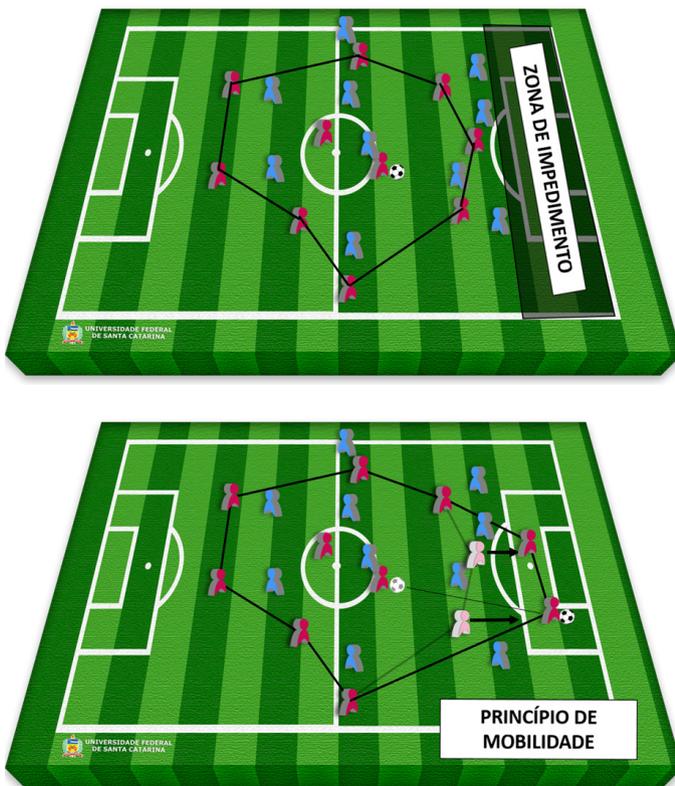
Enquanto obtém amplitude e profundidade no campo, a equipe em fase ofensiva também aumenta seu espaço efetivo de jogo. Quanto maior o espaço efetivo de jogo, maior a chance de a equipe manter a posse de bola, visto que a equipe adversária terá que cobrir uma área maior, para tentar recuperar a posse, dificultando seu trabalho em reduzir sua amplitude e profundidade e também de cumprir alguns princípios defensivos. No entanto, é importante entender que a ocupação e a relação entre os jogadores, na região interna do espaço efetivo de jogo, são fatores fundamentais para que a equipe tenha um ataque bem-sucedido.

No espaço efetivo de jogo, a maior distância entre os jogadores permite a ocupação de mais espaço, mas também pode diminuir a capacidade de estabelecerem linhas de passe entre si. Por outro lado, a menor distância entre

eles pode favorecer as linhas de passe, mas também pode refletir em pouca utilização dos espaços. Desse modo, deve-se compreender que existem distâncias ótimas para cada momento e circunstância do jogo.

Ressalta-se que um princípio tático fundamental, que pode colaborar para a ampliação do espaço efetivo de jogo é a mobilidade (ruptura da última linha defensiva adversária). A mobilidade permite criar espaços nas costas da linha de defesa, invadindo a zona de impedimento no momento ideal para gerar instabilidades ao adversário. Isso aumenta o espaço que pode ser explorado pela equipe em fase ofensiva, e pode permitir progressão no espaço entre a linha da zaga e o goleiro, que é uma situação favorável à finalização e obtenção do gol. A Figura 4 demonstra a situação que, em um primeiro momento, a zona de impedimento imposta pela linha da defesa impede a ampliação do espaço efetivo de jogo em profundidade. Depois, o princípio de mobilidade permite a ruptura da última linha defensiva, obtendo ampliação do espaço efetivo de jogo e invasão da zona livre de marcação.

Figura 4 – Ampliação do espaço efetivo de jogo por meio do princípio fundamental ofensivo de mobilidade



Fonte: Elaboração dos próprios autores.

A gestão do espaço de jogo depende da capacidade tática individual (jogador) e coletiva (equipe) em adotar as ideias ofensivas estabelecidas pelo modelo de jogo elaborado pelo treinador. Essas capacidades devem ser desenvolvidas no treinamento da equipe, e os treinadores são agentes-chave nesse processo.

Como operacionalizar os conceitos e princípios ofensivos no treinamento da equipe?

Treinadores são os responsáveis por planejar, conduzir e avaliar constantemente o ambiente de treino em que atuam. Partindo do pressuposto de que o treino é “meio” do processo de desenvolvimento das capacidades, é fundamental que treinadores iniciem seu planejamento pelos “fins”, isto é, pela definição de suas metas, em relação ao modelo de jogo que desejam implementar. É a partir de uma ideia clara de como pretende atacar (modelo de jogo), que os treinadores devem traçar objetivos coerentes com suas ideias.

O planejamento corresponde ao momento em que se elabora planos de treino; se define atividades e se desenvolve indicadores de progressão das unidades (ou ciclos) do treinamento, de acordo com o contexto de atuação. A condução ocorre durante toda a sessão de treinamento, desde a preparação do campo até o fim da jornada de trabalho. Conduzir consiste em gerir e operacionalizar os métodos, além de se dedicar a estabelecer engajamento dos atletas, com o propósito de alcançar os objetivos da sessão. Já a avaliação diz respeito ao momento em que treinadores refletem acerca das suas ações no treino. Essas reflexões podem dar início a ajustes que, embasados nas análises/avaliações, podem alterar a maneira como o treino é planejado e conduzido.

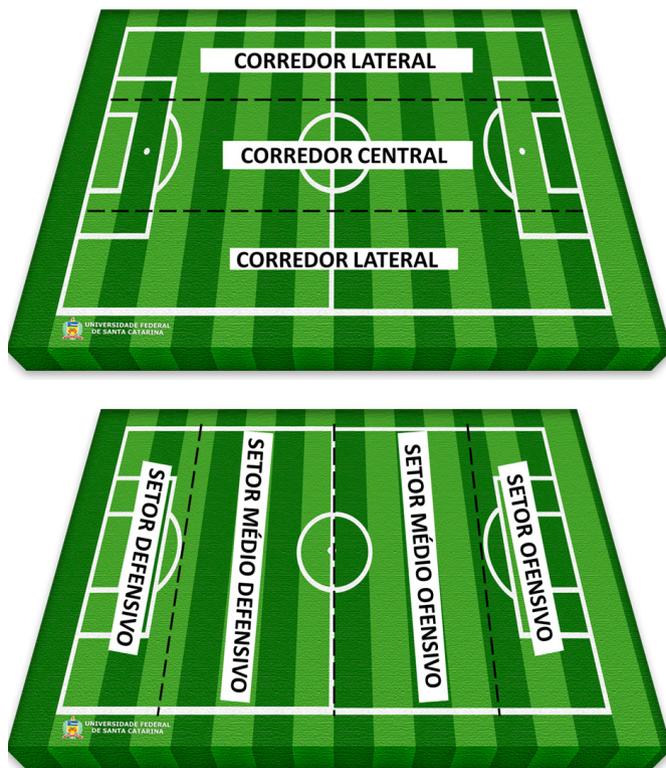
Inseridos nesse processo de planejamento, condução e avaliação de suas ações, treinadores que se propõem a desenvolver o entendimento de seus jogadores sobre os conceitos e princípios ofensivos, não apenas devem ter total domínio sobre eles, como também devem ter a capacidade de transmiti-los de maneira eficaz. Nesse sentido, nós, os

autores deste capítulo e treinadores de futebol, destacamos duas estratégias que costumamos utilizar nesse processo. A primeira estratégia é esclarecer aos atletas o objetivo da sessão e de cada atividade que compõe o treino. Antes de iniciar a sessão de treino, é importante explicar o objetivo da sessão e fazer uma explanação do que se almeja em cada exercício. É interessante abordar quais princípios e conceitos se deseja estimular e, assim, explicar a razão de regras e outras variáveis de treino, que podem ser manipuladas para aumentar a realização das ações ofensivas pretendidas. Algumas ferramentas podem auxiliar nesse momento, como aplicativos e *softwares* digitais, quadros e pranchetas táticas ou até mesmo um simples bate-papo individual ou em grupo, antes do treino. Sugerimos evitar a utilização constante de apenas um recurso para esse momento, pois isso pode gerar desconforto aos atletas e impedir o alcance de sucesso dessa estratégia.

A segunda estratégia é organizar o ambiente de treino para facilitar entendimento sobre o espaço de jogo. Para isso, elaborar estímulos visuais no ambiente de treino que esclareçam os parâmetros do espaço de jogo aos atletas pode favorecer a execução dos princípios táticos ofensivos. Uma alternativa que sugerimos é dividir o campo em setores, corredores ou zonas, seja utilizando cones, faixas, ou mesmo pintando o espaço de treino. Vale destacar que as divisões do campo devem estar de acordo com o que os treinadores querem transmitir e desenvolver. Por exemplo, para treinar a obtenção de amplitude no espaço de jogo, treinadores podem fazer marcações que dividem o campo em corredores, facilitando o reconhecimento dos atletas

sobre os espaços a serem ocupados, considerando a largura do campo. Enquanto para obter o ganho de profundidade no espaço de jogo, as marcações podem dividir o campo em setores (Figura 5).

Figura 5 – Exemplo de divisão do campo em corredores e setores



Fonte: Elaboração dos próprios autores.

Obter conhecimento sobre o espaço do jogo favorece a operacionalização dos princípios ofensivos e demais regras de ação, que compõem o modelo de jogo desejado. Por exemplo, considerando a divisão apresentada na Figura

5, podemos definir as seguintes estratégias de jogo: (I) jogadores devem buscar a finalização o mais rapidamente possível, se o ataque iniciar no setor médio ofensivo; (II) jogadores têm a liberdade sobre suas ações, se estiverem em situação de 1 contra 1, no setor ofensivo. Vale ressaltar que aqui apresentamos exemplos e a delimitação dos espaços de jogo, e as nomenclaturas dadas aos setores, corredores e zonas podem variar entre diferentes treinadores. Assim, uma terceira estratégia para favorecer o entendimento dos jogadores sobre os princípios ofensivos é esclarecer os conceitos dos termos que serão utilizados.

Qual o melhor método para treinar os princípios ofensivos?

Analítico? Sistemico? Situacional? É correto utilizar métodos analíticos? Você utiliza jogo reduzido? Essas e outras perguntas semelhantes são muito comuns no contexto de cursos de formação de treinadores, esperando que o professor apresente uma “receita de bolo” ideal. Entretanto, é importante compreender que o treinamento é apenas um “meio” e não um “fim” em si mesmo. De forma que perguntar qual método é o melhor corresponde a perguntar se é melhor utilizar a chave de fenda ou o martelo, ou se a melhor serra é a da faca, do serrote ou de uma lima. Diante dessas perguntas, a resposta que logo vem à mente é: Depende! Depende qual é a tarefa-problema. Se o que se pretende é utilizar parafuso ou prego, e se a serra deve servir para cortar um bife, um bloco de madeira ou um pedaço de metal.

Notem que para cada fim (tarefa-problema) utiliza-se uma ferramenta correspondente (um método ou meio).

Desse modo, compreendemos que não há método certo ou errado, método bom ou ruim, devemos apenas compreender que há métodos. Cabe aos treinadores identificar os fins e escolher qual método (ferramenta) acreditam ser o mais adequado para resolver suas situações-problema. Para isso, é fundamental que o treinador tenha uma caixa com diferentes opções de ferramentas, ou seja, maior repertório e domínio sobre os métodos para resolver diferentes problemas. Treinadores que não possuem essa caixa de ferramenta têm que utilizar o martelo sobre o parafuso, ou mesmo cortar um bloco de madeira com a faca, sendo menos eficientes e gastando mais energia na resolução de seus problemas.

É essencial que o treinador tenha em mente como quer atacar e identifique quais são as situações-problema que seu contexto propõe. De forma que, ao identificar os fins e escolher quais métodos mais lhe fazem sentido para alcançá-los, deve oferecer treinos (meios) que auxiliem seus atletas e/ou sua equipe a interpretar e resolver tarefas ofensivas. Se utilizar o método analítico, situacional, sistêmico, aplicar jogos reduzidos, coletivos ou invisível 11vs0 (diferentes ferramentas), é uma decisão particular. Busquemos domínio sobre os diferentes métodos; compreendamos os problemas que queremos resolver e reflitamos sobre qual ferramenta (método) será mais eficiente.

Considerações finais

Ser treinador profissional de futebol no Brasil é uma profissão complexa e vulnerável (TOZETTO *et al.*, 2019). Como exemplo, na primeira divisão do campeonato bra-

sileiro, um treinador se mantém em média 16 rodadas, geralmente cinco meses, ou cerca de quatro derrotas até perder seu cargo (TOZETTO *et al.*, 2019; GALDINO *et al.*, 2020). As derrotas são apontadas em quase a totalidade dos casos como o principal motivo para as demissões. E essa situação pode influenciar o jogo ofensivo.

Como consequência desse contexto, pode ser gerada maior preocupação em não perder (para não ser demitido), do que em arriscar-se mais para ganhar os jogos. Isso pode estar fomentando, no ambiente de futebol profissional, maior preferência sobre os aspectos da fase defensiva ao invés da fase ofensiva. Junto a isso, o calendário de jogos proposto reduz o número de treinos aquisitivos, o que pode impelir treinadores a pensarem mais em “sobreviver” defensivamente, do que elaborem ações ofensivas mais complexas que, por vezes, exigem mais tempo, entrosamento e treino. Se este pensamento fizer sentido, observem a contradição disso com a cultura do futebol brasileiro, que diz ter preferência por um jogar mais ofensivo.

Referências

BARREIRA, D.; GARGANTA, J. Padrão sequencial da transição defesa-ataque em jogos de Futebol do Campeonato Português 2004/2005. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE JOGOS DESPORTIVOS: OLHARES E CONTEXTOS DA PERFORMANCE. DA INICIAÇÃO AO RENDIMENTO, 1., Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2007. **Anais [...]**. Porto, 2007.

BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos**. Lisboa: Dina Livros, 1994.

CASARIN, R.; REVERDITO, R.; GREBOGGY, D. de L. Modelo de jogo e processo de ensino no futebol: princípios globais e específicos. **Movimento**, v. 17, n. 3, p. 133-152, 2011.

COSTA, I. T. *et al.* Princípios táticos do jogo de futebol: conceitos e aplicação. **Motriz**, v. 15, n. 3, p. 657-668, 2009.

COSTA, I. T.; GUILHERME, J.; GARGANTA, J. **Para um futebol jogado com ideias**: concepção, treinamento e avaliação do desempenho tático de jogadores e equipes. Curitiba: Appris, 2015.

DUFOUR, W. Computer-assisted scouting in soccer. **Science and football II**, p. 160-166, 1993.

GALDINO, M.; WICKER, P.; SOEBBING, B. P. Gambling with leadership succession in brazilian football: head coach turnovers and team performance. **Sport, Business and Management: An International Journal**, 2020.

GARGANTA, J. Competências no ensino e treino de jovens futebolistas. **Lecturas, Educacion Física y Deportes**, v. 8, 2002.

GARGANTA, J.; PINTO, J. O ensino do futebol. **O ensino dos jogos desportivos**, v. 1, p. 95-136, 1994.

PINTO, J.; GARGANTA, J. Contributo da modelação da competição e do treino para a evolução do nível de jogo no Futebol. **Estratégia e tática nos jogos desportivos colectivos**. Porto: Editora da FADEUP, 1996. p. 83-94.

TENGA, A. *et al.* Effect of playing tactics on achieving score-box possessions in a random series of team possessions from Norwegian professional soccer matches. **Journal of Sports Sciences**, v. 28, n. 3, p. 245-255, 2010.

TOZETTO, A. B. *et al.* Coach turnover in top professional brazilian football championship: a multilevel survival analysis. **Frontiers in Psychology**, v. 10, p. 1246, 2019.

Construção da organização ofensiva de equipes de futebol: minhas ideias de jogo

Álvaro Martins¹⁵

Introdução

Ao tratarmos o jogo de futebol como um sistema complexo, caótico, ambíguo e altamente imprevisível (GARGANTA; GREHÁIGNE, 1999), assumimos que o estudo do jogo não pode se dar através de ferramentas e recursos de análise e preparação analíticos. Portanto, há uma grande necessidade de se dominar ferramentas que atendam o estudo de sistemas complexos e dinâmicos e que, através da sua utilização, seja possível alterá-los no sentido desejado. Duas destas ferramentas, do ponto de vista do futebol, são o modelo de jogo e a modelação sistêmica (GARGANTA, 1997; MARTINS, 2020).

O modelo de jogo tem como fim dar sentido ao processo de desenvolvimento da equipe, considerando uma série de variáveis contextuais presentes em todos os contextos de prática dos treinadores. Este sentido proferido pelo modelo de jogo diz respeito aos princípios, às ideias, aos critérios, sistemas e às funções que o treinador acredita serem as melhores para sua equipe (TEOLDO; GUILHERME; GARGANTA, 2015; LEITÃO, 2009; MARTINS, 2020). Desta forma, o modelo de jogo é uma ferramenta de avaliação constante do desenvolvimento do jogar da equipe e, ao mesmo tempo,

¹⁵ Cruzeiro Esporte Clube, auxiliar técnico da categoria Sub-17, Brasil.

com a utilização da modelação sistêmica, orienta também todo o processo de treino (CASTELO, 2009).

Outros dois conceitos fundamentais para que se torne palpável o entendimento do modelo de jogo são a ideia de jogo e o contexto. Explicamos: o treinador deve ter, conscientemente ou não, documentada ou não, uma forma de jogar que ele acredita ser ideal, e isto vai desde situações coletivas do jogo, como movimentações de pressão, sistemas de jogo ou dinâmicas na 1ª fase de construção ofensiva, até situações de orientação corporal para finalizações, domínios, passes, etc. Esta forma ideal com a qual ele almeja jogar é a ideia de jogo (TAMARIT, 2013). Por outro lado, para se entender um sistema complexo da forma mais rica possível, deve-se considerar o contexto e as interações que ele tem com o sistema. No caso do futebol, são muitas as variáveis contextuais envolvidas no processo, mas, para que haja mais fácil entendimento, algumas das principais variáveis debatidas são: características de jogadores, característica do campeonato, como está o processo da equipe e objetivos do clube. Ao confrontar a ideia de jogo idealizada pelo treinador, com o contexto que é a realidade do clube, surge o modelo de jogo, a ferramenta que dá sentido ao processo (MARTINS, 2020; TAMARIT, 2013).

De forma mais clara, o treinador, ao chegar no contexto, municiado de suas ideias sobre os padrões que gostaria de ver presentes na sua equipe, deve fazer um diagnóstico do que ele encontra no clube e, o mais rapidamente possível, traçar um prognóstico, um caminho para percorrer, com um horizonte bem definido, além de traçar o meio até este horizonte. E, muitas vezes, o que ele encontrará fará com

que abra mão de alguns princípios dos quais gosta para ter outros. Imagine uma situação em que o treinador pretende organizar a fase ofensiva da equipe, a partir da manutenção e posse de bola e que busque recuperá-la imediatamente, após sua perda, mas os principais jogadores da equipe apresentam baixa aptidão aeróbia. A partir desta constatação, o treinador será requisitado a tomar uma decisão: I) talvez ele opte em tê-los em campo para melhor progredir de forma apoiada, mas, em contrapartida, tenha que abdicar de pressionar durante todo o jogo, ou II) ao perceber esta debilidade, o treinador pode optar em treinar outros futebolistas, para que tentem evoluir e, assim, manifestar uma posse de bola análoga ao primeiro grupo, mas com melhor aptidão aeróbia. São escolhas que o treinador deverá realizar, ao confrontar seu “idealismo” com a realidade encontrada. Muito importante é frisar que, muitas vezes, este confronto gera novas e excelentes soluções, não só problemas.

Dito isto, é interessante, para fins de estudo, deixar o que, no momento da escrita deste capítulo (2022), é a minha ideia de jogo documentada para a organização ofensiva, com a explicação sobre cada um dos pontos. Considerando três etapas da organização ofensiva (manutenção da posse, criar e aproveitar dúvidas, referências de finalização), buscaremos debater aspectos da organização ofensiva da ideia de jogo, pois são pontos importantes que norteiam o modo como almejamos que a equipe perceba a fase ofensiva do jogo.

Manutenção da posse de bola

A etapa da manutenção da posse de bola, dentro desta ideia, passa, sobretudo, por ter princípios, comportamen-

tos e sistemas de jogo que favoreçam um jogo apoiado, contra as estruturas e dinâmicas de pressão e organização defensiva adversária, que nos deixe em condições de dar passes de ruptura, seja diretamente para a última linha, seja quebrando linha por linha de marcação adversária. Este primeiro ponto não é por uma necessidade exclusivamente ofensiva. Explico: acredito que, em jogos de alto nível, iremos sofrer em vários momentos, quando estivermos em organização defensiva, mesmo dando muita atenção a esta fase do jogo. Portanto, ao conseguirmos ter uma manutenção da posse efetiva, poderemos diminuir drasticamente o tempo que passaremos a defender, ou seja, ter a bola para não sermos agredidos também tem sua importância. Além disso, muitas vezes pode ser interessante, contra adversários de excelência, ter a bola sem o objetivo claro de progredir imediatamente, para gerar desgaste físico e psicológico no adversário e nos dar momentos para “respirar”. Dentro desta ideia, há uma série de princípios e estruturas para que seja mais fácil “manter a bola”.

Criar e aproveitar dúvidas

Esta fase parte do momento em que já temos a bola, dominamos a questão da manutenção da posse com intencionalidade clara, seja para manter a bola e gerar desgastes, seja para progredir e agredir o adversário. Sendo a última opção, a ideia passa por dentro das estruturas e dos princípios que iremos debater a seguir, perceber que iremos utilizar diferentes sistemas de jogo, em função da organização defensiva que o adversário propuser. Via de regra, cada sistema que utilizamos gera zonas de dúvidas nos adversários em diferentes espaços. Se a organização

defensiva do oponente for baseada em realizar perseguições individuais no campo inteiro, não haverá muitas dúvidas em relação a quem deles marcará os nossos jogadores, mas à exceção desta situação, toda estrutura defensiva terá espaços “divididos” (zonas onde um jogador deve vigiar dois ao mesmo tempo, ou seja defender um 2x1), para poder defender ou pressionar o adversário. E o conceito “criar/ aproveitar dúvidas” passa por nós dominarmos a questão de gerar estas dúvidas nos adversários (fazer um marcador defender dois jogadores nossos) e, mais importante, aproveitar bem estes momentos (aproveitar vantagem no 2x1).

Referências de finalização

Esta etapa talvez seja a mais simples de se compreender, mas enfatizo que, com alguma distância é a que consideramos mais importante do jogo de futebol como um todo. Em experiências passadas, exigi muito da minha equipe nos dois pontos anteriores somados à organização defensiva, mas não dei a devida atenção e energia a este ponto e, para mim, é onde os jogos são decididos. Este é o maior crescimento que considero que tive nos últimos anos, por passar a perceber muito mais os detalhes que equipes e jogadores de alto nível fazem, nos momentos próximos ao gol. A seguir, iremos expor detalhadamente situações, zonas e princípios que acreditamos que podem levar ao êxito e à evolução dos jogadores nestas questões decisivas do jogo.

Princípios da manutenção da posse de bola

Dentro desta etapa, desenvolvemos um processo pedagógico para treinar questões primordiais para ter uma posse de bola sustentada com as características comentadas anterior-

mente. Manipulando os princípios fundamentais de cobertura ofensiva, mobilidade, penetração, espaço e unidade ofensiva (TEOLDO *et al.*, 2011), desenvolvemos oito princípios que devem estar presentes e ser treinados, mostrados e revisados, constantemente, para que a manutenção da posse de bola seja realizada de acordo com o que almejamos:

1. aprender desmarques de apoio e quais jogadores adversários são atraídos: de forma simples, devemos treinar os jogadores para realizarem desmarques, a fim de ficarem livres e darem apoio ao colega com bola; é sobretudo, fazê-los entender as linhas de passe, as distâncias entre o apoio e o portador da bola e como/quando realizar os desmarques. A parte complicada neste princípio é fazer com que os jogadores percebam se estão fazendo desmarques e ficam livres, ou se estão se movimentando e carregando marcadores; caso seja o segundo caso, não há problema, mas um terceiro colega deve perceber isto e realizar desmarques de apoio, no espaço gerado. Bons exercícios para treinar esta questão são os rondos, mas é importante que o treinador esteja atento para estes comportamentos em outros exercícios que não têm, propriamente, este objetivo, já que é um alicerce da manutenção da posse de bola;

2. diferenciar quem tem pressão na bola e quem está livre: a ideia aqui é treinar os jogadores para perceberem quando o colega estará pressionado ou livre. Ao diferenciar estas duas condições nas quais seu colega poderá estar, o futebolista deve ser capaz de realizar ações conforme a situação. Em caso de pressão na bola, deve-se realizar desmarques de apoio; e, em caso de liberdade, fazer des-

marques para gerar dúvidas ou atacar a última linha (criar/ aproveitar dúvidas e referências de finalização);

3. orientação corporal com apoios em diagonal: este princípio diz respeito a treinar os jogadores que estão nos espaços “entrelinhas” (espaço entre as linhas de defesa e no meio-campo adversário) para ajustarem o corpo e adotarem sempre um posicionamento em diagonal. Ter os apoios em diagonal e ajustar o corpo também em diagonal facilita ao jogador jogar “de costas para o jogo”, vendo quem tem a bola, seus colegas na linha de cima ou ao seu lado e seus adversários. Além de ver e mapear muito mais jogadores, ao estar em diagonal para a bola, facilita a ação técnica de realizar um passe para um colega (dinâmica do 3º homem), dar um “corta-luz” para que a bola chegue ao companheiro da linha de cima, e, claro, dominar orientado, quando estiver livre;

4. entender posicionamentos e alturas: este princípio requer que o jogador esteja bem-treinado para perceber diferentes “alturas” nas quais ele pode se posicionar em relação ao adversário. Por exemplo: o nosso lateral pode se posicionar ao lado do ponta adversário, mais à frente dele (quase na mesma linha dos zagueiros), nas suas costas (no espaço entrelinhas), na última linha adversária, etc. Portanto, com este princípio queremos que os jogadores entendam, numa dimensão mais macro (intersetorial e coletiva), o seu posicionamento e se há adversários sendo atraídos por ele, adversários que perderam função defensiva, que estão em dúvida, etc. E, muito importante, a gestão da altura destes jogadores no campo deve também ter em conta as linhas de passe. O lateral, como usamos de exemplo, se ficar na altura

da última linha de defesa do adversário, deve perceber se existe uma forma de a bola chegar lá, porque os adversários que estão entre a bola e ele não fecham as possibilidades de ela chegar lá. Portanto, a gestão de alturas passa por estar treinado para tirar proveito de tudo isto;

5. esconder o passe/enganar: este princípio diz respeito ao treino dos jogadores para que, após dominarem muito bem as questões mencionadas anteriormente, comecem a enganar os adversários, durante ações de passe ou condução para ganhar mais tempo e espaço. Pensando em nível de excelência, mesmo quando os jogadores adversários estão em espaços divididos na marcação, ou seja, vigiando e tentando controlar dois dos nossos jogadores ao mesmo tempo, eles são capazes de defender muito bem por terem a capacidade de leitura do que os jogadores vão fazer, antecipando ações e identificando, rapidamente, qual espaço ele deve fechar prioritariamente. Por conta desta excelente capacidade, surge a necessidade de treinar os nossos jogadores, para que sejam capazes de enganar o adversário, por exemplo, realizando um gesto que “entregue” que ele irá fazer um passe à direita e, quando perceber que o adversário teve a leitura e está se movimentando para antecipar esta ação, ele mudar rapidamente e dar um passe para outro jogador ou até realizar uma condução para o lado contrário. São muitas as variações de ações possíveis de engano e de esconder a intenção, mas o princípio é o mesmo. Quando os jogadores estiverem muito bem treinados para realizar estas ações, torna-se muito mais complicado pressioná-los e, portanto, muito mais simples à nossa equipe manter a posse da bola;

6. “pisar o jogo”: a ideia deste princípio é extremamente simples de se entender, mas não é simples fazer com que a equipe e os jogadores pensem e pratiquem esta ideia ao mesmo tempo. O “pisar o jogo” é um *feedback* e um princípio que utilizamos para que os jogadores quebrem as linhas de defesa e tenham lucidez com a posse. Quando nossa equipe é pressionada, agressivamente, pelo time adversário e nós conseguimos furar a pressão, a primeira reação tende a ser uma busca agressiva para chegar rapidamente ao gol, com possíveis vantagens ou igualdades numéricas com a equipe adversária, muito alta no campo de jogo. Mas há momentos e jogos em que, mesmo estas ações podendo ser ótimas e vantajosas, do ponto de vista estratégico, de desgaste ou de resultado do jogo, é preferível furar a pressão e “pisar o jogo”, mudar o ritmo do jogo sem acelerar a posse e sem sermos pressionados novamente, obrigando a equipe adversária a baixar o bloco;

7. “faz sofrer”: este princípio é sobre treinar e ensinar os jogadores a utilizarem a posse de bola para desgastar física e mentalmente os jogadores adversários. Há estruturas que facilitam a manutenção da posse e podem gerar desgaste nos jogadores adversários que norteiam a pressão (normalmente, o centroavante e mais um ou dois), sobretudo se a pressão é feita com um jogador, como no 1-4-1-4-1 ou 1-4-2-3-1 ou com dois (1-4-4-2 ou 1-4-1-3-2);

8. diferentes estruturas para ter superioridade na saída: este princípio relaciona-se com a capacidade de os jogadores e da equipe dominarem as dinâmicas, rotinas e os espaços de diferentes estruturas de saída para enfrentar diferentes problemas defensivos, que os adversários podem

criar. O treinador pode treinar muitos sistemas de jogo e dinâmicas para furar a pressão adversária e manter a posse de bola e, também, deve ensinar e treinar os jogadores para que percebam quando e como colocar em prática cada estrutura.

Figura 1 – Exemplos de estruturas utilizadas



¹⁶Fonte: Elaboração dos próprios autores.

¹⁶ A intenção é vencer os dois que pressionam (9 e 10 azuis) com goleiro mais três, através da utilização dos princípios comentados anteriormente. Também é possível utilizar os meias (8 e 10 vermelhos) como linhas de passe a mais, mas quase sempre estarão sem tempo/espço para mais do que um toque na bola. Quando o goleiro mais os três defensores vencerem os dois atacantes, um dos três terá tempo/espço e deve procurar 2x1 ou 3x2 em cima, apenas, do ponta ou do ponta e lateral adversário. O meio adversário (5 e 8 azuis) será atraído pelos dois meias para que sempre seja possível ter estas situações de 2x1 ou 3x2 do lado, caso o meia não atraia a marcação, e o volante adversário for cobrir o ponta, será ele o jogador livre para poder criar situações de superioridade numérica por dentro.

Figura 2 – Exemplo de estruturas utilizadas



¹⁷Fonte: Elaboração dos próprios autores.

Como mencionado nas Figuras, estas estruturas facilitam de diversas formas que a nossa equipe consiga furar pressões em diferentes sistemas, encaixes e dinâmicas dos adversários, apresentando superioridade numérica em algumas zonas específicas do campo, que são difíceis de pressionar. Existem outras estruturas e dinâmicas que solucionam problemas semelhantes ou completamente diferentes dos propostos nas imagens (faço um reforço para

¹⁷ A intenção é vencer o adversário que pressiona (9) com goleiro mais dois através da utilização dos princípios comentados anteriormente. Também é possível utilizar os meias (8 e 5 vermelhos) como linhas de passe a mais, mas quase sempre estarão sem tempo/espço para mais do que um toque na bola. Quando o goleiro mais dois vencerem o jogador, um dos dois terá tempo e espaço e deve procurar 2x1 ou 3x2 em cima apenas do ponta ou do ponta e lateral adversário. O meio adversário (5, 8 e 10 azuis) será atraído pelos dois volantes e meia, para que sempre seja possível ter estas situações de 2x1 e 3x2 do lado, caso o nosso meio-campo não atraia a marcação e um dos meias adversário (8 e 10 azuis) for cobrir o ponta ou pressione o zagueiro, será um dos nossos volantes o jogador livre para poder criar situações de superioridade numérica por dentro. Caso nosso volante que fique livre seja o oposto, pode se tornar um passe arriscado para realizar, mas o treino tanto para que o zagueiro perceba rapidamente quem ficou sozinho como para realizar a ação técnica faz com que seja muito mais confortável realizar este passe.

que o leitor tente criar novas possibilidades), mas estes são os principais sistemas que utilizamos para desenvolver a nossa forma de jogar.

Ao dominarmos estas situações e os princípios da manutenção da posse de bola que mencionamos anteriormente, torna-se consideravelmente mais acessível que a nossa equipe não se desfaça da bola e tenha um jogo apoiado, que consegue tirar pressão da bola e, consequentemente, obrigar a equipe adversária a baixar linhas ou a continuar tentando achar zonas de pressão, mas deixando espaços desprotegidos às suas costas.

Princípios de criar e aproveitar dúvidas

Nesta segunda etapa da organização ofensiva que chamamos de “criar e aproveitar dúvidas”, vamos utilizar exatamente os mesmos sistemas de jogo citados acima e com a continuação das dinâmicas e dos princípios da “manutenção da posse de bola”, pois, por mais que utilizemos a separação destas etapas dentro da organização ofensiva para fins didáticos, o jogo é fluido e, muitas vezes, situações de duas ou até das três etapas que separamos aqui estão acontecendo simultaneamente, e todas são ideias fundamentais que dão norte, critério e sentido aos comportamentos dos jogadores na nossa equipe. Os princípios com os quais trabalhamos dentro desta etapa são:

1. ocupar espaços divididos do campo: este talvez seja o princípio-chave para o “gerar dúvidas”. Partimos da ideia de que os princípios comentados anteriormente estão dominados. Portanto, aqui já começamos a vivenciar situações em que a nossa equipe já consegue tirar pressão

da bola e agora é o momento de progredir com ela, muitas vezes, com o adversário já num bloco defensivo mais baixo e oferecendo menores espaços “entrelinhas” e em profundidade para que nossa equipe crie jogadas. Com essa situação de não termos mais tanta pressão na bola, pelo menos entre nossos zagueiros e goleiro, a ideia é que os jogadores passem a assumir posicionamentos em campo, que gerem muitas dúvidas de marcação (espaços divididos), ou que obriguem o adversário a fazer perseguições individuais. Os exemplos mais palpáveis que podemos estudar aqui são os dos laterais e dos pontas nos primeiros dois sistemas citados acima: ao não ter pressão na bola e o lateral puder subir ainda, tendo linha de passe com o zagueiro, o ponta e o lateral adversário não saberão qual jogador nosso vão marcar ou fechar a linha de passe, e o zagueiro poderá continuar avançando, criando situações de 2x1/3x2. Portanto, ocupar bem estes espaços é a chave para gerar dúvidas;

2. orientação corporal para a bola e “onde se quer ir”: praticamente, é o mesmo princípio que existe na manutenção da posse sobre orientação corporal. Manter o corpo em diagonal entre onde está a bola e “onde se quer ir”, para poder dar andamento às jogadas e aproveitar as dúvidas geradas nos adversários, utilizando as técnicas de passe para um colega (dinâmica do 3º homem), ou de domínio orientado quando estiver livre;

3. entender posicionamentos para decidir bem: este princípio trata sobre treinar os jogadores para que consigam perceber quais colegas estão em maior vantagem em relação a outros, quais estão com a marcação encaixada, com linhas de passe limitadas, com o corpo mal-orientado, etc., para

dar critério à tomada de decisão do jogador com bola, sobre como progredir e aproveitar as dúvidas geradas;

4. diferentes estruturas para fugir de encaixes: variações de sistemas muito semelhantes aos citados acima, mas contra bloco médio e bloco baixo. O foco já não é sobre vencer as primeiras pressões, mas ter atenção aos espaços de dúvida do adversário e em como aproveitá-los. As situações mais difíceis de se enfrentar, nesta lógica de encontrar espaços de dúvida, são aquelas em que a equipe adversária opta por referências individuais para defender, com perseguições bem-definidas; e ter alguma linha de cinco jogadores na estrutura adversária, seja a última ou a do meio, porque consegue deixar mais claro qual jogador adversário marca nossos principais jogadores em espaços divididos (quase sempre são os laterais e pontas). Mas, nessas duas situações, a tendência é que a equipe adversária tenha muita dificuldade em colocar qualquer tipo de pressão na bola, liberando os nossos zagueiros para chegarem quase até a intermediária ofensiva, dando-nos novas possibilidades de soluções do último terço (referências de finalização) ou exponha muito o espaço às suas costas, que, se for o caso, deve ser explorado.

Após estes quatro princípios, que giram em torno de gerarmos dúvidas e estarmos bem-posicionados, temos que aproveitar as situações favoráveis que criamos até aqui, com dúvidas nos adversários, bons posicionamentos da nossa equipe e sem pressão na bola. Sobretudo, com a utilização de mais quatro princípios que englobam as formas de chegar à última etapa de organização ofensiva (referências de finalização);

4 A. dinâmica do 3º homem para colocar a bola no jogador “vantagem”: a dinâmica do 3º homem também está presente na manutenção da posse de bola, mas talvez com uma incidência menor, pois são situações de jogo que quase sempre são realizadas com apenas um toque, com o jogador “de costas” e com um marcador próximo, portanto, passa a ter um risco acrescido na saída, ainda que muitas vezes necessário. Porém, nas entrelinhas, a situação já vale o risco de erro para criar um desequilíbrio em último terço e longe da nossa meta. A dinâmica nada mais é do que um jogador passar para outro (quase sempre de costas, mas de preferência na diagonal para o jogo, por isso falamos de orientação corporal anteriormente), e este segundo dar um passe para um 3º jogador. A grande questão é que este segundo jogador atrairá um adversário e, por isso, ao jogar rápido, pode ser que consiga liberar o 3º homem com espaço e de frente para a última linha e meta adversária. É importante frisar que o ideal nesta dinâmica é que se aproveite o espaço dividido do adversário. Por exemplo, se o lateral adversário está em dúvida entre marcar o nosso lateral ou o nosso ponta, ao direcionar um passe para um deles, a tendência é que o adversário tente chegar rapidamente para marcá-lo, automaticamente, liberando o outro, portanto, se conseguirmos realizar bem este passe para o 3º homem, ele estará livre para atacar a última linha;

4 B. conduzir e mudar de ritmo para romper linhas: como já mencionamos, ao ter a manutenção de posse muito bem-estruturada, a tendência é que se tire pressão da bola e entregue muito tempo/espço para jogadores que ainda não ultrapassaram a segunda (em caso de sistemas como

1-4-4-2, 1-5-2-3, 1-4-5-1) ou terceira (em caso de sistemas como 1-4-2-3-1, 1-4-2-2-2, 1-4-1-3-2) linha de marcação. Com este tempo/espço e de forma bem coordenada e treinada, algum destes jogadores pode utilizar a técnica da condução para chegar ao entrelinhas adversário e ficar de frente para a última linha e a meta adversária. Com desmarques de atração bem-feitos dos jogadores sem bola e os espaços divididos, muitas vezes os adversários param de oferecer qualquer pressão à bola e têm dificuldade para reagir, quando um destes jogadores entra no bloco deles através de condução, principalmente quando há gestos de engano e/ou uma mudança brusca de ritmo de condução por parte do portador da bola;

4 C. dominar relações de 2x1/3x2 sem impedimento: este princípio é fundamental para que nossa forma de jogar se concretize na prática. Na maioria dos princípios citados anteriormente, tanto na manutenção da posse de bola quanto em gerar e aproveitar dúvidas, há princípios que contribuem para que seja possível dominar bem as relações de 2x1/3x2. Por exemplo: “aprender desmarques de apoio”, “esconder passe”, “orientação corporal”, “entender posicionamentos e alturas”, “dinâmica do 3º homem”, etc. O comportamento que falta ser mencionado e que, para dominar as ações de 2x1/3x2, é chave, se chama condução para fixar (4 D). Esta é uma condução em que o portador da bola deve atacar um espaço ou um adversário até que algum oponente o venha pressionar, deixando vagos os espaços às suas costas ou ao seu lado. Neste momento, um companheiro do portador da bola deve ocupar bem essa região e ser opção de passe, utilizando o entendimento de

desmarques, orientação corporal, etc. Ao fixar o marcador e o colega se tornar uma opção de passe, não necessariamente o portador da bola deve passá-la, ele também pode usar o posicionamento do colega como um elemento de engano, por exemplo, realizando parcialmente o gesto de passe e, depois, mudando bruscamente para uma condução para o lado contrário, possivelmente enganando o adversário.

As situações de 3x2 partem exatamente das mesmas lógicas apresentadas no 2x1, mas, enquanto o 2x1 é mais palpável e as opções são mais restritas – pois giram em torno de passe (com tabela ou sem) e condução, no 3x2 a ideia de conduzir para fixar é a mesma, mas o posicionamento dos outros dois jogadores pode variar muito e utilizar passe (com tabela ou sem), condução seguida de passe, passe seguido de condução, dinâmica do 3º homem, etc.

Esta situação (2x1/3x2) é consideravelmente mais fácil em situações sem impedimento, pois o espaço deixado às costas do adversário pode ser ocupado por um colega, antes do passe acontecer, coisa que não acontecerá em situações com impedimento.

Ao dominarmos estes princípios de gerar e aproveitar dúvidas, nós iremos dar aos nossos jogadores qualidade e entendimento para perceber como utilizar o tempo/espaço entregue na manutenção da posse de bola para entrar, com critérios, no bloco defensivo adversário e ficar de frente para a última linha e meta adversária. Chegamos dessa forma à última fase da organização ofensiva segundo o que acreditamos: referências de finalização.

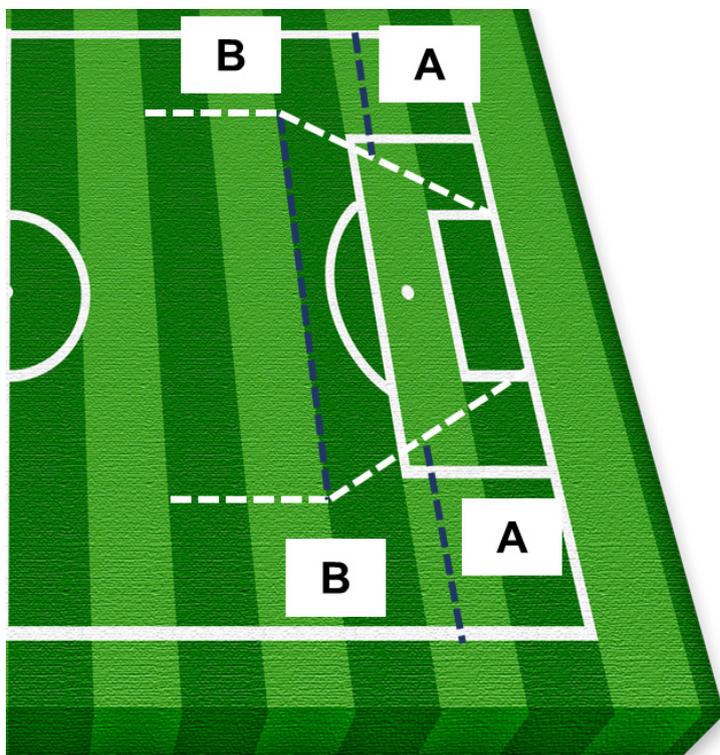
Princípios de referências de finalização

Como referido, esta etapa da organização ofensiva, na nossa opinião é a etapa mais decisiva e mais difícil de se dominar. Por isso, é necessário dar a atenção devida a estes princípios, para que possamos treinar e melhorar nossos jogadores nestas situações-chave do jogo.

Os princípios desta etapa foram estruturados de modo diferente das outras, pois não há uma sequência, ainda que nos outros a sequência seja apenas uma facilidade didática, já que, enfatizamos, várias situações e princípios devem acontecer simultaneamente. Estes princípios e estas referências que iremos citar foram construídos a partir de um estudo não publicado, realizado pelo autor, em que pesquisou e classificou todas as situações de gols das principais equipes do Campeonato Brasileiro Série A 2021, Copa São Paulo de Futebol Júnior 2022 e Campeonato Brasileiro Sub-17 e Sub-20 de 2021. Cada um destes princípios e referências atende a situações específicas de ataque e iremos debater-los a seguir:

1. referências de cruzamento: este princípio tem como ideia dar um padrão de cruzamentos para nossos jogadores, a depender da situação e zona em que ele se encontra, utilizando o campograma como noção espacial (Figura 3). São basicamente três situações de cruzamentos que mapeamos como fundamentais para nossa equipe:

Figura 3 – Referências para o cruzamento



Fonte: Elaboração dos próprios autores.

I) ao receber a bola em velocidade ao lado da área (zona A), sugere-se que o jogador busque a ação de cruzamento com bola de canal (paralela rápida de média ou baixa altura entre a linha de defesa e o goleiro adversário) ou cruzamento de retorno rasteiro, buscando jogadores entrando na área próximos à marca do pênalti/entrada da área. Caso não receba em velocidade, mas nessa zona, a ideia é que tente confronto 1x1 em progressão para ganhar espaço para cruzamento em arco ou ultrapassar o adversário, bem como retornar para um colega para buscar outra

situação de finalização ou até mesmo buscar confronto 1x1 para trás, para realizar o segundo tipo de cruzamento;

II) cruzamento de quina (zona B). Este é um cruzamento que acontece quando o jogador chega à zona A e está marcado, e então retorna para a zona B ou passa a bola para um colega que está oferecendo apoio nesta região. Pode acontecer de o jogador não estar recebendo a marcação, porém perceber que a área está muito bem preenchida pela defesa adversária. Neste caso particular, sugere-se o retorno para a zona B, para perceber se o comportamento da defesa é de saída (atraída pela bola) ou de manutenção das posições. Caso a defesa seja atraída pela bola e realize os movimentos de saída, recomenda-se que o cruzamento seja enviado para a zona do meio do gol/2ª trave. É um cruzamento muito perigoso, pois a curva da bola (quando realizada com pé trocado) dificulta a ação de corte ou interceptação do zagueiro, e com a bola indo às costas da defesa, pode encontrar parte da defesa despreparada e tendo de correr para trás atrasada;

III) em médias ou longas distâncias da área (zona B), o ideal é que se realize cruzamentos altos com o pé “certo” (pelo lado direito do ataque, com o pé direito e o contrário pelo lado esquerdo) na zona do meio do gol/2ª trave. Este também é um cruzamento perigoso, pois, como a distância é maior e a ação deve levantar a bola, a tendência é que seja difícil para o lateral do lado e, pelo menos, um dos zagueiros corte a bola. Caso nossos atacantes estejam preparados para essa situação, pode criar rapidamente uma situação de 1x1 entre nosso 9 ou ponta oposto contra o zagueiro ou lateral oposto do adversário correndo para trás;

2. referências de contra-ataque e pós-quebra de pressão: estas referências são utilizadas quando conseguimos colocar nosso jogador com bola de frente para a última linha e meta adversária e com espaço às costas da defesa, o que acontece em situações de contra-ataque e quando a equipe adversária tenta nos pressionar e tem a última linha alta.

Como já mencionamos, muitas vezes, esta é uma das principais situações para que seja possível realizarmos as seguintes ações: I) referências de 2x1/2x2/3x2/3x3 com impedimento (haverá um ponto apenas para estas situações); II) finalizações de longa distância. Esta referência é importante porque a tendência defensiva, quando sofre contra-ataque ou quebra de pressão, é correr para trás e tentar retardar a velocidade do ataque (temporizar); portanto, quando os defensores correm mais para trás do que deveriam e dão espaço para que a ação de finalização de fora seja realizada, nossa equipe deve aproveitar; III) passe lateral ou para trás para finalização. A ideia é muito semelhante à segunda, pois a vantagem de espaço é baseada na ideia de que os adversários irão tentar atrasar o ataque e temporizar, sempre indo para trás. Mesmo sem ultrapassá-los, realizando apenas passe para o lado ou para trás para um colega chegando, com espaço na frente da área, pode-se gerar espaço suficiente para uma boa finalização de fora da área;

3. referências sem pressão na bola e de cavadas: este princípio se baseia em treinar nossa equipe para que se perceba quando não há pressão na bola em zonas do último terço um pouco distantes da entrada da área, principalmente pelo corredor central. Quando não há pressão na bola, mas já estamos no último terço, nossa equipe irá

buscar movimentações de ataque à última linha de jogadores-“surpresa”. Estes jogadores “surpresa” são jogadores que, normalmente, são marcados por jogadores que não costumam defender na última linha de defesa, como, por exemplo, o meia e o ponta da equipe adversária. Portanto, nossos jogadores-“surpresa” são, na maioria das vezes, volantes e laterais. Como não há pressão na bola, a tendência é que o jogador com bola tenha um pouco mais de tempo/ espaço para que as movimentações aconteçam.

Outra referência semelhante é a de cavadas, que também devem ser realizadas para vencer a última linha com passes, a partir da mesma zona. Nem sempre nestas situações existirá muito tempo/espaço para o jogador com bola, para que possa usar a cavada com as movimentações dos jogadores-“surpresa”, mas há tempo/espaço para fazer cavadas semelhantes, tendo os jogadores de ataque para conectar o passe cavado. São situações difíceis de serem realizadas, por isso demandam muito treino e qualidade técnica, pois tanto o domínio quanto o passe ou a finalização do passe cavado serão mais complexos;

4. referências de 2x1/2x2/3x2/3x3: este é o principal e mais complexo princípio das referências de finalização. Talvez seja de se considerar treinar e exercitar situações de enfrentamentos de duas a três vezes por semana em uma semana cheia. Tem que ser dada grande importância a este princípio quanto aos princípios de desmarque, orientação corporal, etc., que atendem a questões de manutenção da posse de bola.

Este princípio trata de treinar os jogadores a realizarem com excelência os enfrentamentos de 2x1/2x2/3x2/3x3 com impedimento. Há uma infinidade de possibilidades de como vencer estas situações, pois não sabemos a zona em que o enfrentamento irá acontecer, se será em algum dos lados para gerar cruzamento ou em zonas mais centrais, que geram situações de finalização. Podemos usar várias das ações já mencionadas anteriormente sobre estes enfrentamentos sem impedimento, pois as questões da condução para fixar se mantêm as mesmas quando há impedimento. O que muda são os desmarques, a conexão entre os jogadores e o *timing* das ações.

Partindo do jogador com bola conduzindo para fixar, a ideia agora é vencer sempre para frente, já que apenas para o lado não será suficiente como poderia ser no 2x1 sem impedimento, pois, certamente, as coberturas estarão bem próximas, portanto, o jogador que conduz, ao conseguir fixar um adversário, deve perceber perfeitamente o momento em que o adversário não conseguirá mais correr para trás, caso o passe entre, nem consiga interceptar o passe. E o colega que realizar o desmarque deve perceber exatamente este momento, para que esteja se deslocando para frente, sem ficar em posição de impedimento. Há movimentos específicos que o jogador que realiza o desmarque pode fazer, para que não fique em impedimento, como o “X” do futsal (desmarque em que o jogador finge que irá passar nas costas do adversário, mas muda de direção) e o “andar na linha” ou “L” (desmarque onde o jogador, para manter sua velocidade de deslocamento, continua correndo, mas em

“cima” da linha de impedimento e muda de direção, apenas quando o passe é realizado).

Nem sempre passar será a melhor, e o portador da bola pode optar por drible e condução. Mas é importante que o jogador utilize seu colega como gerador de dúvida no marcador, ou seja, mesmo ao driblar ou conduzir, finja que vai passar a bola para o colega ou olhe para o colega de forma a dar a entender ao marcador que irá lhe passar a bola, para que ele fique com a atenção dividida entre os dois e facilite qualquer ação que o portador da bola decida realizar.

Também é fundamental que, nestas situações, sempre algum dos nossos jogadores ataque a última linha para atrair a atenção dos marcadores. Caso sejam situações com três jogadores da nossa equipe, contando com o portador da bola, um deve realizar movimento de ataque à profundidade e o outro realizar movimento de apoio, para fazer com que a última linha de defesa se desestruture de alguma forma. Estas conexões e movimentos são chave para vencer os enfrentamentos em superioridade (2x1/3x2).

Tudo isto mencionado também é importante para vencer os confrontos em igualdade numérica (2x2/3x3). Porém, aqui há dois comportamentos que são específicos para resolver problemas destes enfrentamentos em igualdade ou inferioridade numérica: o primeiro é o portador da bola e os colegas perceberem rapidamente quem é o adversário que o está marcando e qual está marcando cada um de seus colegas. Ao entender isto, o portador deve decidir fixar e conduzir para cima do marcador de algum dos seus colegas, fazendo com que o adversário que o está

marcando perca o “encaixe” e tenha que fazer cobertura do outro (normalmente a cobertura é realizada em uma diagonal em relação ao jogador que pressiona, portanto, se é uma diagonal, a cobertura pende para um lado, o outro lado, que, normalmente, é o de fora, fica sem cobertura), transformando momentaneamente a situação em um 2x1 ou 3x2 a nosso favor, mesmo que por um tempo muito curto e apenas por um lado do confronto, até porque a cobertura do jogador ainda estará lá.

Há também a possibilidade de o colega sem bola atacar as costas do marcador do portador da bola, também fazendo com que o primeiro adversário se transforme em cobertura. Perceba-se que isto pode funcionar até numa relação entre o ponta e o centroavante (dois jogadores) contra uma linha de quatro, quando o ponta está com a bola e o centroavante ataca as costas do lateral adversário, a tendência é que o zagueiro que estava marcando o centroavante se transforme em uma cobertura por dentro, e nossa equipe possa criar um 2x1 em cima do lateral com uma clara vantagem para colocar a bola por fora, já que é o lado no qual a cobertura não está.

O segundo comportamento-chave em enfrentamentos com igualdade ou inferioridade numérica é um movimento de pivô, com o intuito similar ao utilizado no handebol: criar vantagem numérica em curto espaço. Explicamos: se nosso meia está de frente para a última linha adversária, com um zagueiro que o aborda e mais nosso centroavante marcado pelo outro zagueiro (situação de 2x2), a ideia é que o centroavante utilize seu corpo para bloquear seu marcador de fechar a linha de passe entre o meia e ele, de

forma a que a bola chegue ao centroavante com tempo/espaço reduzidos, mas talvez suficiente para dar, no máximo, um ou dois toques curtos, sustentando o marcador nas suas “costas”.

Considerações finais

De maneira detalhada, esta é a forma como vemos a fase da organização ofensiva da nossa equipe e que não é absoluta ou definitiva. É fundamental perceber que isto representa o que o autor percebe como ideal, atendendo a seus gostos e à forma como entende ser mais eficiente e eficaz; é imprescindível que os leitores utilizem isto como referência para que criem seus próprios princípios, referências e ideias e que possam representar fidedignamente o que acreditam ser melhor para o jogo, sem utilizar “receitas de bolo”, apenas referências.

Referências

CASTELO, J. **Futebol**: organização dinâmica do jogo. 3. ed. Lisboa: Edições Universitárias Lusofonas, 2009.

GARGANTA, J. **Modelação da dimensão táctica do jogo de futebol**. 1997. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto e Educação Física) – Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 1997.

GARGANTA, J.; GRÉHAIGNE, J. F. Abordagem sistêmica do jogo de futebol: moda ou necessidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 5, n. 10, p. 40-50, 1999.

LEITÃO, R. A. A. **O jogo de futebol**: investigação de sua estrutura, de seus modelos e da inteligência de jogo, do ponto de vista da complexidade. 2009. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

MARTINS, A. **Modelo de jogo**: contextos e práticas de treinadores de alto rendimento. Natal: Editora Primeiro Lugar, 2020.

TAMARIT, X. **Periodización táctica vs periodización táctica**: Vítor Frade aclara. Madrid: Management Business Football, 2013.

TEOLDO, I.; GUILHERME, J.; GARGANTA, J. **Para um futebol jogado com ideias**: concepção, treinamento e avaliação do desempenho tático de jogadores e equipes. Curitiba: Appris, 2015.

Apoios para a realização desta obra

O desenvolvimento do futebol em nosso País assume papel que transcende o campo esportivo, devido ao seu grande impacto social. Neste contexto, considerando a importância desta obra para a modalidade, gostaríamos de agradecer ao Programa Academia e Futebol, à Universidade Federal de Santa Catarina e a todos os profissionais que contribuíram para a publicação desta obra, que terá um impacto positivo na formação dos profissionais que atuam e/ou atuarão na modalidade.



Sobre os autores

Alberto Lobato Góes Júnior é graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Amazonas. Atualmente realiza mestrado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas. É membro do Laboratório de Estudos em Pedagogia do Esporte (Lepe). Seus principais interesses de pesquisa envolvem as análises notacionais e dados posicionais voltados ao futebol.

Alcides José Scaglia é graduado, mestre e doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é livre docente em Pedagogia do Esporte e Pedagogia do Jogo pela Universidade Estadual de Campinas, professor permanente no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Faculdade de Educação Física da Unicamp e corresponsável pelas pesquisas do Laboratório de Estudos em Pedagogia do Esporte (Lepe). Seus principais interesses de pesquisa perpassam a Educação Física escolar, o jogo e a pedagogia do esporte, metodologia de ensino-aprendizagem-treinamento dos jogos coletivos de invasão, futebol da iniciação ao treinamento e pedagogia do jogo.

Álvaro Martins é graduado em Ciências do Desporto pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. É especialista em futebol pela Universidade Federal de Viçosa e mestre em Treino de Alto Rendimento pela Faculdade de Motricidade Humana, na Universidade de Lisboa. É autor do livro *Modelo de jogo: contextos e práticas de treinadores de alto rendimento*. Atuou como treinador na Dragon Force do FC Porto, estagiou na categoria Sub-15

do Boavista FC (Portugal) e foi analista de desempenho do Ceará SC. Neste mesmo clube, foi treinador das equipes Sub-15 e Sub-17. Desempenhou ainda a função de treinador da categoria Sub-20 do Floresta EC, onde sagrou-se campeão cearense da categoria e foi auxiliar técnico da equipe profissional, conquistando o vice-campeonato da série D do Campeonato Brasileiro e o acesso para a Série C. Atualmente, trabalha como auxiliar técnico da categoria Sub-17 do Cruzeiro EC.

Carlos Ewerton Palheta é graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Amazonas, mestre e doutorando em Teoria e Prática Pedagógica, no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. É membro do Núcleo de Pesquisa em Pedagogia do Esporte e Laboratório de Pedagogia do Esporte (Nuppe/Lape – UFSC).

Cristóvão de Oliveira Abreu é graduado em Educação Física pela Faculdade Estácio de Sá, especialista em Metodologia do Treinamento em futebol e futsal pela Universidade Gama Filho e, atualmente, cursa o mestrado em Ciências do Esporte, na Universidade Federal de Minas Gerais.

Gabriel Bussinger é graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina. Possui três especializações, sendo elas em Ciências do Treinamento no Futebol pela Universidade Estácio de Sá, Gestão de Pessoas pela Anhanguera Educacional e Gestão do Futebol pela Universidade do Futebol. É mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina. Recentemente,

atuou como treinador do Sub-17 do Santos FC (2021-22). Em sua passagem pelo Avaí FC, foi treinador das categorias de base e auxiliar técnico da equipe profissional. Em sua vivência internacional, destacou-se como treinador no FC Djursland/BFC na Dinamarca. Atualmente, é diretor de Futebol e Metodologia do Sfera FC, professor na CBF Academy, autor do curso de Formação e Desenvolvimento do Treinador e do *podcast* “Diário do Treinador”.

Gibson Moreira Praça é graduado, mestre e doutor pela Universidade Federal de Minas Gerais. É membro do Centro de Estudos de Cognição e Ação (Ceca) e pesquisador no UFMG *Soccer Science Center*. Atualmente, é professor no Departamento de Esportes e no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Esporte da Universidade Federal de Minas Gerais. Seus principais interesses de pesquisa são: métodos e modelos de ensino dos esportes coletivos, análise de jogo no futebol e futsal e pequenos jogos no futebol.

João Bosco Gomes Lima Junior é licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Amazonas. Atualmente é aluno de mestrado no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas e membro do Laboratório de Estudos em Pedagogia do Esporte (Lepe).

João Cláudio Machado é graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Amazonas, mestre em Treino de Alto Rendimento Desportivo pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto e doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas. É

coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Futebol (NEPFut) e membro do Laboratório de Estudos em Desempenho Humano (Ledehu). Atualmente, é professor na Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal do Amazonas e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Ufam. Desenvolve trabalhos na área da pedagogia do esporte e treinamento esportivo, com ênfase no futebol e nos jogos esportivos coletivos.

José Guilherme é graduado em Educação Física pela Universidade do Porto, Portugal, mestre e doutor em Ciências do Esporte pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Em sua atividade profissional, destaca-se o trabalho como treinador-adjunto de futebol na Seleção Nacional Portuguesa na Copa do Mundo Fifa 2010 e treinador dos Sub-20, Sub-18, Sub-17 e Sub-16 da Federação Portuguesa de Futebol, bem como sua atuação como treinador de futebol no FC Porto B, Sub-19, Sub-17 e Sub-15, na AA Coimbra e no SC Espinho. Atua como professor auxiliar na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto e leciona nos cursos de formação de treinadores da Federação Portuguesa de Futebol para os níveis *UEFA Advanced*, bem como das Licenças A e B da *CBF Academy*. Atualmente, é diretor Desportivo Nacional Adjunto da Federação Portuguesa de Futebol. Seus principais interesses de pesquisa envolvem as dimensões tático-técnicas e o ensino e treino do futebol.

Leandro Teixeira Floriano é graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina, especialista em Fisiologia do Exercício pela Universidade Gama

Filho e mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina. Como professor universitário, lecionou na Universidade Federal de Santa Catarina, na Universidade do Estado de Santa Catarina e na Universidade do Vale do Itajaí. Atuou ainda como preparador físico de futebol no Avaí FC e como treinador nas categorias de base do SC Corinthians Paulista e Figueirense FC. Recentemente, trabalhou como coordenador de modelo de jogo e metodologia de treinamento no Club Athletico Paranaense e coordenador técnico das categorias de base do Fortaleza EC. Atualmente, é coordenador técnico das categorias de base do Cruzeiro EC.

Leandro Zago é bacharel em Treinamento em Esportes pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. MBA em Gestão de Pessoas pela Faculdade Anhanguera e Especialização em Psicologia de Alto Rendimento pela *Barça Innovation Hub*. Trabalhou como treinador da equipe principal no Botafogo FC e no Joinville EC. Como treinador das categorias de formação, vinculou-se ao Clube Atlético Mineiro, à AA Ponte Preta, Associação Ferroviária de Esportes e ao SC Corinthians Paulista. Auxiliar técnico nas equipes do SE Palmeiras, Pão de Açúcar EC e Desportivo Brasil. É instrutor na Licença A da *CBF Academy* e realizou estágio na equipe do Manchester United FC.

Lucas Barreto Klein é graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestre e doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Atuou como treinador das categorias de base do Avaí FC

e do Figueirense FC. Atualmente, é membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea (CED) e coordenador técnico da base do Figueirense FC. Seus principais interesses de pesquisa envolvem a relação entre esporte, cultura e sociedade.

Lucas Shoiti Carvalho Ueda é graduado em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá. É mestrando em Teoria e Prática Pedagógica pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina e membro do Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento do Futebol e do Futsal (Nupedeff). Seus interesses de pesquisa envolvem a pedagogia do esporte, a análise notacional, as metodologias de ensino e treino do futebol e do futsal e a iniciação esportiva.

Michél Angillo Saad é graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria, RS, mestre e doutor em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina. É membro do Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento do Futebol e do Futsal (Nupedeff) e professor no Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. Seus principais interesses de pesquisa incluem a pedagogia do esporte, o treinamento da técnica, da tática, avaliação tático-técnica, do processo de ensino-aprendizagem-treinamento e iniciação esportiva, com ênfase no futebol e no futsal.

Otávio Baggio Bettega é graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria, RS, especialista em Atividade Física, Desempenho Motor e Saúde pela Universidade Federal de Santa Maria, RS, mestre no

Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina e doutor no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Possui experiência como treinador de futebol e futsal em categorias de base e como preparador físico em equipe profissional de futebol. Atualmente, é treinador da equipe Sub-15 do Fortaleza EC.

Paulo Henrique Borges é graduado em Educação Física pela Universidade Estadual de Maringá, com período sanduíche na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Possui mestrado e doutorado em Educação Física pelo Programa de Pós Graduação Associado em Educação Física UEM/UEL. Atua como docente no Departamento de Educação Física e no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina. É membro do Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento do Futebol e do Futsal (Nupedeff/UFSC), do Grupo de Estudos e Pesquisas Aplicadas em Futebol (Gepafut/UEM) e do Grupo de Estudo e Pesquisa em Atividade Física e Exercício (Gepafe/UEL). Seus principais interesses de pesquisa incluem a pedagogia do esporte, a metodologia observacional e o treino de jovens jogadores no futebol e no futsal.

Rodrigo Freire de Almeida é um ex-futebolista profissional. É graduado e mestre em Ciências do Desporto pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Portugal, e em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutorado em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo. É membro do Grupo de Pesquisa de Fisiologia Muscular e Performance

Humana, Grupo de Estudo de Neuromodulação do Centro de Ciências Fisiológicas da UFES e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ciências no Futebol (Gecif). Atuou como treinador na *Dragon Force do FC Porto*, nas categorias de base do Fragata FC e Botafogo de Futebol e Regatas, bem como foi auxiliar técnico no futebol profissional (Villa Nova AC) e treinador principal no Tupy FC. Atualmente, é diretor técnico do *Kafue Celtics Football Club*, em Zâmbia.

A Universidade de Caxias do Sul é uma Instituição Comunitária de Educação Superior (ICES), com atuação direta na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Tem como mantenedora a Fundação Universidade de Caxias do Sul, entidade jurídica de Direito Privado. É afiliada ao Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas - COMUNG; à Associação Brasileira das Universidades Comunitárias - ABRUC; ao Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras - CRUB; e ao Fórum das Instituições de Ensino Superior Gaúchas.

Criada em 1967, a UCS é a mais antiga Instituição de Ensino Superior da região e foi construída pelo esforço coletivo da comunidade.

Uma história de tradição

Em meio século de atividades, a UCS marcou a vida de mais de 100 mil pessoas, que contribuem com o seu conhecimento para o progresso da região e do país.

A universidade de hoje

A atuação da Universidade na atualidade também pode ser traduzida em números que ratificam uma trajetória comprometida com o desenvolvimento social.

Localizada na região nordeste do Rio Grande do Sul, a Universidade de Caxias do Sul faz parte da vida de uma região com mais de 1,2 milhão de pessoas.

Com ênfase no ensino de graduação e pós-graduação, a UCS responde pela formação de milhares de profissionais, que têm a possibilidade de aperfeiçoar sua formação nos programas de Pós-Graduação, Especializações, MBAs, Mestrados e Doutorados. Comprometida com excelência acadêmica, a UCS é uma instituição sintonizada com o seu tempo e projetada para além dele.

Como agente de promoção do desenvolvimento a UCS procura fomentar a cultura da inovação científica e tecnológica e do empreendedorismo, articulando as ações entre a academia e a sociedade.

A Editora da Universidade de Caxias do Sul

O papel da EDUCS, por tratar-se de uma editora acadêmica, é o compromisso com a produção e a difusão do conhecimento oriundo da pesquisa, do ensino e da extensão. Nos mais de 1000 títulos publicados é possível verificar a qualidade do conhecimento produzido e sua relevância para o desenvolvimento regional.



Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code:



“A identidade do futebol brasileiro possui elementos como a criatividade, arte e a qualidade técnica. No entanto, como manifestá-las na atualidade, quando as organizações defensivas das equipes estão cada vez mais sólidas, compactas e pressionantes? Em minha opinião, o ponto de partida passa pela clareza (e domínio dos detalhes) na forma como se pretende atacar, respeitando a natureza complexa, caótica e imprevisível do jogo e dos jogadores. Obras como esta, que aprofundam os conceitos da organização ofensiva do jogo de futebol, contribuem, significativamente, para que estudantes e profissionais reflitam sobre seus próprios pontos de partida e o quanto suas respectivas formas desejadas de atacar potencializam a nossa cultura e nossos talentos” (Eduardo Barros – treinador).

“No ano de 1993, decidi me tornar um treinador de futebol. A partir daquele momento, procurei ferramentas que falassem sobre metodologias do ensino do futebol. Minha busca foi em vão, pois não encontrei materiais capazes de me permitir visualizar um caminho a ser seguido. Diante disso, a minha formação inicial foi quase intuitiva. Hoje, ao me deparar com esta obra, tenho a certeza de que ela servirá de fonte de inspiração e guiará os amantes do ‘esporte das multidões’ a conhecerem a fundo os conceitos da escola de futebol brasileira”. (Hemerson Maria – treinador)